

**OBRAS
DE SANTA TERESA
DE JESUS**

TOMO IV

**CASTELO INTERIOR
OU MORADAS**

EDITORA VOZES LTDA.

OBRAS DE SANTA TERESA DE JESUS

TOMO IV

OBRAS DE SANTA TERESA DE JESUS

TRADUZIDAS PELAS CARME-
LITAS DESCALÇAS DO CON-
VENTO DE SANTA TERESA
DO RIO DE JANEIRO

TOMO IV

EDITORA VOZES LIMITADA, PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO.

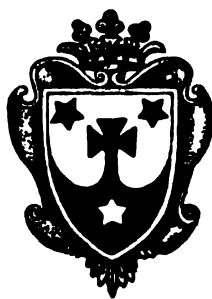
SANTA TERESA DE JESUS

TOMO IV

CASTELO INTERIOR
OU MORADAS

TRADUÇÃO DO TEXTO ORIGINAL
SEGUNDO A EDIÇÃO CRÍTICA
DO R. P. FREI SILVÉRIO
DE SANTA TERESA, CARMELITA
DESCALÇO

II EDIÇÃO



1956

EDITORA VOZES LIMITADA, PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 11-VIII-1956.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

J. H. S.

ESTE TRATADO QUE TEM POR TITULO

CASTELO INTERIOR

FOI ESCRITO POR TERESA DE JESUS, MONJA DE NOSSA
SENHORA DO CARMO, PARA SUAS IRMÃS E FILHAS, AS
MONJAS CARMELITAS DESCALÇAS¹.

1) Estas linhas foram escritas pela própria Santa na primeira página das "Moradas".

O CASTELO INTERIOR

J. H. S.

Entre as ordens que da obediência tenho recebido, poucas se me afiguraram tão dificultosas como ter de escrever agora sobre assuntos de oração; de uma parte porque, segundo me parece, não me dá o Senhor espírito nem impulso para fazê-lo; de outra, por andar há três meses com tanta zoadá e fraqueza na cabeça, que me custa escrever até para os negócios indispensáveis. Entendendo, porém, que a força da obediência costuma facilitar o que parece impossível, determino-me de muito boa vontade a empreender o trabalho, embora a natureza se aflija bastante. E' que não recebi do Senhor tanta virtude, que possa pelear com enfermidades contínuas e múltiplas occupações sem experimentar grande contradição no interior. Assista-me com sua graça Aquele que outras coisas mais difíceis tem feito em meu favor, e em cuja misericórdia confio.

Pouco mais saberei dizer, penso, do que em outros escritos que por obediência tenho tido ocasião de fazer; e até receio repetir quase as mesmas coisas. Com efeito, assim como os pássaros aos quais se ensina a falar não sabem mais que as palavras que aprendem ou sempre ouvem, e só estas repetem muitas vezes, assim acontece comigo, ao pé da letra. Se aprouver ao Senhor que eu diga alguma coisa nova, Sua Majestade a dará; ou se dignará trazer-me à memória o que me fez dizer de outras vezes, e com isto já me contentaria, pois sou muito pouco lembrada e folgaria de atinar com alguns pontos que, segundo disseram, estavam bem explicados e talvez se tenham perdido. Se nem esta graça me conceder o Senhor, e

ainda que ninguém tire proveito das minhas palavras, ficarei com o lucro de me ter cansado, e aumentado minha dor de cabeça por amor da obediência.

E, assim, começo a cumpri-la hoje, festa da Santíssima Trindade do ano de 1577¹, neste mosteiro de São José do Carmo de Toledo onde atualmente estou, sujeitando-me, em tudo o que disser, ao parecer dos que me mandam escrever, que são pessoas muito douradas. Se alguma coisa não estiver conforme à doutrina da Santa Igreja Católica Romana, será por ignorância, e não por malícia; isto se pode ter por certo. Igualmente protesto que sempre estou, e estive no passado, e estarei no futuro sujeita à Santa Igreja, pela bondade de Deus. Seja Ele para sempre bendito e glorificado. Amém.

Disse-me quem me mandou escrever, que estas monjas dos nossos mosteiros de Nossa Senhora do Carmo têm necessidade de quem lhes esclareça algumas dúvidas em matéria de oração, e, visto as mulheres se entenderem melhor umas às outras, e terem-me estas Irmãs tanto amor, era de opinião que ninguém lhes poderia fazer tanto bem como eu, se acertar a dizer alguma coisa. Por esta causa, julga de alguma importância esta obra. Irei, pois, falando com elas em tudo o que escrever: aliás seria desatino pensar em fazer bem a outras pessoas. Não pequena mercê me fará Nosso Senhor se a alguma delas servir isto para o louvar um pouquinho mais. Bem sabe Sua Majestade que não tenho outra ambição. Está muito claro que se me for dado atinar em algum ponto, entenderão todas que não vem de mim; nem há motivo para pensar de outro modo, a não ser que tenha alguma tão pouco entendimento como eu habilidade para coisas semelhantes quando o Senhor, por sua misericórdia, não ma concede.

1) 2 de Junho de 1577.

PRIMEIRAS MORADAS.

HA NELAS DOIS CAPITULOS.

CAPÍTULO I

Em que trata da formosura e dignidade de nossas almas. Faz uma comparação, para explicá-la, e diz quanto é proveitoso entender esta verdade e ter conhecimento das mercês que recebemos de Deus. A porta deste castelo é a oração.

Estando eu hoje a suplicar a Nosso Senhor que falasse por mim, porque não achava assunto nem sabia como principiar a cumprir esta ordem, veio-me à idéia o que agora direi, para começar com algum fundamento. Consideremos nossa alma como um castelo feito de um só diamante ou do mais limpo cristal, onde existem numerosos aposentos, assim como no Céu há muitas moradas.¹ De fato, se refletirmos bem, Irmãs, veremos que a alma do justo é nada menos que um paraíso onde o Senhor, como Ele mesmo diz, acha suas delícias. Pois, que vos parece? Que tal será o aposento onde se deleita Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro, tão rico de todos os bens? Não acho coisa a que se possa comparar a grande formosura de uma alma e sua imensa capacidade. E, verdadeiramente, não devem chegar a compreendê-la bem nossos entendimentos, por agudos que sejam, assim como não podem chegar a compreender a Deus, pois Ele mesmo diz que nos criou à sua imagem e seme-

1) *In domo Patris mei mansiones multae sunt* (Jo 14, 2).

2) *Deliciae meae esse cum filiis hominum* (Prov 8, 31).

lhança. ³ E, pois isto é verdade, — e não pode haver dúvida, — não nos cansemos em tentar compreender a formosura deste castelo. Embora haja entre ele e Deus a diferença que vai de criatura a Criador — pois, em suma, é coisa criada, — basta Sua Majestade afirmar que o fez à sua imagem, para podermos imaginar de longe a grande dignidade e formosura da alma.

Não pequena lástima e confusão é não nos entendermos a nós mesmos, por nossa culpa, nem sabermos quem somos. Não seria grande ignorância, minhas filhas, se, perguntando eu a alguém: quem é? não se conhecesse, nem soubesse dizer quem foi seu pai, nem sua mãe, nem a terra em que nasceu? Seria isto mais de animal que de homem! ⁴ Pois bem, maior sem comparação é a nossa insensatez quando não procuramos conhecer nosso valor, e concentramos toda a atenção no corpo. Só por alto, porque o temos ouvido dizer e porque a fé no-lo ensina, sabemos que a nossa alma existe; mas quantos bens pode haver nesta alma, seu grande valor, e quem nela habita — eis o que raras vezes consideramos. O resultado é que muito pouco lhe procuramos conservar a beleza; todos os desvelos se nos consomem no grosseiro engaste ou cerca deste castelo, que são estes nossos corpos.

Pois consideremos que tem este castelo, como já disse, muitas moradas: umas no alto, outras em baixo, outras dos lados. No centro, no meio de todas, está a principal, que é onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma. E' mister que estejais bem atentas a esta comparação. Talvez seja Deus servido de que, por meio dela, vos possa eu dar a entender algumas das mercês que se digna o Senhor conceder aos seus queridos, e a diferença que existe entre as mesmas. Isto pretendo explicar até onde me foi dado entender que é possível: pois são tantas, que ninguém será capaz de as abranger totalmente, e muito me-

3) *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram* (Gên 1, 26).

4) O original diz: *gran bestialidad*.

nos eu, que sou tão ruim! Quando o Senhor vo-las fizer, sentireis grande consolo sabendo que Ele as pode fazer; e quem as não experimentar terá motivo para o bendizer por sua infinita bondade. Assim como não nos faz mal a consideração da glória do Céu e do gozo dos bem-aventurados, antes nos causa alegria e nos estimula a conquistar o que eles gozam, — assim também não nos poderá prejudicar o vermos que, neste desterro, é possível comunicar-se tão grande Deus a vermezinhos. tão asquerosos. Será motivo para nos fazer amar uma Bondade tão excessiva, uma Misericórdia tão sem limites. Quem se escandalizar de ouvir que faz Deus tais mercês neste exílio, tenho por certo, estará muito desprovido de humildade e amor do próximo. A não ser assim, como não nos alegrarmos de que faça Deus estes favores a um irmão nosso, pois isto não impede que no-los faça também a nós, e que dê Sua Majestade a entender suas grandezas, seja em quem for? Sim, porque algumas vezes agirá deste modo só para as manifestar, como declarou a respeito do cego a quem deu vista, quando lhe perguntaram os Apóstolos se aquela cegueira era por causa dos pecados dele ou pelos de seus pais.⁵ E assim acontece fazer o Senhor estes favores a certas almas não por serem mais santas que as outras, senão para dar a conhecer as grandezas divinas — como por exemplo, a São Paulo e à Madalena — e para que O louvemos em suas criaturas.

Poder-se-á objetar que tais coisas parecem impossíveis, e, portanto, convém não scandalizar os fracos. E' menor mal que estes não creiam! Pior seria deixar de esclarecer as almas favorecidas por Deus, as quais ficarão consoladas e estimuladas a amar sempre mais Aquele que, possuindo tão grande poder e majestade, usa com elas de tanta misericórdia. Tanto mais que, estou certa, não haverá este perigo, pois dirijo-me a almas que sabem e crêem que Deus dá ainda muito maiores mostras de amor. O que posso afir-

5) Cf. Jo 9, 2.

mar é que nunca o verá por experiência quem se recusar a crer, porque é muito amigo o Senhor de que se não ponha limitação a suas obras. Portanto, Irmãs, jamais aconteça isto àquelas que não forem levadas por este caminho.

Tornando agora ao nosso formoso e ameno castelo, vejamos como havemos de fazer para penetrar no seu interior. Parece disparate falar deste modo, porquanto se a própria alma é o castelo, como há de entrar nele, sendo ambos uma só coisa? À primeira vista é desatinado, como seria dizer a alguém que entre numa sala, quando já está nela. Mas ficai sabendo que pode haver grande diferença entre estar e estar: há muitas almas que andam rondando o castelo, nos arredores onde montam guarda as sentinelas, e nada se lhes dá de penetrar nele. Não sabem o que existe em tão preciosa mansão, nem quem mora nela, nem mesmo as salas que contém. Não tendes lido que alguns livros de oração aconselham à alma a entrar dentro de si mesma? Pois é este o meu pensamento.

Dizia-me, há pouco tempo, um grande letrado que são semelhantes as almas que não têm oração a um corpo entrevado ou paralítico, o qual, embora tenha pés e mãos, não os pode mover. E' bem verdade. Encontram-se algumas tão enfermas e habituadas a engolfar-se nas coisas exteriores, que parece não haver remédio nem possibilidade de as fazer entrar dentro de si. E' tal a força do costume, que, de continuamente tratarem com os reptis e sevandijas que estão à roda do castelo, já se tornaram quase semelhantes a eles, e, embora de tão rica natureza, capazes de ter sua conversação não menos que com Deus, não há remédio que lhes valha. Tais almas, se não procurarem entender e remediar sua extrema miséria, tornar-se-ão como estátuas de sal, em razão de não olharem para seu interior. Assim aconteceu à mulher de Ló por ter voltado os olhos para trás. *

6) Cf. Gên 19, 26.

Tanto quanto posso entender, a porta para entrar neste castelo é a oração e consideração; não me refiro à mental mais que à vocal, pois desde que seja oração, há de ser acompanhada de advertência. Por certo! Se alguém não adverte com quem está falando, e o que pede, e quem é o que pede e a quem, — por mais que mexa com os lábios, não chamo a isto oração, conquanto o possa ser algumas vezes, quando se trata de almas que geralmente têm cuidado de rezar bem. Mas ter costume de falar à Majestade de Deus como quem fala a um escravo, dizendo o que vem à boca por havê-lo decorado ou repetido muitas vezes, sem mesmo reparar se está certo, — a isto não tenho em conta de oração. Não permita Deus que algum cristão reze deste modo! Entre vós, Irmãs, espero em Sua Majestade não haverá tal, pois o costume que temos de tratar de coisas interiores é muito bom para não cair em semelhante bruteza.⁷

Não falemos, pois, a essas almas tolhidas que, se o mesmo Senhor não vier mandar-lhes que se levantem, como ao enfermo que jazia há trinta anos⁸ na piscina, são bem desventuradas e correm grande perigo. Dirijamo-nos a outras almas que, enfim, entram no castelo. Estão ainda muito metidas no mundo, mas têm bons desejos e de longe em longe se encomendam a Nosso Senhor e refletem sobre si mesmas, não muito demoradamente. No espaço de um mês, rezam um dia ou outro, cheias de mil negócios, e quase de ordinário ocupando nestes o pensamento, porque estão muito apegadas e o coração se lhes vai para onde têm o seu tesouro.⁹ Procuram, todavia, desocupar-se de quando em quando; e é já grande coisa o próprio conhecimento e o ver que não vão bem, para atinarem por fim com a porta. Em suma, penetram nas primeiras salas de baixo, mas tantos sevandijas entram juntamente com elas, que nem lhes deixam ver a formo-

7) Bestialidad.

8) Jo 5, 5. No texto sagrado se lê trinta e oito.

9) Ubi enim est thesaurus tuus, ibi est cor tuum. (Mt 6, 21).

sura do castelo, nem mesmo sossegar. Entretanto, já muito fazem em haver entrado.

Parecer-vos-á, filhas, que é isto impertinência, pois pela bondade do Senhor não sois deste número. Tende paciência! A não ser deste modo não saberei explicar, como tenho entendido, algumas coisas interiores de oração. E praza a Deus que, ainda assim, atine a dar-vos alguma idéia do que vos quero declarar, pois é difícil de entender quando não há experiência. Se, porém, a tiverdes, vereis que não posso deixar de fazer menção de certos pontos que permita o Senhor, por sua misericórdia, nunca nos digam respeito.

CAPÍTULO II

Trata de quanto é feia a alma que está em pecado mortal e de como aprouve a Deus dá-lo a entender em parte a uma pessoa. De passagem fala também sobre o próprio conhecimento. E' de proveito, porque encerra alguns pontos dignos de nota. Diz como se hão de entender estas moradas.

Antes de passar adiante, façamos uma consideração. Que será ver este castelo tão resplandecente e formoso, esta pérola oriental, esta árvore de vida plantada nas águas vitais da mesma Vida, que é Deus, quando se comete um pecado mortal? Não há trevas mais densas, nem coisa tão escura e negra: a tudo excede em escuridão. Basta dizer que, estando ainda no centro da alma o mesmo Sol, que lhe dava tanto resplendor e formosura, é como se aí não estivera. Sim, porque ela não participa mais da luz divina, conquanto seja capaz de gozar de Sua Majestade — como o cristal é apto para refletir o esplendor do sol. Nada lhe aproveita; todas as boas obras que faz, estando assim em pecado mortal, são de nenhum fruto para alcançar a Glória, porquanto, procedendo não daquele Princi-

pio pelo qual é virtude nossa virtude, — isto é, de Deus, — senão de uma alma apartada d'Ele, não podem ser agradáveis aos divinos olhos. De fato, a intenção de quem comete o pecado mortal não é, em suma, contentar ao Senhor, e sim dar prazer ao demônio; e sendo este as mesmas trevas, torna-se a pobre alma toda tenebrosa como ele.

Sei de uma pessoa ¹ a quem se dignou Nosso Senhor mostrar como fica uma alma quando peca mortalmente. Diz ela que, segundo lhe parece, se todos o entendessem não haveria um só homem capaz de pecar, ainda que tivesse de sūjeitar-se aos maiores trabalhos para fugir das ocasiões. Desde então lhe deu imenso desejo de que todos o soubessem, e o mesmo tende vós, filhas, de rogar muito a Deus pelos que se acham nesse estado, reduzidos a completa escuridão, tanto eles como suas obras. Com efeito, assim como são límpidos todos os arroios que manam de uma fonte muito clara, assim as obras da alma em estado de graça em extremo também são agradáveis aos olhos de Deus e aos dos homens, porquanto procedem dessa fonte de vida onde está a alma, à semelhança de uma árvore plantada à beira de um rio, a qual não teria frescor e frutos se não fora a vizinhança das águas que a sustentam e lhe dão viço e a cobrem de pomos deliciosos. E, pelo contrário, a alma que por sua própria culpa se aparta desta fonte e lança raízes em outra de águas extremamente negras e fétidas, tudo quanto produz é só desventura e imundícia.

Aqui havemos de considerar uma coisa: a fonte, ou por melhor dizer, aquele Sol resplandecente que brilha no centro da alma, sempre está dentro dela; não perde seu fulgor e formosura, e nada poderia diminuir-lhe a beleza. Ela, porém, é como um cristal sobre cuja superfície alguém houvesse estendido um pano muito negro. E' evidente que, embora sobre ele

1) A própria Santa. Relação XXIV. (Ver Apêndice I e tomo V da presente edição).

dardejasse o sol, não fariam seus raios resplandecer o cristal.

O' almas remidas pelo Sangue de Jesus Cristo! compreendei vosso estado e tende compaixão de vós mesmas! Como é possível que, entendendo estas verdades, não procureis tirar de vós o pecado — esse piche que obscurece o cristal? Pensai bem: se a vida se vos acaba, jamais tornareis a gozar deste Sol! O' Jesus! e que espetáculo o de uma alma apartada de Vós! Como ficam os pobres aposentos do castelo! Quão perturbados andam os sentidos, que são a gente que aí vive! E as potências — que representam os alcaides, mordomos e mestres-sala — com que cegueira, com que mau governo desempenham suas funções! Em uma palavra: se é o demônio o terreno onde está plantada a árvore, — que fruto pode dar?

De um homem espiritual ouvi certa vez que não se espantava dos excessos cometidos por quem está em pecado mortal, mas sim dos que deixa de cometer. Deus, por sua misericórdia, nos livre de tão grande mal, pois nesta vida não há coisa que mereça este nome. senão esta, que nos acarreta males eternos e para sempre. Isto, filhas, é o que nos deve fazer andar temerosas e o que havemos de pedir a Deus em nossas orações, porque se Ele não guardar a cidade²⁾, em vão trabalharemos, pois somos a mesma vaidade. Afirmava aquela pessoa à qual me referi atrás, que dois proveitos havia tirado da mercê recebida de Deus. Primeiro, um temor grandíssimo de O ofender, e assim, considerando tão terríveis danos, sempre andava suplicando ao Senhor que não a deixasse cair. Segundo, um espelho de humildade, vendo como nenhuma coisa boa que façamos tira de nós princípio, senão dessa fonte em cuja ribeira está plantada a árvore de nossas almas, e desse divino Sol que a nossas obras dá calor. Representou-se-lhe isso tão claramente que, em fazendo alguma boa ação, ou vendo-a

2) Sl 126. 2. Nisi Dominus custodierit civitatem, frustra vigilat qui custodit eam.

fazer a outros, acudia Aquele que é princípio de todo bem, e compreendia como sem esta ajuda, de nada somos capazes. Daqui lhe procedia prorromper logo em louvores a Deus, e, as mais das vezes, nem se lembrar de si em qualquer coisa boa que fizesse.

Não seria tempo perdido, Irmãs, o que gastássemos, vós em lerdes e eu em escrever isto, se nos ficassem estes dois ensinamentos. Os entendidos e letrados muito bem o conhecem, mas a ignorância das mulheres tem necessidade de tudo quanto há, e talvez por isso queira o Senhor que venham a nosso conhecimento semelhantes comparações. Praza à sua bondade conceder-nos graça para tirarmos fruto!

Quão obscuras e difíceis de entender são estas matérias do interior da alma! Quem tão pouco sabe como eu, forçosamente há de dizer muitas coisas supérfluas e até disparatadas antes de acertar com alguma que preste. E' mister armar-se de paciência quem o ler, assim como eu o faço para escrever o que está acima de meu alcance. Certo é que algumas vezes, tomo nas mãos o papel como uma criatura boba, sem saber o que dizer nem por onde começar. Mas bem entendo quanto é importante explicar, o melhor que puder, alguns pontos da vida interior. De fato, sempre ouvimos falar da excelência da oração, e pelas nossas Constituições estamos obrigadas a ela durante tantas horas; mas só nos pregam sobre aquilo que podemos fazer por nós mesmas. Dos prodígios que Deus opera nas almas — digo, por via sobrenatural — pouco se fala. Entretanto se alguém no-lo explicar e fizer compreender por diversas maneiras, ser-nos-á de muito consolo o considerarmos este edifício interior e celestial, tão pouco entendido dos mortais, embora o vejam por fora. E' verdade que em outros escritos que tive ocasião de fazer, deu o Senhor alguma luz sobre estes assuntos, mas vejo que então não compreendia eu, como agora, certas coisas, especialmente das mais dificultosas. O pior é que, repito, para chegar a elas, terei de dizer muitas já sabidissi-

mas, pois não pode ser por menos, visto a rudeza de meu engenho.

Pois bem! tornemos agora ao nosso castelo de muitas moradas. Não haveis de imaginá-las umas depois das outras, como enfileiradas. Não! ponde os olhos no centro: aí é a sala ou palácio onde está o Rei. Como num palmito, no qual, para chegar ao que se come, há muitas cascas ou camadas que cercam inteiramente a medula saborosa, assim aqui, em redor desta sala há muitas outras, e também por cima. Efectivamente, as coisas da alma sempre se hão de considerar com plenitude, amplidão e grandeza. Não há perigo de exagero, pois sua capacidade excede qualquer consideração humana, e o Sol, que está no centro do palácio, comunica-se a todas as partes dele. O que importa a toda alma que tenha oração, seja pouca ou muita, é que não a constranjam nem a obriguem a ficar metida num canto. Deixem-na circular por essas moradas, em cima, em baixo, dos lados; e, pois Deus a elevou a tão grande dignidade, não a forcem a estar muito tempo numa só peça, ainda que seja a do próprio conhecimento, embora muito necessário — quero que me entendam — mesmo às que o Senhor admite em sua própria morada. Com efeito, por sublimada que esteja uma alma, não lhe convém outra coisa, nem o conseguirá ainda que o queira, pois a humildade, como a abelha, nunca fica ociosa e sempre está a lavrar o mel na colmeia. Sem isto, vai tudo perdido. Mas, por outro lado, consideremos que a abelha não deixa de sair e voar para trazer o suco das flores. Assim a alma ocupada em conhecer-se: creia-me e voe algumas vezes a considerar a grandeza e majestade de seu Deus. Aqui reconhecerá melhor sua baixeza que em si mesma, e estará mais a salvo dos animalejos que entram nas primeiras peças, onde se trata do conhecimento próprio; pois, repito, embora seja grande misericórdia de Deus que se exercite nele, e, como se costuma dizer: no mais está incluído o menos. E creiam-me: com a Virtude de Deus pra-

ticaremos muito melhor a virtude, do que se vivermos por demais atadas ao nosso barro.

Receio não me ter explicado bem, porque é tão importante este nos conhecermos a nós mesmas, que não quisera houvesse jamais descuido neste ponto, por elevadas que estejais até o Céu. Com efeito, enquanto vivemos nesta terra, não há para nós coisa que mais nos importe que a humildade. Torno, portanto, a dizer que é muito bom, e sumamente bom, entrar primeiro no aposento onde se trata disto, antes de voar aos outros, porque é este o caminho; e se podemos ir por estrada segura e plena, por que apetecer asas para voar? O que digo é que devemos buscar os meios de mais nos adiantarmos nesta virtude, e, segundo me parece, se não procuramos conhecer a Deus, jamais nos acabaremos de conhecer. Olhando sua grandeza, acudamos à nossa abjeção: contemplando sua pureza, veremos as manchas de nossos pecados; considerando sua humildade, conheceremos quão longe estamos de ser humildes.

Duas vantagens há nisto: primeiramente, claro está que uma coisa branca parece muito mais alva junto de uma preta; e, pelo contrário, uma preta junto de uma branca. A segunda é porque nosso entendimento e nossa vontade se enobrecem e se tornam mais aptos para todo bem, pelo fato de se ocuparem não somente de si mas também de Deus; ao passo que se jamais sairmos do lodo de nossas misérias, resultarão muitos inconvenientes. Falando há pouco dos que estão em pecado mortal, dizíamos como são negras e malcheirosas as correntes de suas águas. Assim, de algum modo, acontece aqui, embora não sejam as águas como aquelas. Disto Deus nos livre! E' apenas uma comparação. Metidos sempre na miséria de nosso barro, nunca dele brotarão arroios limpos da lama dos temores, da pusilanimidade e da covardia. Surgirão pensamentos como estes: se me olham ou não me olham; se indo por este caminho não me sairei bem; se porventura é ousadia ou soberba co-

meçar tal obra; se é bom que uma pessoa tão miserável trate de coisa tão alta como é a oração; se me terão por melhor se eu não trilhar o caminho comum a todos; não são bons os extremos, ainda em matéria de virtude; como sou tão pecadora, será cair de mais alto; quiçá não irei adiante e serei ocasião de desdouro para os bons; a uma como eu, não assentam bem as particularidades...

Oh! valha-me Deus, filhas, a quantas almas terá feito o demônio perder muito por este meio! Tudo isto, e muitas outras coisas que fácil me seria ajuntar, lhes parece humildade. E por quê? Por não nos conhecermos como convém. O conhecimento próprio fica torcido, e, se nunca saímos de nós mesmos, não me espanto destes e de outros males que se podem temer. Por isso digo, filhas, que ponhamos os olhos em Cristo nosso Bem, e dele, e de seus Santos, aprenderemos a verdadeira humildade. Com isto cobrará nobreza nosso entendimento, repito, e não nos tornará rasteiros e covardes o conhecimento próprio, pois embora seja esta apenas a primeira morada, é extremamente rica e de tão grande preço, que não ficará sem passar adiante quem lograr escapulir dos sevandijas que há nela. Terríveis são os ardis e manhas do demônio para que as almas não se conheçam, nem entendam o caminho a trilhar. Destas moradas primeiras posso dar por experiência boas informações, por isso digo que ninguém imagine poucos aposentos, senão milhares, porque de muitas maneiras entram aqui as almas. Todas têm boa intenção, mas é tão mal intencionado o demônio, que sempre deve guarnecer cada morada de muitas legiões de seus emissários, os quais combatem a fim de impedir que passem de umas às outras. Como a pobre alma não o entende, ele de mil modos a engana; o que não consegue tanto, à medida que ela se vai achegando às salas mais próximas do centro onde está o Rei. Aqui, ainda se trata de pessoas embebidas no mundo, engolfadas nos contentamentos e deslumbradas pelas honras e preten-

sões; seus vassallos interiores, que são os sentidos e as potências, não estão revestidos da força que Deus lhes outorgou originariamente e por isso com facilidade são derrotados, embora andem com desejos de não ofender a Deus e façam boas obras. Quem se vir neste estado, tem necessidade de acudir a miúdo, conforme puder, a Sua Majestade, tomando por intercessores à bendita Mãe de Deus e a todos os Santos, para que pelejem por ele, já que seus criados são tão destituídos de força para o defender. Na verdade, em todos os estados é mister que do Senhor nos venha a fortaleza. Sua Majestade no-la dê por sua misericórdia. Amém.

Que miserável é a vida que vivemos! Como em outra parte³⁾ falei muito sobre o dano que nos provém, filhas, de não compreendermos bem a humildade e o próprio conhecimento, não me estendo aqui, apesar de ser o que mais nos importa. Praza a Deus tenha eu dito alguma coisa proveitosa!

Haveis de notar que a estas moradas primeiras quase nada ainda chega da luz que sai do palácio onde está o Rei. E' porque, embora não estejam escuras e negras, como acontece quando está a alma em pecado, se acham de algum modo obscurecidas, e quem nela vive não pode ver claramente. Não por culpa da sala (falo assim por não saber como me dar a entender), mas porque penetraram juntamente com a alma tantas cobras e víboras e bichos peçonhentos, que não lhe permitem enxergar a luz. E' como alguém que entrasse num lugar onde o sol dá de cheio, mas tivesse cobertos de terra os olhos e quase os não pudesse abrir. Clara está a sala, mas ele não goza da luz, pelo impedimento que lhe vem desses reptis venenosos e animais daninhos que o constroem a fechar os olhos para não ver outra coisa senão a eles. Assim, ao que me parece, deve ser uma alma que, embora não esteja em mau estado, vive totalmente mer-

3) Livro da Vida, cap. XIII; Caminho de Perfeição, cap. XII e XIII.

gulhada nas coisas do mundo e embebida no dinheiro, ou nas honras, ou nos negócios, do modo acima dito. Conquanto deseje, sinceramente, ver e gozar de sua própria formosura, não lho permitem tantos impedimentos, e parece impossível conseguir desvencilhar-se deles. Convém muito, para ter ingresso às segundas moradas, que procure dar de mão aos tratos e negócios dispensáveis. Isto cada um há de fazer segundo seu estado, e é coisa tão importante para chegar à morada principal, que se não começar desde logo a exercitar-se, o tenho por impossível. E até mesmo, julgo, não logrará conservar-se sem muito perigo onde está, conquanto tenha já penetrado no castelo; porque, entre bichos tão peçonhentos, não poderá deixar de ser mordido uma vez por outra.

Mas que seria, filhas, se almas já livres desses tropeços, como somos nós, que já temos entrado muito mais para dentro a outras moradas secretas do castelo, tornássemos por nossa culpa a sair e buscar essas barafundas? Por nossos pecados deve haver muitas pessoas favorecidas das mercês divinas, que por sua culpa se despenham nessas misérias. Aqui, livres estamos quanto ao exterior; no interior praza ao Senhor que o estejamos, e Ele mesmo nos preserve de tanto mal. Guardai-vos, filhas minhas, de cuidados alheios. Olhai que em poucas moradas deste castelo deixam de combater-nos os demônios. Verdade é que em algumas os guardas — que, segundo julgo já ter dito, são as potências — têm força para pelear. Contudo é de suma necessidade não haver descuido de nossa parte, a fim de entendermos os ardis e não nos deixarmos enganar pelo inimigo transfigurado em anjo de luz. Há uma multidão de coisas com que ele nos pode causar dano: entra pouco a pouco, e quando caímos na conta, o mal está feito.

Já vos disse de outra vez ' que é mister descobrir-lhe as manobras desde o princípio, porquanto trabalha em nós à semelhança de uma lima surda. Quero

4) Caminho de Perfeição, cap. XXXVIII e XXXIX.

dizer algumas palavras para vo-lo dar melhor a entender. Suscita o demônio a uma Irmã frequentes ímpetos de penitência: dir-se-ia que só fica sossegada quando se está atormentando. Bom é este princípio; mas suponhamos que a Priora tenha proibido fazer penitência sem sua permissão e ele lhe persuada que, em coisa tão meritória, bem pode atrever-se a desobedecer. Se a Irmã às ocultas leva tal vida que vem a perder a saúde e a não cumprir o que manda a Regra, já vedes em que foi parar esse bem. A outra infunde ele extraordinário zelo da perfeição. E' ótimo, mas daqui pode resultar que lhe pareça grande infração qualquer faltinha das Irmãs, e assim viva com cuidado de examinar o que fazem e de acudir à Priora. E ainda, às vezes, chegará porventura a não ver as suas próprias, pelo grande zelo que tem da Religião. Como as outras Irmãs vêem esse cuidado e não lhe entendem o interior, pode acontecer que não o levem muito a bem.

O que pretende com isto o maligno, não é pouco: é esfriar a caridade e amor de umas para com as outras, o que seria grande mal. Convençamo-nos, filhas minhas, de que a perfeição verdadeira consiste no amor de Deus e do próximo, e tanto mais perfeitas seremos quanto com maior perfeição guardarmos estes dois mandamentos. Toda a nossa Regra e as nossas Constituições não têm outro fim senão servir de meios para guardar isto mais perfeitamente. Deixemo-nos de zelos indiscretos, que nos podem causar muito dano. Cada uma olhe para si. Como em outra parte⁵⁾ largamente falei sobre este ponto, não me estenderei mais.

Por ser tão importante esse amor de umas para com as outras, desejaria eu que nunca o perdêsseis de vista. De andar, pelo contrário, olhando nas Irmãs umas ninharias — que às vezes nem serão imperfeições, mas por nossa ignorância o lançamos à pior parte, — pode a alma vir a perder a paz e até a per-

5) Livro da Vida, cap. XIII.

turbar a das outras. Vede como custaria caro a perfeição! Poderia também o inimigo tentar neste ponto a alguma contra a Priora, e então seria maior o perigo. Aqui é mister muita discrição, porque, tratando-se de coisas que vão contra a Regra e as Constituições, nem sempre convém lançá-las à boa parte, senão antes avisá-la e, se não se emendar, dar conta ao Prelado. Isto é ato de caridade. O mesmo digo em relação às Irmãs, se fosse coisa grave; e deixar de assim proceder por medo de que seja tentação, seria a própria tentação. Mas é preciso refletir muito para que não nos engane o demônio, e jamais tratarem dessas coisas entre si, porque de outro modo poderia ele sair com grande lucro e introduzir o hábito da murmuração. Só havemos de falar a quem possa aproveitar o aviso, como já disse. Aqui, glória a Deus, não há tanta ocasião para isto, graças ao contínuo silêncio; mas é bom que andemos sempre de sobreaviso.

SEGUNDAS MORADAS.

HA NELAS UM SÓ CAPÍTULO.

CAPÍTULO ÚNICO

Trata do muito que importa a perseverança para chegar às últimas moradas, e da grande guerra que dá o demônio. Quanto convém, para atingir ao termo, não errar o caminho no principio. Aconselha um meio de cuja eficácia tem experiência.

Vejamos agora quais serão as almas que entram nas segundas moradas, e em que aí se ocupam. Minha intenção é dizer pouco, porque em outras partes ¹ o expliquei bem largamente, e, como não me lembro mais nada do que escrevi, será impossível deixar de repetir muitas coisas. Entretanto, se conseguisse dizê-lo de diferentes maneiras, bem sei que não vos enfadaria, assim como os livros que tratam destas matérias nunca nos cansam, apesar de serem tantos.

Trata-se aqui de pessoas que já começaram a ter oração e a entender quanto lhes importa não ficar nas primeiras moradas; mas ainda não têm, geralmente, firmeza para passar adiante, porque não saem das ocasiões, o que é muito perigoso. Contudo, já é grande misericórdia de Deus que procurem de vez em quando fugir das cobras e reptis venenosos e compreendam que devem afastar-se deles. Estas almas, em parte, vivem em muito mais trabalho que as primeiras, porém não em tanto perigo, porque já têm alguma noção dele. Há grande esperança de que penetrarão mais

1) Livro da Vida, cap. XI-XIII; e Caminho de Perfeição, cap. XX-XXIX.

adentro. Sofrem mais, repito; porque os primeiros são como os mudos que não ouvem, e por isso mesmo suportam melhor o trabalho de não falar; muito pior seria se ouvissem e não pudessem responder. Mas nem por isso achamos melhor a sorte dos que não ouvem, porque enfim é grande coisa entender o que nos dizem. Assim estes percebem os divinos chamamentos, porque se vão chegando para mais perto do centro onde está Sua Majestade, e é muito bom vizinho o Senhor. E' tanta a sua misericórdia e bondade, que, ainda estando nós em nossos passatempos, e negócios, e prazeres, e seduções do mundo, ora caindo em pecado, ora levantando-nos — porque, no perigoso convívio desses reptis tão peçonhentos e buliçosos, é milagre deixar de tropeçar e cair, — com tudo isto, sumamente preza este Senhor nosso que O queiramos e desejemos sua companhia. Não nos deixa de chamar uma ou outra vez para que nos acerquemos d'Ele; e é sua voz tão doce, que a pobre alma se sente aniquilada por não fazer logo o que lhe manda, e assim, como afirmei, sofre mais do que se não ouvisse.

Não digo que sejam estes chamamentos e vozes como outros de que falarei depois. São apenas palavras que se ouvem de pessoas virtuosas, ou sermões, ou leituras em bons livros, e muitas outras coisas com que Deus nos chama, como sabeis; ou ainda doenças, trabalhos e também certas verdades que Ele nos ensina nos momentos que passamos em oração. Estes momentos tem Deus em grande conta, ainda quando estamos sem nenhum fervor. E vós, Irmãs, não tendes em pouco esta primeira mercê, nem vos desconsolais, ainda que não respondais logo ao Senhor. Bem sabe Sua Majestade aguardar muitos dias e anos, especialmente quando vê perseverança e bons desejos. Esta disposição é a mais necessária, e com ela jamais se deixa de ganhar muito. Mas é terrível a guerra que de mil maneiras dão os demônios, e com maiores tormentos que na morada anterior. Então a alma estava surda e muda, ou, pelo menos, ouvia muito pouco, e

quase não resistia, como quem perdeu em parte a esperança de vencer; aqui, mais vivo está o entendimento e mais hábeis as potências. Tão formidáveis são os golpes e as descargas de artilharia, que não se podem deixar de ouvir. Põem-se os demônios a representar-lhe essas cobras das coisas do mundo, pintando os prazeres dele como quase eternos; os amigos e parentes e a estima em que é tida em toda parte; a saúde, comprometida pela penitência (pois sempre nesta morada começa a alma a desejar fazer alguma), e mil outras dificuldades imaginárias.

O' Jesus, em que barafunda metem aqui os demônios a pobre alma aflita, que está sem saber se há de passar adiante ou tornar à primeira sala, porque, de outro lado, a razão lhe faz ver que engano é atribuir o menor valor a todas essas coisas em comparação do Sumo Bem que pretende. A Fé lhe ensina qual o verdadeiro caminho. Representa-lhe a memória o fim em que vão parar todas essas vaidades; traz-lhe à lembrança mortes — e algumas repentinas — de pessoas conhecidas que muito gozaram desses prazeres. Quão depressa caíram no esquecimento de todos! Alguns, que conheceu em grande prosperidade, jazem debaixo da terra pisada pelos transeuntes. Quantas vezes, ao passar por uma dessas sepulturas, considera que está ali aquele corpo, e os vermes fervilhando nele! E assim muitas outras coisas que lhe passam pela mente. Inclina-se a vontade a amar Aquelle em quem tem visto tão inumeráveis graças, tantas mostras de amor; quisera corresponder ao menos em parte, especialmente ao ver como este verdadeiro Amante nos acompanha, nos dá o ser e a vida e jamais se aparta de junto de nós. Logo, por sua vez, acode o entendimento e mostra-lhe que não achará melhor amigo, ainda que viva muitos anos; pois cheio de falsidade está o mundo todo, e saturados de trabalhos, cuidados e contradições os prazeres que lhe oferece o demônio! Fora deste castelo — disto pode ter certeza — não achará segurança nem paz. Deixe-se

de andar por moradas alheias, pois a sua própria é tão rica de bens, se dela quiser gozar. Onde poderá achar tudo que lhe é mister como em sua casa, especialmente tendo tal Hóspede, que lhe dará domínio sobre todas as suas riquezas, se a alma consentir em não andar perdida, como o filho pródigo, atrás do alimento dos animais imundos?²

Razões são estas mais que suficientes para vencer o maligno. Mas, ó Senhor e Deus meu! o costume de viver entre mil vaidades e o ver que todo o mundo trata disto, põe tudo a perder. Tão amortecida está a fé, que preferimos as coisas visíveis às realidades que ela nos ensina; e, entretanto, vemos com os nossos olhos como são infelizes os que vivem em busca dessas coisas vãs. Mas todo o mal vem desses reptis venenosos, dos quais não nos guardamos bastante. Assim como uma pessoa mordida de víbora fica envenenada de todo e se põe a inchar, assim acontece conosco. Claro está que, para sarar, será preciso submeter-nos a repetidas curas, e muita mercê nos faz Deus em não morrermos de tão grave mal. Não há dúvida; grandes trabalhos passa aqui a alma, sobretudo quando, por seus costumes e qualidades, entende o demônio que tem ela capacidade para adiantar-se muito no serviço de Deus, porque então convocará o inferno para a fazer sair do castelo.

Ah! Senhor meu! aqui a única esperança é a vossa ajuda, sem a qual nada se pode fazer. Por vossa misericórdia! não consentais que seja enganada esta vossa criatura e deixe o começado! Dai-lhe luz para que veja como todo o seu bem está em não voltar atrás e para que se aparte das más companhias. Que grandíssima coisa para uma alma é tratar com os que deveras servem a Deus, e chegar-se não só aos que vê nos mesmos aposentos, senão aos que — logo se conhece — já entraram aos mais vizinhos do Rei! De muito lhe servirá isto, e tanto pode conversar com eles, que a venham a meter consigo onde estão. Sem-

2) Cf. Lc 15, 16.

pre esteja de sobreaviso para não se deixar vencer, porque se o inimigo a vir com total determinação de antes perder a vida, o descanso e tudo o que ele oferece do que tornar à primeira morada, muito mais depressa a deixará. Seja homem, e não dos que se deitavam a beber de bruços quando marchavam para o combate, não me recordo com quem.' Determine-se fortemente, que vai a pelejar contra todos os demônios, e veja bem que não há melhores armas que as da cruz!

Embora já o tenha dito outras vezes', vou repetir um aviso, por ser muito importante. E' o seguinte: nestes princípios, nem se lembrem de que há regalos espirituais. Seria muito baixa maneira de começar a lavrar tão precioso e grande edifício; edificando sobre a areia, dariam com tudo no chão e viveriam sempre desgostosos e tentados. Sim, porque as moradas onde chove o maná não são estas: estão mais adiante, onde tudo sabe à alma à medida de seus desejos, porque ela não quer senão o que Deus quer. E' engraçado! Ainda estamos com mil embaraços e imperfeições; as virtudes brotaram há pouco, ainda não sabem andar, e, até praza a Deus que haja princípio delas! e, com isto, não temos vergonha de querer gostos na oração e de prorromper em queixas por causa das securas? Jamais vos aconteça isto, Irmãs! Abraçai-vos com a cruz que vosso Esposo levou às costas, e convencei-vos de que esta há de ser a vossa empresa. A que mais puder padecer, padeça mais por Ele, e caberá a esta a melhor parte. Considerai o resto como acessório; se o Senhor vo-lo der, rendei-Lhe muitas graças.

Direis talvez que estais bem resolvidas a abraçar os trabalhos exteriores, contanto que Deus vos regale interiormente. Melhor sabe Sua Majestade o que nos convém. Para que O havemos de aconselhar

3) Os soldados de Gedeão quando marchavam contra os Madianitas (Jud 7, 5).

4) Livro da Vida, cap. XI.

sobre o modo de nos distribuir seus dons? Poderia com razão dizer-nos que não sabemos o que pedimos.⁵ Todo o empenho de quem começa a ter oração — e isto não esqueçais, pois é de suma importância — há de ser trabalhar e determinarse e dispor-se, com toda a diligência possível, a tornar sua vontade conforme à do Senhor. E ficai muito certas, como direi mais adiante, que nisto consiste toda a maior perfeição no caminho espiritual. Quem mais perfeitamente tiver esta conformidade, mais receberá do Senhor e mais adiantado estará neste caminho. Não penseis que haja aqui maiores mistérios, nem coisas ignoradas e ocultas: nisto consiste todo o vosso bem. Ora, se erramos no começo, querendo que logo faça o Senhor nossa vontade e nos leve por onde imaginamos, — que firmeza pode ter este edificio? Procuremos fazer o que está em nossas mãos e guardarnos destes sevandijas venenosos; que muitas vezes quer o Senhor nos persigam e aflijam maus pensamentos, sem que os possamos lançar para longe de nós. Envia-nos também securas; permite mesmo, algumas vezes, que sejamos mordidos, a fim de melhor nos sabermos precatar para o futuro; e para provar Sua Majestade se nos pesa deveras de O ter ofendido.

Não desanimeis, portanto, quando vos acontecer cair, nem deixeis de procurar sempre ir adiante. Dessa mesma queda tirará Deus vosso bem, como faz o vendedor de triaga, que para mostrar que é boa, bebe primeiro o veneno. Quando não houvesse outro meio para percebermos nossa miséria e o grande mal que nos faz o costume de andar dissipados, bastaria para isto o combate renhido que é forçoso travar para nos tornarmos a recolher. Pode haver maior mal do que não nos acharmos em nossa própria casa? Que esperança pode ter de encontrar sossego em lares alheios quem no seu próprio não logra sossegar? O caso é que tão grandes e legítimos amigos e parentes, com os quais, sempre, mesmo contra a vontade, havemos de

5) Mt 20, 22. "Nescitis quid petatis".

conviver, isto é, as nossas potências, parecem fazer-nos guerra, como sentidas da que a elas fizeram os nossos vícios. Paz! paz! Irmãs minhas, — eis o que o Senhor disse e recomendou a seus Apóstolos tantas vezes.⁶ Pois bem! crede-me. se não tivermos paz procurando-a em nossa casa, ainda menos a acharemos nas alheias. Acabe-se já esta guerra: pelo Sangue que o Senhor derramou por nós, o peço aos que ainda não começaram a recolher-se interiormente; e aos que já principiaram: — que não bastem as dificuldades para os fazer tornar atrás. Olhem que é pior a recaída do que a mesma queda! Vejam o que perdem! Confieem na misericórdia de Deus e nada em si, e verão como Sua Majestade leva a alma, de morada em morada, até introduzi-la na mansão onde essas feras não a podem atingir nem molestar, antes, pelo contrário, ela as subjuga todas e zomba de seus assaltos. Aí fruirá, mesmo desde esta vida, muito maiores bens do que jamais poderia desejar; isto lhe asseguro.

E porque, segundo disse ao princípio, já vos tenho escrito como vos haveis de portar nas perturbações que neste ponto causa o demônio⁷, e como o começar a recolher-se não há de ser à força de braços, e sim com suavidade para ser o recolhimento mais duradouro e contínuo, não o direi mais aqui. Só acrescento que, a meu ver, é de grande vantagem consultar pessoas experimentadas, pois podereis julgar, erradamente, que em fazer estas coisas necessárias e de obrigação há grande prejuízo para a vossa alma. Mas, ainda quando não acharmos quem nos ensine, tudo fará o Senhor redundar em nosso proveito, contanto que não deixemos o começado. Para este mal não há remédio, a não ser tornar a principiar. Sem isto, pouco a pouco, irá perdendo cada dia mais a alma, e ainda praza a Deus que o entenda!

6) Jo 20-21.

7) Livro da Vida, cap. XI e XIX.

Poderia alguém pensar: se tão grande mal é tornar atrás, melhor será ficar fora do castelo e nunca se meter em tal empresa. Já vos disse ao princípio, e o próprio Senhor no-lo afirma: *quem anda no perigo, nele perece*⁸; e também vos declarei que a porta de acesso para este castelo é a oração. Ora, pensar que havemos de entrar no Céu sem entrarmos em nós para conhecer e considerar nossa miséria e os benefícios de Deus e para lhe pedir muitas vezes misericórdia, é desatino. O mesmo Senhor diz: “*Ninguém subirá a meu Pai senão por mim*”.⁹ Não sei se exatamente são estas palavras, mas creio que sim. E também: “*Quem me vê a mim, vê a meu Pai*”.¹⁰ Mas se nunca pusermos nele os olhos, nem considerarmos nossas dívidas para com Ele e a morte que por nós padeceu, não sei como O poderemos conhecer e fazer muito em seu serviço. Porque a fé sem obras, — e obras unidas aos merecimentos de Jesus Cristo nosso Bem, — que valor pode ter? E, sem isto, quem nos estimulará a amar a este Senhor? Praza a Sua Majestade dar-nos a compreender o muito que Lhe custamos. Faça-nos ver como o servo não é maior que seu Senhor¹¹; como precisamos trabalhar para gozar de sua glória, e como para isto nos é necessário orar, a fim de não andarmos sempre em tentação.¹²

8) Ecles 3, 27: “Qui amat periculum, in illo peribit”.

9) Jo 14, 6: “Nemo venit ad Patrem nisi per me”.

10) Jo 14, 9: “Qui videt Me, videt et Patrem”.

11) Mt 10, 24: “Nec servus super dominum suum”.

12) Mt 26, 41: “Orate ut non intretis in tentationem”.

TERCEIRAS MORADAS.

CONTÊM DOIS CAPÍTULOS.

CAPÍTULO I

Trata da pouca segurança que pode haver enquanto se vive neste desterro, mesmo para as almas que chegaram a subido estado, e como convém andar com temor. Há alguns pontos proveitosos.

Aos que pela misericórdia de Deus venceram estes combates e pela perseverança entraram nas terceiras moradas, que outra coisa lhes diremos senão: *Bem-aventurado o varão que teme ao Senhor?*¹ Não foi pequena graça fazer-me Sua Majestade entender agora, tão oportunamente, a significação deste verso em nossa língua, pois sou muito rude nestas matérias. Por certo, com razão o proclamaremos bem-aventurado, porquanto, se não tornar atrás, tanto quanto podemos entender, leva seguro caminho de salvação. Por aqui vereis, Irmãs, quanto importa vencer as batalhas passadas, já que — tenho por certo — nunca deixa o Senhor de premiar a alma pondo-a em segurança de consciência, o que é não pequeno bem. Em segurança? Digo mal, pois não existe nesta vida; por conseguinte, sempre que assim falo, entendi que é no caso de não tornar atrás no caminho começado.

Que grande miséria é viver numa terra em que sempre havemos de andar como quem tem os inimigos à porta e não pode dormir nem comer senão armado, em contínuo sobressalto, pelo temor de que por

1) Sl 111, 1: "Beatus vir qui timet Dominum".

alguma brecha lhe arrombem a fortaleza! O' Senhor meu e Bem meu! Como quereis que se deseje vida tão miserável? Não é possível deixar de querer e pedir que nos tireis dela, a não ser pela esperança de a perder por Vós ou de a empregar muito deveras em vosso serviço, e, sobretudo, pela fé de estarmos fazendo a vossa vontade. Se assim é, Deus meu, morramos convosco, como disse São Tomé.² Com efeito, não é outra coisa senão morrer mil vezes o viver sem Vós, e com estes temores de vos perder para sempre, o que não é impossível. Por isso, filhas, a bem-aventurança que havemos de pedir é estarmos já seguras, com os bem-aventurados; pois, com estes temores, que alegria pode ter quem todo o seu contentamento põe em contentar a Deus? E considerai que estes mesmos sentimentos, e muito maiores, tinham alguns Santos que vieram a cair em graves pecados; e não temos certeza de que nos dará Deus a mão, como a deu a eles (refiro-me ao auxílio particular), para nos levantarmos e fazermos penitência.

Asseguro-vos, filhas minhas, que estou com tanto temor escrevendo isto, que não sei como escrevo, nem como vivo, quando me lembro destas verdades, o que me acontece muitíssimas vezes. Rogai, filhas minhas, a Sua Majestade que viva Ele em mim sempre; porque, a não ser assim, que segurança pode haver para quem tão mal gastou sua vida como eu? E não vos pese o entender que assim é, — como algumas vezes tenho visto em vós quando digo estas coisas. Procede isto de quererdes que eu tenha sido muito santa, e tendes razão, também o quisera eu. Mas que hei de fazer se perdi tão grande bem, e só por minha culpa? Sim, que de Deus não me queixarei, pois não deixou de me dar ajudas bastantes para que se cumprissem vossos desejos; nem posso dizer isto sem lágrimas e grande confusão ao ver que escrevo avisos para quem me pode ensinar a mim. Dura obediência tem sido esta! Praza ao Senhor que, pois só o faço por seu amor,

2) Jo 11, 16: "Eamus et nos ut moriamur cum eo".

sirva para tirardes algum proveito e lhe pedirdes que perdoe a esta miserável atrevida. Mas bem sabe Sua Majestade que só me posso apoiar em sua misericórdia, e, não podendo deixar de ter sido quem fui, não me resta outro remédio senão acolher-me a Ele e confiar nos merecimentos de seu Filho e da Virgem sua Mãe, cujo hábito indignamente trago, e trazeis vós também. Louvai a Deus, Irmãs minhas, por serdes verdadeiramente filhas desta Senhora, e assim, tendo tão boa Mãe, não serei causa de ficardes afrontadas por ser eu ruim. Imitai-a e considerai qual deve ser a grandeza desta Senhora, e o bem de a ter por Patrona; pois não bastaram meus pecados e o ser quem sou, para deslustrar em nada esta sagrada Ordem.

Quero, porém, dar-vos um aviso: por pertencerdes a esta Religião e terdes tal Mãe, não vos deis por seguras. Muito santo foi David, e bem sabeis o que foi Salomão. Não façais caso do encerramento e penitência em que viveis; nem vos julgueis a salvo por trardes sempre de Deus, exercitando-vos continuamente na oração, tão retiradas das coisas do mundo, às quais já vos parece ter aborrecimento. Bom é tudo isto, mas, torno a dizer, não basta para que deixemos de temer; e assim continuai a meditar este verso e trazei-o à memória muitas vezes: *Beatus vir qui timet Dominum.*

Não sei já o que ia dizendo, apartei-me bastante do assunto, e quando me lembro de mim, se me quebram as asas e me sinto incapaz de dizer coisa boa. Quero, pois, deixar disto agora e tornar ao que vos comecei a dizer das almas que entraram às terceiras moradas. Em terem superado as primeiras dificuldades não pequena mercê receberam do Senhor, senão muito grande. Destas almas, pela bondade do Senhor, creio, há muitas no mundo. São assaz desejosas de não ofender a Sua Majestade; guardam-se até dos pecados veniais, são amigas de fazer penitência e de ter suas horas de recolhimento, gastam bem o tempo, exercitam-se em obras de caridade com o próximo, são

corretíssimas em seu falar e vestir e no governo de sua casa, quando a têm. Estado para se desejar, por certo! Aparentemente não há razão de se lhes negar o acesso até à última morada, nem o Senhor o negará a essas almas, se elas quiserem, que linda disposição é esta para receber toda sorte de mercês.

O' Jesus! e haverá quem não queira tão grande bem, sobretudo depois de já ter passado pelo mais trabalhoso? Não, nenhuma de nós! Todas afirmamos querê-lo; como, porém, é preciso mais do que palavras para o Senhor apoderar-se de todo da alma, não basta dizê-lo, como não bastou àquele mancebo a quem perguntou o Senhor se queria ser perfeito.' Trago-o diante dos olhos desde que comecei a falar destas moradas; porque, ao pé da letra, somos como ele, e, geralmente, daqui provêm as grandes securas na oração, embora haja também outras causas. Não me refiro a certos trabalhos interiores, verdadeiramente intoleráveis, que têm muitas almas boas, sem nenhuma culpa de sua parte, dos quais sempre às tira o Senhor com grandes proveitos; nem é minha intenção falar dos que sofrem de melancolia e outras enfermidades. Acima de tudo, finalmente, havemos de respeitar os juízos de Deus. Tenho, porém, para mim que a causa mais ordinária das securas é a que deixei dita. De fato, como estas almas vêem que por nada neste mundo fariam pecado — e muitas nem ainda venial com advertência — e empregam bem a vida e a fazenda, não podem sofrer com paciência que se lhes conserve cerrada a porta de acesso ao aposento de nosso Rei, pois se consideram seus vassallos, e realmente o são. Entretanto, lembrem-se: aqui na terra, embora tenha um soberano numerosos cortesãos, nem todos penetram até a câmara real. Entrai, entrai, em vós mesmas, filhas minhas; elevai-vos acima de vossas pequeninas obras, pois na qualidade de cristãs estais obrigadas a tudo isso e a muito mais, e contentai-vos de ser vassallos de Deus: não vá tão longe vossa ambição, que

3) Cf. Mt 19, 16-22.

fiqueis sem coisa alguma. Olhai bem os Santos que tiveram entrada à câmara deste Rei, e vereis quão longe estamos deles. Não peçais aquilo que não merecestes. Nem nos devia passar pelo pensamento a idéia de o vir a merecer algum dia, por grandes que sejam os nossos serviços, porquanto temos ofendido a Deus.

O' humildade, humildade! Não sei que tentação me dá aqui! Mas não me posso capacitar de que não haja um pouco da falta desta virtude em quem tanto caso faz de securas. Não me refiro, como já disse, aos grandes trabalhos interiores de que falei, os quais são muito mais graves do que a simples falta de devoção. Provemo-nos a nós mesmas, Irmãs minhas, ou antes, prove-nos o Senhor, que o sabe fazer muito bem, — ainda que muitas vezes não o queiramos entender, — e venhamos a essas almas tão corretas. Examinemos o que fazem por Deus, e logo nos será fácil conhecer que não temos razão de queixa contra Sua Majestade. Sim, porque, se lhe voltamos as costas e nos afastamos tristes — à semelhança do mancebo do Evangelho — quando nos declara o que havemos de fazer para ser perfeitos, dissei-me: que quereis que faça Sua Majestade, se há de dar o prêmio em proporção do amor que lhe temos? E este amor, filhas, não há de ser fabricado em nossa imaginação, mas sim provado por obras; e não cuideis que tenha necessidade delas: só quer a determinação de nossa vontade.

Como trazemos o hábito da Religião e por nossa livre escolha o tomamos, deixando por Ele todas as coisas do mundo e nossos haveres (ainda quando não fosse mais que as redes de São Pedro, pois quem dá tudo o quem, sempre julga dar muito), parecer-nos-á talvez que tudo está feito. Muito boa disposição é esta para quem persevera e não torna a meter-se no meio dos sevandijas das primeiras peças, nem mesmo pelo desejo. Continuando sempre firme nesta desnudez e despojamento de tudo, não duvide: alcançará o que pretende. Mas há de ser com a condição —

e guardai bem este meu aviso — de se ter por servo inútil, segundo disse São Paulo, ou Cristo. ' E creia que não pôs a Nosso Senhor na obrigação de lhe fazer semelhantes mercês; antes, pelo contrário, por mais ter recebido, ficou mais endividado. Que podemos nós fazer no serviço de um Deus tão generoso, que por nós morreu e nos criou e nos conserva a existência, que não nos julgemos venturosos de se ir amortizando um pouco a nossa dívida para com Ele, por nos ter servido como fez? De má vontade emprego esta palavra: servir; mas assim foi, e outra coisa não fez durante todo o tempo que viveu no mundo. E ainda Lhe havemos de pedir de novo mercês e regalos?

Ponderai muito, filhas, algumas coisas que vão aqui assinaladas, embora com desalinho, que não me sei exprimir melhor. O Senhor vo-lo dará a entender, para que das securas tireis humildade, e não inquietação, como pretende o demônio. E crede-me: as almas deveras humildes, ainda quando nunca receberem consolações, dar-lhes-á Deus uma paz e conformidade com que andarão mais contentes do que outras com seus regalos. As consolações, como tereis lido, muitas vezes as reparte Sua Majestade aos mais fracos. Todavia, creio, não as trocariam pelas fortalezas dos que se vêem às voltas com as securas... Somos amigos do gozo mais que da cruz. Prova-nos tu, Senhor, que sabes as verdades, a fim de que nos conheçamos.

4) *Cum feceritis omnia quae praecepta sunt vobis, dicite: Servi inutiles sumus: quod debuimus facere fecimus:* Quando fizerdes tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis: o que tínhamos obrigação de fazer, fizemos. (Palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo no Evangelho de São Lucas 17, 10).

CAPÍTULO II

Prosegue o mesmo assunto. Trata das securas na oração e de certas coisas que, segundo lhe parece, podem succeder. Como é mister nos provarmos a nós mesmos, e como prova o Senhor aos que estão nestas moradas.

Tenho conhecido algumas almas — e até julgo poder dizer muitas — que chegaram a este estado e nele viveram muitos anos, mantendo sempre esse ajustamento e correção de alma e de corpo, tanto quanto se pode entender. E ao cabo desse tempo, quando, parece, haviam já de estar com o mundo debaixo dos pés, ou, pelo menos, bem desenganadas dele, provadas Sua Majestade com reveses não muito grandes, e eilas tão inquietas, com o coração tão angustiado, que eu me sentia perplexa e até não pouco temerosa. Dar-lhes conselho, de nada vale, porque, trilhando há tantos anos o caminho da virtude, acham que podem ensinar aos outros e que lhes assiste sobrada razão para tanto sentirem os seus males.

Enfim, não encontrei, nem encontro remédio para consolar tais pessoas, a não ser testemunhar-lhes grande sentimento de sua pena. E, na verdade, causa dó o vê-las sujeitas a tanta miséria! Ninguém contradiga as razões que apresentam, porque, no seu modo de pensar, as ajeitam a ponto de julgar que o sentem por reverência a Deus; e assim jamais caem em conta da sua imperfeição, o que é outro engano lamentável em gente tão adiantada. Que experimentem sentimento, não é de admirar, conquanto, a meu parecer, devesse passar mais depressa, tratando-se de coisas temporais. Sim, porque muitas vezes quer Deus que seus escolhidos sintam a própria miséria; para este fim retrai um pouco seu favor, e mais não é preciso para que, sem dúvida alguma, no mesmo instante nos conheçamos. E logo se vê que é Deus quem assim os prova, porque eles compreendem suas faltas muito claramente, e às vezes maior é seu pesar

por se verem aflitos, mau grado seu, por coisas da terra, e não muito graves, do que pela mesma tribulação. Neste caso, grande misericórdia lhes faz Deus, e, embora haja falta, resulta muito lucro para a humildade.

Nas pessoas de que falo não é assim; antes canonizam em seus pensamentos, repito, o seu modo de proceder e queriam que os outros o canonizassem. Quero dar alguns exemplos, para que nos conheçamos e nos provemos a nós mesmas, antes que nos prove o Senhor; pois é de suma utilidade andarmos apercebidas e avisadas com antecipação.

Sobrevém um prejuízo material a uma pessoa rica, sem filhos e sem herdeiros a quem deixar a fazenda; mas não é de modo a faltar-lhe o necessário para manter a si e o decoro de sua casa, com superabundância. Se andasse com tanto desassossego e inquietação como se lhe não restasse uma migalha para comer, — como lhe poderia pedir Nosso Senhor que tudo deixasse por amor d'ele? Aqui vem a desculpa: sente-o porque deseja ter para dar aos pobres. Quanto a mim, creio que, a essas obras de caridade, prefere Deus que eu me conforme com os acontecimentos permitidos por Sua Majestade e conserve a paz da minha alma, embora sem deixar de defender meus direitos. E se alguém não faz assim porque não o elevou o Senhor a tanto, está bem! mas entenda ao menos que está longe de ter liberdade de espírito, e, assim reconhecendo, se disporá para que o Senhor lha dê, porque tratará de a pedir a Sua Majestade. Outra pessoa tem o suficiente para a sua manutenção, e até lhe sobra. Apresenta-se-lhe uma ocasião de aumentar seus haveres. Se é presente ou doação, ainda passa; mas se é para procurar novos lucros, e, uma vez adquiridos estes, sempre granjear mais e mais, seja qual for a boa intenção aparente — e deve tê-la, porque, torno a dizer, trata-se de pessoa dada à oração e à virtude, — fique certa: jamais subirá às moradas mais vizinhas do Rei.

Do mesmo teor é o que se passa quando a esses tais se oferece algum desdouro ou pequeno detrimento na honra. Muitas vezes, é verdade, Deus, como tão amigo de favorecer a virtude perante o público, lhes concede a graça de o suportarem bem, quanto ao exterior, para que não sofra detrimento a reputação de virtuosos em que são tidos, ou talvez em atenção a serviços passados, pois é grande a bondade deste nosso Sumo Bem; mas lá por dentro lhes fica uma inquietação que não podem dominar, e não é tão depressa que acabam de esquecê-lo. Valha-me Deus! Não são essas as almas que há tanto tempo meditam sobre os sofrimentos do Senhor e acham que é bom padecer, e até o desejam, e quereriam a todos tão corretos como eles no seu modo de viver? E praza a Deus não atribuam suas penas ao pesar que lhes causa a vista da culpa alheia, e com isto, em sua imaginação, as façam meritórias!

Parecer-vos-á, Irmãs, que falo de coisas descabidas, — que não vos dizem respeito e não podem acontecer aqui, porquanto não possuímos bens temporais, nem os queremos, nem procuramos granjeá-los, e não há quem nos injurie. Isto mostra como as comparações nem sempre se aplicam ao pé da letra; mas delas se tiram avisos para muitas outras coisas que podem acontecer, as quais não convém especificar, nem há motivo para fazê-lo. Pelos exemplos que dei entendereis se estais bem desapegadas do que deixastes; porque aparecerão algumas pequenas ocasiões, embora não sejam tão palpáveis, em que muito bem vos podereis provar e entender se estais senhoras de vossas paixões. E crede-me: não está o negócio em trazer ou não o hábito religioso, e sim em procurar o exercício das virtudes, em render a cada passo nossa vontade à de Deus, em ordenar nossa vida de acordo com o que Sua Majestade houver por bem dispor a nosso respeito, e em não querermos nós que se faça a nossa vontade, senão a dele. Se não tivermos chegado a este ponto: que fazer? Humildade! repito. E'

este o unguento para as nossas chagas: porque, se formos verdadeiramente humildes, virá o cirurgião, que é Deus — embora às vezes tarde algum tempo, — e nos restituirá a saúde.

As penitências que fazem estas almas, são tão bem calculadas como seu modo de proceder. Querem muito à vida, mas para a empregar no serviço de Nosso Senhor, o que se não pode levar a mal. O resultado é que têm grande comedimento em fazê-las, porque receiam comprometer a saúde. Não tendes medo de que se matem, pois estão muito em seu juízo, e o amor ainda não chegou a ponto de as pôr fora de si. Quanto a nós, quisera eu que a própria razão nos levasse a não nos contentarmos com essa maneira de servir a Deus, sempre passo a passo, pois jamais chegaremos ao termo do caminho. E como, ainda por cima, temos a impressão de estar sempre andando, e com bastante cansaço — pois, crede-me, é um modo de caminhar extremamente cansativo, — já será muito se não nos perdermos. Que vos parece, filhas? Se, viajando de uma terra a outra, pudéssemos chegar em oito dias, valeria a pena fazer esse mesmo trajeto em um ano, debaixo de neves e aguaceiros, por maus caminhos e hospedarias? Não seria preferível passar tudo de uma vez? Quanto mais que, além de todos esses incômodos, há risco de sermos acometidos por serpentes! Oh! que boas provas poderia eu dar de que assim é! E praza a Deus tenha eu passado adiante: pois bastantes vezes me parece que não!

Como vamos com tanto comedimento, tudo nos assusta, tudo nos amedronta; e assim não ousamos dar um passo para a frente. Como se fosse possível chegarmos nós a estas moradas, andando outros o caminho em nosso lugar! Já que isto não pode ser, esforcemo-nos, Irmãs minhas, por amor de Deus! Depoñhamos nas mãos do Senhor nossa razão e nossos temores e esqueçamo-nos da nossa fraqueza natural, que nos pode prejudicar muito. O cuidado destes nossos corpos fique por conta dos Prelados: lá se ave-

nam! Quanto a nós, tratemos só de caminhar depressa para ver este Senhor. Conquanto o regalo que podeis ter seja pouco ou nenhum, poderia enganar-vos o cuidado do corpo, e nem por isso teríeis mais saúde, posso afirmar-vos. Também sei que o principal não é o rigor da penitência corporal, antes isto é o menos. Quando falo em caminhar, refiro-me a andar com grande humildade, pois, se bem o entendestes, vem da falta desta virtude, creio, o mal dos que não vão adiante. Julguemos sempre ter andado poucos passos; convençamo-nos bem desta verdade, e, pelo contrário, tenhamos por muito apressados e ligeiros os de nossas Irmãs; e, finalmente, cada uma não só deseje, mas procure ser tida por pior que todas.

Com estes sentimentos humildes, é excelentíssimo este estado; sem eles, ficaremos toda a vida no mesmo, com mil penas e misérias. Com efeito, como ainda não deixamos a nós mesmas, é muito pesado e trabalhoso este caminho, porque vamos muito carregadas da terra de nossa miséria; o que não acontece aos que sobem aos aposentos superiores. Nestas terceiras moradas não deixa o Senhor de pagar como justo — e ainda como misericordioso, pois sempre dá muito mais do que merecemos, — concedendo-nos contentamentos incomparavelmente maiores do que os provenientes dos regalos e prazeres da vida. Não penso, porém, que dê muitos gostos, a não ser alguma vez, para convidar-nos — por meio dessa amostra do que se passa nas moradas restantes — a nos dispor-mos para entrar nelas.

Parecer-vos-á que contentamentos é o mesmo que gostos, — e perguntareis de onde vem a diferença que faço entre estes dois nomes? A meu ver são coisas muito distintas, mas pode ser que me engane. Direi o que me for dado entender, ao tratar das moradas quartas, que vêm depois destas, porque, havendo de falar dos gostos que ali dá o Senhor, ficará mais a propósito. E, conquanto pareça destituído de proveito, pode ser útil, porque comprehendereis cada graça

de per si e podereis esforçar-vos por aspirar ao mais elevado. E' também de muito consolo para as almas que Deus faz chegar a este grau, e de confusão para as que imaginam ter alcançado tudo; e as que forem humildes se moverão a dar graças ao Senhor. Se tiverem alguma falta de humildade, interiormente sentirão certo dissabor; e sem motivo, pois não é mais perfeito quem tem mais gostos, e sim quem mais ama; e também o prêmio será dado a quem mais amar e melhor agir, com justiça e verdade.

Podereis pensar: se é assim — como realmente é, — de que serve tratar dessas mercês interiores e explicar em que consistem? Não sei: perguntai-o a quem mo mandou escrever, pois não estou obrigada a disputar com os Superiores, nem seria bem feito; só tenho que obedecer. Uma coisa vos posso, porém, dizer com verdade: em outros tempos, quando eu não tinha nem conhecia por experiência tais graças e pensava jamais haver de conhecê-las — e com razão, que já fora muito contentamento para mim se soubesse, ou por conjeturas entendesse que de algum modo agradava a Deus, — ao ler nos livros essas mercês e consolações concedidas pelo Senhor aos seus fiéis servos, experimentava grandíssimo gozo, e minha alma nelas achava motivo para dar fervorosos louvores a Deus. Pois se a minha, apesar de tão ruim, fazia isso, as que são boas e humildes, quanto mais O louvarão? E por uma só alma que O bendiga uma única vez, vale muito a pena, a meu parecer, relatar e fazer conhecidos os contentamentos e deleites que por nossa culpa deixamos de receber. Tanto mais que esses gozos, quando são de Deus, comunicam abundância de amor e fortaleza para podermos caminhar mais sem trabalho e ir crescendo em virtudes e boas obras. Pensai bem: muito nos importa não pormos de nossa parte impedimentos; pois, quando não é nossa a culpa, justo é o Senhor e saberá dar-nos por outros caminhos o que nos nega por este. Qual a razão disto? Sua Majestade a conhece; e são muito ocultos os

seus segredos. Ao menos podemos conjecturar que, sem dúvida alguma, será o mais conveniente para nós.

O que me parece de sumo proveito às almas que pela bondade do Senhor se acham neste estado — às quais, repito, fez não pequena misericórdia, pois estão muito perto de subir mais, — é que se exercitem muito na prontidão da obediência. Mesmo que não sejam consagradas a Deus na vida religiosa, ser-lhes-ia bem útil, a exemplo de muitas pessoas, ter diretor a quem acudir, para em nada seguirem a própria vontade, pois é esta ordinariamente a origem de nossos males. E não busquem a outro do mesmo gênio, como se costuma dizer, que vá com demasiado tento em tudo quanto há, — e sim a quem esteja muito desenganado das coisas do mundo. É de grandíssimo proveito, para nos conhecermos, a comunicação espiritual com aqueles que já estão desapegados de tudo, pois cobramos muito ânimo ao ver praticados por outros, e com tanta suavidade, sacrifícios que nos parecem impossíveis de abraçar. Dir-se-ia que, vendo-os voar tão alto, nos atrevemos a voar também; assim como os filhotes das aves, quando aprendem, embora não se atrevam logo a dar grandes voos, pouco a pouco vão imitando a seus pais. Isto é de grandíssimo proveito; sei por mim. Semelhantes pessoas, por mais determinadas que estejam a não ofender ao Senhor, farão muito bem de não se meterem em ocasiões de pecar, pois estão ainda perto das primeiras moradas e facilmente poderiam tornar a elas. É que não têm a fortaleza assentada em terra firme, como as almas já exercitadas em padecer, as quais já conhecem as tempestades do mundo e sabem que tão pouco devemos temê-las como desejar os contentamentos dele. Poderiam tornar atrás, com alguma perseguição maior, como tão bem as sabe urdir o demônio para nos fazer mal; e, movidas de bom zelo, querendo impedir ou remediar pecados alheios, não teriam forças para resistir às tentações que lhes sobreviessem.

Olhemos para as nossas faltas, e deixemos as alheias. Assim digo porque é muito próprio de pessoas tão corretas o se escandalizarem de tudo. E, porventura, no que é principal, teríamos bastante a aprender daqueles de quem nos desedificamos. Na composição exterior e no trato com o próximo lhes levamos vantagem, mas estas coisas, embora louváveis, não são as mais importantes. Não há razão de querermos que todos vão pelo nosso caminho, nem nos havemos de meter a ensinar o do espírito, que talvez nem saibamos que coisa é. De fato, com estes desejos que Deus nos dá, Irmãs, do bem das almas, podemos cometer muitos erros. E assim o melhor é pautar nosso proceder pelo que diz nossa Regra: No silêncio e na esperança procurar viver sempre.¹ O Senhor terá cuidado das almas alheias, e, contanto que não nos descuidemos nós de suplicá-lo a Sua Majestade, faremos muito proveito, com seu favor. Seja Ele para sempre bendito.

1) Cf. Is 30, 15.

QUARTAS MORADAS.

CONTÊM TRÊS CAPÍTULOS.

CAPÍTULO I

Trata da diferença que há entre os contentamentos e ternuras da oração e os gostos. Diz quanto se sentiu feliz ao entender que a imaginação e o entendimento são duas coisas diversas. E' de proveito para quem se distrai muito na oração.

Para começar a discorrer sobre as quartas moradas é necessário recorrer ao Espírito Santo, como acabo de fazer, e suplicar-lhe que de ora em diante fale em meu lugar, para me ser possível dizer alguma coisa, de modo que se entenda, sobre as moradas restantes. Já vão sendo favores sobrenaturais e difficilimos de explicar, a menos que Sua Majestade se encarregue disto, como fez quando há quatorze anos ¹, pouco mais ou menos, escrevi sobre o que eu até então havia entendido. Tenho agora, ao que me parece, um pouco mais de luz acerca destas mercês concedidas pelo Senhor a algumas almas; mas quanto a saber dizê-las, é coisa diferente. Faça-o Sua Majestade se disto se há de seguir algum proveito; e se não, não faça.

Como já estas moradas se vão chegando para onde está o Rei, grande é sua formosura. Há coisas tão delicadas de ver e de entender, que o entendimento, com todas as suas traças, não é capaz de sugerir sequer uma idéia que as exprima adequadamente. Qualquer explicação parece bem obscura aos que não o

1) Vida, cap. XI a XXVII.

experimentaram; mas bem o entenderá quem tiver experiência, sobretudo se for muita. E' natural pensar que para chegar a estas moradas é preciso ter vivido muito tempo nas outras. Entretanto, embora de ordinário se tenha passado pela que acabamos de descrever, não é regra certa, como já tereis ouvido dizer bastantes vezes, porque dá o Senhor quando quer e como quer, e a quem quer. Dispõe dos bens como de coisa sua e, portanto, não faz agravo a ninguém.

Nestas moradas raramente penetram os reptis peçonhentos, e, se alguma vez conseguem introduzir-se nelas, antes causam proveito do que dano. E, a meu ver, é muito melhor quando entram e fazem guerra, neste estado de oração; porque se não houvesse tentações não ganharia tanto a alma. Poderia enganá-la o demônio, misturar enganos aos gostos que dá o Senhor, e fazer-lhe muito mais mal que com as próprias tentações, desviando todas as coisas que a podem fazer merecer, deixando-a mergulhada num embevecimento constante. Quando este embevecimento é sem interrupção não o tenho por seguro; nem julgo possível neste desterro permanecer em nós sempre no mesmo estado o espírito do Senhor.

Tratemos agora do que prometi dizer-vos nestas moradas, isto é, qual a diferença que existe entre as consolações e os gostos na oração. Parece-me a mim que se podem chamar consolações ou contentamentos as que adquirimos por meio de nossas meditações e súplicas a Nosso Senhor. Procedem de nossa natureza, conquanto — está claro — com o auxílio da graça de Deus; deste modo haveis de entender o que eu disser, pois sem Ele nada podemos. Nascem da mesma obra virtuosa que realizamos; são, de alguma sorte, fruto de nosso trabalho; e com razão ficamos contentes por nos termos empregado em coisas tão boas. Mas, se bem considerarmos, sente-se o mesmo contentamento em muitas circunstâncias que podem acontecer na vida; como, por exemplo, herdar inesperadamente uma grande fortuna; avistar de súbito uma pessoa muito amada; ter levado a termo um negócio

importante ou algum feito ilustre que todos engrandecem; ou ver regressar vivo um marido ou irmão, ou filho que se julgava morto. Tenho visto lágrimas em consequência de uma viva alegria, e até a mim já me tem isto sucedido alguma vez. Penso, pois, que, assim como são naturais estes contentamentos, o mesmo acontece com os que nos dão as coisas de Deus; apenas têm mais nobre origem, conquanto os outros também não sejam maus. Em suma: as consolações começam em nosso próprio natural e terminam em Deus; os gostos têm seu princípio em Deus e vêm a nós, e se deixam fruir com tanto gozo como os prazeres de que falei, e ainda muito mais. O' Jesus, e que desejo tenho de saber declarar este ponto! E' que bem o entendo, e parece-me haver notória diferença, mas, com meu pouco saber, não tenho capacidade para o explicar suficientemente. O Senhor o faça por mim!

Acode-me agora à lembrança um verso do último salmo que rezamos em Prima, o qual termina assim: *Cum dilatasti cor meum.*¹ Quem tiver muita experiência, só por estas palavras entenderá a diferença que existe entre consolações e gostos; quem não a tiver, precisará de mais algumas explicações. Os contentamentos de que falei não dilatam o coração, antes parecem ordinariamente apertá-lo um pouco, embora sem tirar a alegria que sente a alma ao ver que faz alguma coisa por Deus. Derrama então umas lágrimas sentidas, que parecem de certo modo provir de alguma paixão. Sou muito ignorante, e pouco sei dessas paixões da alma. Se tivesse mais saber talvez discernisse o que procede da natureza e dos sentidos e me desse a entender, pois o compreendo pela experiência que tenho, mas não o sei declarar. Grande coisa, para tudo, é o ter ciência e letras.

O que sei deste estado, isto é, destes regalos e contentamentos de quem medita — e isto por mim mesma o sei, — é que, se me punha a chorar sobre a Pai-

1) Quando dilataste meu coração. (Sl 118, 32).

xão, não acabava mais, até ao ponto de ficar com a cabeça atordoada. Se chorava meus pecados, era a mesma coisa. E grande graça me fazia nisto Nosso Senhor, pois não quero examinar agora o que é melhor: se os contentamentos ou os gostos; quisera apenas saber exprimir a diferença que há entre uns e outros. Algumas vezes a natureza e a disposição em que estamos, contribuem para tais desejos e lágrimas, mas, ainda assim, como disse, vai tudo parar em Deus. E são muito de estimar, contanto que tenhamos humildade para entender que nem por isso somos melhores, pois não há certeza de procederem de amor esses efeitos; e, ainda que a houvesse, são meros dons de Deus. Geralmente esses sentimentos de devoção mais se encontram nas almas das moradas precedentes, porque trabalham quase de continuo com o entendimento, e com ele se empregam em discorrer e meditar. E bem fazem, porque não lhes foi dado mais. Acertariam, entretanto, se ocupassem algum tempo em fazer afetos e dar louvores a Deus, gozando-se de sua bondade e de ser Ele quem é, e desejando sua honra e glória. Isto façam como puderem; serve muito para mover a vontade. E guardem este importante aviso: quando o Senhor lhes der coisas mais altas, não as deixem de lado para acabar a meditação de costume.

Como já me tenho alargado muito sobre este assunto em outras partes ², não o repetirei aqui. Só quero que vos compenetreis bem disto: para aproveitar muito neste caminho e subir às moradas que desejamos, o essencial não é muito pensar, é amar muito; e por isso escolhi de preferência o que mais vos conduzir ao amor. Talvez nem saibamos o que é amar, e não me admiro, pois não consiste em ser mais favorecido de consolações, e sim numa total determinação e desejo de contentar a Deus em tudo; em procurar o mais possível evitar qualquer ofensa; e rogar-lhe pelo aumento continuo da honra e glória de seu

2) Livro da Vida, cap. 12.

Filho e pela prosperidade da Igreja Católica. São estes os sinais do amor; e não julgueis que consista a oração em não pensar em outra coisa, nem que tudo esteja perdido quando vos distraís um pouco.

Tenho andado algumas vezes bem apertada, nessa barafunda de distrações; e só há pouco mais de quatro anos vim a compreender, por experiência, que pensamento, ou imaginação — para melhor me dar a êntender, — não é o mesmo que entendimento. Consultei um letrado, e confirmou-me nesta verdade, o que me causou não pequena satisfação; porquanto, sendo o entendimento uma das potências da alma, causava-me muito pesar o senti-lo algumas vezes tão irrequieto. De ordinário voa o pensamento tão depressa que só Deus o pode deter quando assim nos ata na oração a ponto de parecer que a alma, de certo modo, está desatada do corpo. Via eu e constataba que as potências interiores se mantinham empregadas em Deus e recolhidas com Ele, e por outra parte via alvorotado o pensamento. Ficava zozna.

O' Senhor, levai em conta o muito que se padece neste caminho por falta de saber. E o pior é que, imaginando que tudo consiste em pensar em Vós, nem tratamos de interrogar pessoas doutas, nem ao menos suspeitamos que haja necessidade de consultar a alguém. O resultado é passarmos terríveis trabalhos por não nos entendermos. Chegamos a considerar grande culpa o que, longe de ser mau, até é bom. Daqui procedem as aflições de muita gente que trata de oração, ao menos os que não têm letras. Queixam-se de penas interiores, tornam-se melancólicas e acabam por perder a saúde e até deixar tudo, por falta de considerarem que há um mundo interior dentro de nós. Assim como não podemos deter o movimento dos céus, nem impedir que ande depressa, com incrível velocidade, tampouco podemos deter nosso pensamento; e se tornamos responsáveis pelos seus desvios todas as potências da alma, logo nos parece que estamos perdidas, empregando mal o tempo na presença de Deus. E, quem sabe? está a alma bem unida a Ele — nas

moradas mais vizinhas da sua — enquanto a imaginação vagueia pelos arrabaldes do castelo, padecendo, às voltas com mil reptis malignos e peçonhentos, e merecendo com este padecer. Fique, pois, assentado: isto não nos deve perturbar, nem ser motivo para deixarmos a oração, — como bem o quisera o demônio. Pela maior parte, desta falta de nos entendermos a nós mesmos provêm todos os trabalhos e inquietações.

Enquanto vou escrevendo, estou considerando o que se passa em minha cabeça. E', como disse no princípio, um grande ruído, que me tornou quase impossível escrever isto que me mandaram. Tenho a impressão de haver nela muitos rios caudalosos, cujas águas se despenham; ouço um bando de passarinhos e também silvos, não com os ouvidos corporais, senão no alto da cabeça, onde, segundo dizem, reside a parte superior da alma. Assim pensei durante muito tempo, por me parecer que o grande movimento do espírito subia para o alto com velocidade. Aqui não fica bem o explicar a causa disto; praza a Deus me lembre eu de fazê-lo nas moradas seguintes. Não duvido muito de que o Senhor me tenha querido dar este sofrimento para melhor me esclarecer. De fato, toda esta barafunda na cabeça não me estorva a oração nem me impede de escrever, antes está bem engolfada a alma em sua quietação, e amor, e desejos, e claro conhecimento.

Mas se está a parte superior da alma no alto da cabeça, — como não se perturba? Isto não sei, mas asseguro que digo a verdade. Sofre quando não é oração em que fique suspensa; mas em havendo suspensão, durante todo tempo que dura, nenhum mal sente. O pior seria deixar tudo por causa dessas dificuldades. Não nos perturbemos, pois, com os pensamentos, nem façamos caso deles. Só com esta nossa atitude desaparecerão, se vierem do demônio; e se procederem da miséria herdada com muitas outras em consequência do pecado de Adão, o remédio é ter paciência e sofrer por amor de Deus. Assim também nos

vemos constrangidas a comer e dormir, sem o poder-mos excusar, — o que é não pequeno trabalho.

Reconheçamos nossa miséria e suspiremos pela mansão *onde ninguém nos despreze*.³ Recordo-me algumas vezes destas palavras da Esposa dos Cantares, e verdadeiramente não acho neste desterro ocasião em que seja mais justo repeti-las, pois todos os desprezos e trabalhos que podem surgir na vida não têm comparação, a meu ver, com estas batalhas interiores. Seja qual for, como já vos disse, o desassossego, e mesmo a guerra, tudo se pode aguentar quando no interior, onde vivemos, se encontra a paz. Quando, porém, estamos suspirando por descansar dos mil trabalhos tão frequentes no mundo, e o Senhor, de seu lado nos quer aparelhar o descanso, e esbarramos com o estorvo que há em nós mesmas, — eis o que não pode deixar de ser muito penoso e quase insofrível. Por esta causa — levai-nos, Senhor, para onde não nos desprezem essas misérias, que parecem algumas vezes escarnecer da alma! Deste tormento só a livra o Senhor neste mundo quando a introduz na última morada, como adiante diremos, se for Deus servido.

Nem a todos talvez acometam e aflijam tanto essas misérias como durante muitos anos aconteceu comigo, por ser tão ruim. Dir-se-ia que eu me queria vingar de mim mesma. Como tão penoso foi para mim este suplício, penso que o poderá ser também para vós, e por isso o repito a toda hora, na esperança de afinal conseguir dar-vos a entender que é coisa inevitável e, portanto, não vos deve inquietar nem afligir. Deixemos andar a taramela do moinho, e continuemos a moer nossa farinha — por meio do exercício do entendimento e da vontade.

Há mais e menos neste tormento das distrações, de acordo com a saúde e a variedade dos tempos. Pa-deça-o, pois, a pobre alma, ainda quando não tiver culpa; outras faltas terá, pelas quais justo é sofrer

3) Alusão à passagem dos Cantares: Et jam me nemo despiciat. (Cânt 8, 1).

com paciência. E, porque não nos bastam os livros nem os conselhos, para deixarmos de fazer caso desses sentimentos, a nós que temos pouco saber, não se me afigura perdido todo o tempo que emprego em vo-lo declarar com o fim de vos consolar neste ponto. Mas, confesso, de pouco serve até que o Senhor se digna dar-nos luz. Entretanto, é preciso — e assim o quer Sua Majestade — que busquemos meios de nos instruir, e não culpemos a pobre alma daquilo que procede da imaginação fraca, da natureza e do demônio.

CAPÍTULO II

Continua a falar no mesmo assunto. Por uma comparação explica o que são os gostos e diz como os chegamos a alcançar sem os ter procurado.

Valha-me Deus! no que me fui meter! Já tinha esquecido o assunto, porque os negócios e a falta de saúde me obrigam a deixar tudo, no melhor da festa, e, como tenho pouca memória e não posso reler o que escrevo, tudo vai desacertado. E talvez seja total desacerto tudo quanto digo; ao menos é a impressão que tenho. Falando sobre as consolações espirituais, parece-me ter dito que por vezes trazem alguma mistura de nossas paixões, como são alvoroços e soluços. Certas pessoas, segundo ouvi dizer, sentem o peito como apertado; fazem movimentos exteriores que não podem conter; chegam a pôr sangue pelo nariz e a padecer outros acidentes penosos, em consequência dos ímpetos que experimentam. Sobre isto nada sei dizer porque nunca o senti; mas penso que deve causar consolação, pois, repito, tudo vai parar em desejos de contentar a Deus e gozar de Sua Majestade.

Os gostos de Deus a que me referi — dando-lhes em outra parte o nome de oração de quietação, — são muito diferentes, como o entenderéis, vós que pela misericórdia de Deus os tendes experimentado. Para

melhor compreensão, imaginemos duas fontes que vão abastecendo e enchendo de água duas pias. Nada me parece mais a propósito para dar a entender certas matérias espirituais do que a água. A razão é que, sabendo pouco e não possuindo engenho que preste, tenho olhado com mais advertência este elemento, por ser muito amiga dele. Em todas as coisas criadas por um Deus tão grande e tão sábio, deve haver aliás muitíssimos segredos de que nos podemos aproveitar, e assim fazem os entendidos: mas, a meu ver, ninguém é capaz de penetrar tudo quanto se encerra na menor criatura de Deus, ainda que seja uma formiguinha.

De modo diferente são abastecidos esses dois reservatórios. Um recebe de longe a água, através de aquedutos feitos por mãos de homens. O outro brota na própria nascente, e se vai enchendo sem nenhum ruído; e, quando é caudaloso o manancial — como este de que falamos, — transborda depois de cheio e forma um grande arroio, sem necessidade de artifício. Sempre está manando água, não depende de aquedutos. Semelhante diferença existe entre os contentamentos e os gostos. Os que, segundo disse, resultam da meditação, podem comparar-se à água trazida por encanamentos, porquanto os despertamos por meio de reflexões, meditando sobre as criaturas e exercitando a mente; e como, em suma, nos vêm por nossas diligências, fazem ruído quando enchem de proveito a alma, como ficou dito.

Nesta outra fonte, de que pretendo falar, vem a água de sua própria nascente, que é Deus; e assim, quando Sua Majestade é servido de conceder alguma mercê sobrenatural, faz brotar grandíssima paz e quietação e suavidade, do mais íntimo da alma. Não sei dizer para onde vai essa água, nem como brota; nem esse contentamento e deleite, ao menos no princípio, se sente no coração, como os da terra; só depois é que enche tudo. Vai correndo essa água por todas as moradas e potências, até chegar ao corpo, e por esta causa disse eu que em Deus começa, e termina em

nós. O certo é que todo o homem exterior goza deste deleite e suavidade, como verá quem dele tiver fruído.

Enquanto escrevo, vem-me à lembrança que nesse versículo *Dilatasti cor meum*¹ diz o Profeta que se lhe dilatou o coração; mas não me parece que daí proceda o gozo, senão de outro lugar ainda mais interior, — de um como abismo profundo. Deve ser, creio, o centro da alma, segundo depois vim a entender e pretendo explicar mais tarde. Confesso: vejo tantos segredos em nós mesmos, que muitas vezes fico espantada. E quantos outros devem existir! O' Senhor meu e Deus meu, quão magníficas são vossas grandezas! E andamos neste mundo como uns zagaizinhos bobos, imaginando penetrar até certo ponto o que sois, e, na realidade, deve ser quase nada, pois mesmo em nós há grandes segredos que não entendemos. Digo: quase nada, em comparação do muitíssimo, do infinito que há em Vós; não porque não sejam muito sublimes as grandezas que vemos em vossas obras, apesar de ser tão limitada a nossa compreensão.

Tornando ao versículo, penso que pode aplicar-se ao meu assunto para dar a entender aquela dilatação produzida pela água celeste deste manancial que há no mais profundo de nós mesmos. Vai ela dilatando e alargando todo o nosso interior e produzindo bens indizíveis; nem a própria alma favorecida é capaz de entender o que ali recebe! Delicia-se com tal fragrância como se naquele abismo íntimo — imaginemos assim — houvesse um braseiro onde se lançassem a arder finíssimos perfumes. Não vê fogo, nem sabe onde arde, mas o calor e os vapores olorosos penetram a alma toda, e ainda não raramente se estendem também ao corpo. Reparai e compreendei meu pensamento: não se sente quentura nem olor. Emprego estas expressões para vo-lo dar a entender, porém são coisas muito mais delicadas. E quem não o experimentou, não duvide: creia que é verdade e realmente assim acontece. A alma favorecida o entende mais claramen-

1) Dilataste-me o coração. (Sl 118, 32).

te do que o explico neste momento. Não é coisa que se possa imaginar, pois com todas as nossas diligências não conseguimos adquiri-la, o que é prova de não ser do nosso metal e sim do puríssimo ouro da Sabedoria Divina. Aqui não estão unidas, a meu ver, as potências; andam embebidas e como espantadas, a olhar o que será aquilo.

Poderá haver alguma contradição, nestas coisas interiores, entre o que agora digo e o que escrevi há mais tempo. Não é de admirar, pois, em perto de quinze anos² que decorreram, parece-me ter recebido do Senhor mais luzes para o entender. Posso, aliás, estar errada, tanto agora como então; mas falo o que entendo, não minto. Isto não! Pela misericórdia de Deus, preferiria morrer mil vezes!

Bem me parece que a vontade deve de algum modo estar unida à de Deus; mas nestas graças de oração só se vem a conhecer a verdade depois, pelos efeitos e obras, que não há melhor crisol para as provar. E' não pequena mercê de Nosso Senhor se quem a recebe a conhece; e muito maior se não torna atrás depois de a ter recebido. Haveis logo de querer, filhas minhas, procurar ter esta oração, e pensais bem, pois torno a dizer, a própria alma não pode compreender de todo as mercês que então lhe faz o Senhor e a ternura com que a vai chegando mais a si. E' justo, pois, desejar saber como alcançaremos tão grande favor. Vou dizer-vos o que tenho entendido a este respeito.

Não falo de certos casos em que apraz ao Senhor concedê-lo somente porque Sua Majestade assim quer, sem outra razão. Ele sabe porque assim o faz: não nos temos que intrometer com isso. Exercitemo-nos do mesmo modo que os habitantes das moradas precedentes; e depois: humildade, humildade! Por meio desta é que o Senhor se deixa render a tudo quanto dele queremos. E o primeiro indício para verdes se sois humildes é se vos julgais indignas de receber estes gosos e mercês do Senhor e pensais nunca ha-

2) Escreveu a Vida em 1562 e as Moradas em 1577.

ver de experimentá-los em toda a vossa vida. Dir-me-eis que dessa maneira, sem os procurardes, como os haveis de alcançar? Respondo que não há meio melhor que o sobredito, — que é não procurar, — e isto pelas seguintes razões. A primeira é que, antes de tudo, a condição essencial é amar a Deus sem interesse. A segunda, porque não deixa de ser pouca humildade o pensar que por nossos miseráveis serviços havemos de obter tão alto favor. A terceira, porque a verdadeira preparação para estes favores é o desejo de padecer e de imitar ao Senhor, e não o ter gostos; porque, afinal de contas, nós o temos ofendido. A quarta é que não está Sua Majestade obrigado a concedê-los, como a dar-nos a Glória se guardarmos seus mandamentos; pois sem tais mercês nos poderemos salvar, e, melhor que nós, sabe o Senhor o que nos convém, e conhece quem o ama de verdade. Quanto a mim, sei, e é bem certo, que há pessoas — e eu mesma conheço algumas — que vão pelo caminho do amor como se deve ir, só anelando servir a seu Cristo crucificado, e não só não desejam nem pedem gostos, mas antes lhe suplicam que não lhos dê nesta vida. E' a pura verdade. A quinta, porque seria trabalhar em vão; esta água não vem canalizada por aquedutos como a precedente, e, quando não brota do manancial, de pouco servem nossos esforços. Quero dizer: por mais que meditemos e ainda que consigamos derramar lágrimas com as nossas diligências, não é por tais encanamentos que vem esta água. Só jorra quando Deus quer, e muitas vezes quando mais descuidada está a alma.

A Ele pertencemos, Irmãs: faça de nós o que lhe aprouver; leve-nos por onde for servido. Bem creio que não deixará o Senhor de nos fazer esta mercê, e outras muitas que nem saberemos desejar, se de verdade formos humildes e desapegadas. De verdade, sim, porque não há de ser fruto da imaginação, a qual muitas vezes nos engana, senão desapego universal. Seja o Senhor louvado e bendito para sempre. Amém.

CAPÍTULO III

Em que explica a oração de recolhimento, a qual costuma dar o Senhor antes da sobredita, que é a dos gostos divinos. Diz os efeitos de uma e de outra.

Esta oração de que falei traz consigo grandes efeitos, dos quais direi alguns. Antes dela, porém, costuma geralmente haver outra, da qual falarei primeiro, embora brevemente por já ter tratado desta matéria em outros lugares.¹ E' um recolhimento que me parece também sobrenatural. Não consiste em estar às escuras, nem em cerrar os olhos, nem em coisa alguma exterior, conquanto, mesmo sem querer, se faça isto: de os fechar e buscar solidão. Dir-se-ia que sem nenhum artifício humano se vai lavrando o palácio para a oração de que atrás falei; porquanto os nossos sentidos e as coisas exteriores parecem ir perdendo seus direitos, ao passo que a alma vai recuperando os dela, que havia perdido.

Dizem alguns autores que a alma entra dentro de si mesma; outros, que sobe e se eleva acima de si. Com estes termos não sei exprimir nada. Tenho este defeito: penso que dizendo as coisas como sei, dou-me a entender, e talvez seja claro só para mim. Fazemos de conta que os sentidos e as potências — os quais, na comparação de que me estou servindo para explicar algumas destas verdades, são a gente deste castelo — desertaram dele e andam, há dias e anos, metidos com gente estranha e inimiga; mas por fim, reconhecendo sua perdição, já se vêm aproximando, embora não se resolvam a entrar definitivamente, porque terrível coisa é o mau costume. Contudo já não são traidores, e ficam rondando pelos arredores. Vendo-os animados de boa vontade, o grande Rei que reside no interior deste castelo, por sua grande misericórdia determina chamá-los a si. Como bom pastor,

1) Vida, cap. XVI e Caminho de Perfeição, cap. XXVIII e XXIX.

com um assobio tão suave que ainda eles mesmos quase o não percebem, faz que, reconhecendo sua voz, não andem tão perdidos e voltem à antiga morada. E tanta força sobre eles tem este assobio pastoril, que desamparam as coisas exteriores em que andavam distraídos e se metem no castelo.

Parece-me que nunca o dei a entender tão bem como agora. O certo é que para buscar a Deus no íntimo da alma, onde melhor o encontramos e com mais proveito que nas criaturas — a exemplo de Santo Agostinho ², que o achou em si depois de o ter procurado em muitas partes, — grande ajuda é o receber do Senhor esta mercê. E não julgueis alcançá-la por meio do entendimento ou da imaginação, esforçando-vos por pensar que Deus está dentro de vós, ou figurando-o presente em vosso interior. Bom e excelente é este modo de meditar, porque se funda sobre esta grande verdade: que Deus está dentro de nós mesmos; mas cada um pode fazer assim, com o favor de Deus, bem entendido. Não se trata só disto: o que digo é de outro gênero. Algumas vezes, antes mesmo de se começar a pensar em Deus, eis toda a gente no castelo. Por onde, ou como ouviram o silvo do pastor? Não sei. Pelos ouvidos não foi, que nada se ouve. Mas sente a alma, sem haver dúvida possível, um recolhimento suave que a chama ao interior, como verá quem o experimenta. Melhor não o sei explicar. Tenho idéia de haver lido que é semelhante ao que fazem o ouriço ou a tartaruga quando se retiram dentro de si. ³ Devia entendê-lo bem, quem isto escreveu. Todavia há esta diferença: eles se retraem quando lhes apraz, e aqui não depende de nosso querer; é só quando se digna Deus outorgar esta mercê. Tenho para mim que quando Sua Majestade a concede a certas pessoas, é que já vão dando de mão às vaidades

2) Confissões, livro X, cap. XXVII.

3) Refere-se ao Terceiro Abecedário espiritual, de Frei Francisco de Osuna, livro que muito a ajudou a exercitar-se na oração de recolhimento, como se vê no Livro da Vida, cap. IV.

do mundo, senão por obra — pois alguns em razão de seu estado não podem, — ao menos pelo desejo. Deste modo as convida particularmente, para que estejam atentas ao seu interior. E assim creio que, se houver correspondência, não se limitará Sua Majestade a dar só isto a esses que já começa a chamar a coisas mais altas.

Louve-o muito quem reconhecer em si tal mercê, porque justo e justíssimo é tê-la em grande conta; e as ações de graças que se dão por ela servem para dispor a outros maiores favores. Prepara também a alma a saber escutar a Deus, segundo lemos em alguns autores, que aconselham a procurar não discorrer, e a conservá-la atenta às operações divinas. Quanto a mim não posso entender ao certo como seja possível deter o pensamento de modo a não produzir antes dano que proveito, exceto se já começou Sua Majestade a embeber-nos. A este respeito houve uma conta bem dilatada entre várias pessoas espirituais, e — confesso minha pouca humildade — nunca me deram razão capaz de me render à opinião deles. Um me alegou certo livro do santo Frei Pedro de Alcântara. Tenho-o em conta de santo, e a ele me renderia, pois sei que era mestre. Fomos ler juntos suas palavras, e vimos que, embora usando de termos diferentes, pensava como eu, e bem o dá a entender quando diz que já há de estar em ebulição o amor.' Po-

4) No *Tratado da Oração e Meditação*, aviso oitavo, ensinando o modo de fazer da meditação degrau para subir à contemplação diz São Pedro de Alcântara: "Daqui se desprende uma coisa geralmente ensinada por todos os mestres da vida espiritual (embora pouco entendida dos leitores), e é que: — assim como alcançado o fim cessam os meios, e atingido o porto suspende-se a navegação, — assim também quando, mediante o trabalho da meditação, chega o homem ao repouso e gosto da contemplação, deve, enquanto durar, abster-se de suas piedosas e árduas reflexões e contentar-se com uma simples vista e memória de Deus, como se o tivesse presente, e gozar daquele afeto que se lhe dá, seja de amor, de admiração, de alegria ou de outra coisa semelhante. A razão deste conselho é que todo o fim da oração consiste principalmente no amor e nos afetos da vontade, e, já estando ela presa e tomada deste sentimento, con-

de ser que eu me engane, mas fundo-me nas razões seguintes:

A primeira é que, nesta obra espiritual, quem menos imagina e pretende fazer, mais faz. Nossa atitude deve ser a de pobres necessitados que, diante de um grande e rico imperador, pedem e logo baixam os olhos e esperam com humildade. Quando o Senhor, por seus secretos caminhos, dá mostras de nos ouvir, então é bem que nos calemos, procurando não exercitar o entendimento, tanto quanto possível, pois Ele nos admite junto de Si. Mas se nenhum sinal temos de que este Rei nos está vendo e ouvindo, não havemos de ficar como bobos. Deste modo se porta a alma quando procura não agir; e sente muito mais segura e quiçá mais inquieta a imaginação, em consequência da força que fez para não pensar em nada. Não seja assim: quer o Senhor que lhe peçamos e nos consideremos em sua presença. O que nos convém, Ele o sabe. Não posso aprovar indústrias humanas em coisas às quais parece ter posto limites Sua Majestade, reservando-as para Si. Muitas outras há que podemos praticar, com sua ajuda, até onde alcança a nossa miséria, tais como penitência, boas obras e oração.

A segunda razão é que estas operações são muito suaves e pacíficas; e de inventarmos coisas penosas resulta maior dano que proveito. Chamo penosa qualquer violência que nos queiramos fazer, como, por exemplo, deter a respiração. O melhor é deixar-se nas mãos de Deus, com a maior submissão à Divina Vontade, num total descuido do proveito próprio, tanto

vém escusar todos os discursos e especulações da inteligência, quanto nos for possível, para que em amar se empregue nossa alma com todas as suas forças, sem mais se dividir pelos atos das outras potências. E por isso aconselha um Doutor, que, em se sentindo o homem inflamar de amor de Deus, deve logo abandonar todos os discursos e pensamentos, por mais altos que lhe pareçam; não que sejam maus, senão porque em tal conjuntura servem de empecilhos a outro bem maior. Não é isto outra coisa mais do que parar o movimento em chegando ao termo, e deixar a meditação por amor da contemplação”.

quanto se puder. Faça Ele de nós o que for de seu agrado.

A terceira é que justamente a preocupação de não pensar em nada, será talvez para a imaginação motivo de se desmandar mais. A quarta é: o mais substancial e agradável a Deus é que nos lembremos de sua honra e glória e nos esqueçamos de nós mesmos e de nosso proveito, regalo e gosto. Ora, como poderá estar descuidado de si quem fica tão preocupado que nem se ousa mexer, nem mesmo permite a seus pensamentos e desejos que se movam a desejar a maior glória de Deus e a alegrar-se com as grandezas divinas? Quando apraz a Sua Majestade suspender o entendimento, ocupa-o de outra maneira: dá-lhe conhecimentos e luzes tão acima do que podemos alcançar, que o faz quedar-se absorto e, sem saber como, muito melhor ensinado do que à força de todas as diligências humanas, que nesse caso fariam tudo perder. Pois o Senhor nos deu as potências para trabalharmos com elas, e este trabalho tem seu prêmio, não vejo razão para sujeitá-las com encantamentos. Deixemo-las fazerem seu ofício, até que o Senhor as promova a outro maior.

O modo de proceder mais conveniente, segundo me parece, à alma a quem aprouve ao Senhor meter nesta morada, é fazer como digo. Procure atalhar os discursos do entendimento, não porém suspendê-lo nem abster-se de pensar; antes é bom recordar-se de que está na presença de Deus e compenetrar-se de quem é esse Deus. Se, com o mesmo que sente em si, ficar embebida, fique-o, em boa hora; mas não procure entender o que é, porque esse dom se dirige à vontade. Deixe-a gozar, sem nenhuma indústria, apenas com algumas palavras amorosas. Neste ponto, embora não procuremos estar sem pensar nada, assim ficamos muitas vezes, porém por brevíssimo tempo.

Nesta oração de recolhimento não se há de deixar a meditação nem o trabalho da inteligência. Deveria eu tê-la mencionado antes da outra de que falei primeiro, que é a dos gostos divinos, pois é muito

inferior, conquanto seja princípio para chegar a ela. Torno agora ao modo de oração de que tratei no começo desta morada. Como disse em outro lugar⁵, não é água trazida por aquedutos: jorra da fonte e manancial, e é esta a causa de se deter o entendimento. Por melhor dizer, é ele detido; vê que não entende o que quer, e assim anda de cá para lá, como tonto, e em nada faz assento. A vontade, pelo contrário, tão grande quietação tem em seu Deus, que muito lhe pesa esse bulício espiritual. Não deve fazer caso, pois seria perder muito do que está gozando: deixe-o a ele, e deixe-se a si nos braços do amor, que Sua Majestade lhe ensinará o modo de agir. Este se resume, quase inteiramente, em achar-se indigna de tanto bem e empregar-se em ação de graças.

Por tratar da oração de recolhimento, deixei para este lugar os efeitos ou sinais que se observam nas almas às quais Deus Nosso Senhor favorece com os gostos divinos. Claramente se entende um dilatar-se ou alargar-se da alma, — à semelhança de uma fonte lavrada de tal maneira que não deixasse correr para o exterior as águas; antes, à medida que fosse mandando com mais abundância, se tornasse mais ampla e mais capaz. Assim parece acontecer nesta oração, além de outras muitas maravilhas que opera Deus na alma com o fim de a ir habilitando e dispondo para nela depositar a plenitude de suas graças. Com essa dilatação e suavidade interior, já não fica ela atada como antes nas coisas do serviço de Deus, anda com muito mais liberdade! Não vive emprensada com o medo do inferno; perde o temor servil e, embora fique mais temerosa de ofender a Deus, experimenta grande confiança de que o há de gozar. Já não tem, como antes, receio de fazer penitência e vir a perder a saúde: já lhe parece que, em Deus, tudo poderá, e sente mais desejos de fazê-la do que até então. A repugnância aos trabalhos, que habitualmente sentia, já se vai moderando, porque, tendo fé mais viva, enten-

5) Caminho de Perfeição, cap. XXXI.

de que, se os passar por Deus, lhe dará Sua Majestade graça para os sofrer com paciência. Chega mesmo a desejá-los, de quando em quando, pela grande vontade que lhe fica de fazer por Deus alguma coisa. Como vai conhecendo melhor as grandezas divinas, já se tem em conta de mais miserável; havendo provado os gostos de Deus, vê que os do mundo não são mais que cisco; e pouco a pouco se vai apartando deles, sentindo-se mais senhora de si para calcá-los aos pés. Fica, em suma, melhorada em todas as virtudes, e não deixará de ir crescendo, se não tornar atrás. Sim, porque tudo perderá se voltar a ofender a Deus, — por mais que se tenha elevado até ao cume. Não quero dizer que por uma ou duas vezes que faça Deus estas mercês, resultem todos estes frutos. Cumpre ir perseverando para continuar a recebê-las, pois na perseverança encerrado está todo o nosso bem.

De uma coisa quero avisar muito a quem se vir neste estado: guarde-se extremamente das ocasiões de ofender a Deus. E' que neste ponto ainda não está criada a alma: é semelhante a uma criancinha que vai começando a alimentar-se do leite materno. Se se apartar do peito de sua mãe, que se pode esperar para ela senão a morte? Tenho grande receio de acontecer o mesmo a quem se apartar da oração depois de haver recebido de Deus este favor, a menos que seja por motivo justíssimo e que torne prontamente a ela. A não fazer assim, irá de mal a pior. Sei que há muito que temer neste caso. Algumas pessoas conheço que me causam grande lástima; nelas testemunhei o que digo, por se haverem apartado de quem com tanto amor se lhes queria dar por Amigo, como bem o mostrava por obras. Dou com tanto empenho este aviso de que não se ponham em ocasiões; porque mais questão faz o demônio de ganhar uma destas almas, do que muitíssimas outras não favorecidas pelo Senhor com iguais mercês. E' que lhe podem acarretar grande prejuízo, levando outras atrás de si, e são capazes de produzir muito fruto na Igreja de Deus. Basta, aliás, ao inimigo ver o particular amor que lhes mostra Sua

Majestade, ainda que não houvesse outras razões, para que ponha tudo em jogo com o fito de as perder. Deste modo são muito combatidas, e muito maior será para elas a perdição, se vierem a transviar-se, do que para outras almas. Vós, Irmãs, estais livres desses perigos, tanto quanto podemos julgar. Deus vos livre de soberba e vanglória; e também das ilusões do demônio, que pretende contrafazer estas mercês mas logo se dá a conhecer, porque não produz os sobreditos efeitos, senão tudo ao contrário.

Embora já o tenha dito em outra parte, quero precaver-vos contra um perigo em que tenho visto caírem pessoas de oração, especialmente mulheres, pois, como mais fracas, mais sujeitas somos ao que vou dizer. E é que algumas, pela muita penitência e oração e frequentes vigílias, e mesmo sem isto, são débeis de compleição. Quando têm algum regalo, logo se lhes rende a natureza; e, como sentem no interior a consolação e no exterior a fraqueza, e até desfalecimento, em havendo o sono chamado espiritual, que é uma graça um pouco superior à que deixei dita, tomam tudo aquilo como vindo de Deus e deixam-se embevecer. E quanto mais se entregam, mais embebidas ficam, porque mais se lhes vai enfraquecendo o natural; e imaginam que é arroubamento. Quanto a mim chamo-o abobamento, que não é outra coisa senão andar perdendo tempo e gastando saúde.

A certa pessoa acontecia ficar oito horas nesse estado, no qual nem se perde o sentido nem se tem noção de Deus. Trazia enganado o confessor e a muitos outros, e ainda a si mesma, embora não tivesse intenção de enganar. Houve quem a entendesse, e, tendo-lhe mandado comer, dormir e não fazer tanta penitência, desapareceu tudo. Bem creio que o demônio entrou nesse caso, com o olho em algum lucro; e já ia começando a recolher não pouco.

Entenda-se bem: quando se trata de verdadeira mercê de Deus, embora haja desfalecimento interior e exterior, a alma não desfalece, antes tem altos sentimentos ao ver-se tão junto de Deus. Também não

dura tanto, é muito breve. E' verdade que torna a embeber-se, mas esta oração, a não ser por fraqueza, como já disse, não chega a tanto que abata o corpo, nem produza nele efeitos exteriores. Ficai, portanto, de sobreaviso, e quando sentirdes essas coisas, distraivos como puderdes e dai logo conta à Prelada. Esta veja que tais Irmãs não tenham tantas honras de oração; procure que rezem pouquinho e durmam e comam bem, até que recobrem as forças naturais, se por demasiada penitência as perderam. Se alguma for de tão débil compleição que não lhe bastem estes cuidados, creiam-me: Deus a quer sòmente para a vida ativa, pois de tudo há de haver nos mosteiros. Ocupem-na em ofícios e sempre usem de precauções para que não tenha muita solidão, pois, do contrário, virá a perder a saúde. Não pequena mortificação será para ela; mas quer o Senhor experimentar se realmente o ama, pelo modo com que suporta a sua ausência divina. Será talvez servido de lhe restituir as forças, depois de algum tempo; se o não fizer, ela irá ganhando com a oração vocal e a obediência, e merecerá por aqui o que havia de merecer por outros caminhos, e porventura mais.

Também poderia haver algumas tão fracas de cabeça e de imaginação — como já tenho visto, — que lhes parecesse ver tudo quanto imaginam. E' grande perigo. Como disto tratarei talvez adiante, não me estendo mais, que já muito me tenho alargado. E' que é esta a morada em que, a meu ver, entra o maior número de almas; e também, como nela o natural está junto com o sobrenatural, é onde mais poder tem o demônio para prejudicar. Nas outras de que vou falar, não lhe dá o Senhor tanta entrada. Seja Deus louvado para sempre! Amém!

QUINTAS MORADAS.

CONTÊM QUATRO CAPÍTULOS.

CAPÍTULO I

**Começa a declarar como na oração se une
com Deus a alma. Diz por onde se conhece
não ser engano.**

O' Irmãs, como vos poderei eu dizer a riqueza, os tesouros e deleites que há nestas quintas moradas? Destas e das que restam por tratar, melhor fora nada dizer, penso eu, pois não há quem saiba falar delas; nem o entendimento é capaz de conhecê-las, nem há comparações adequadas para declará-las, pois baixíssimas são as coisas da terra para tão alto fim. Enviai-me, Senhor meu, luz do Céu para que eu possa esclarecer algum tanto estas vossas servas, e, já que sois servido de que algumas delas gozem tão ordinariamente destas delícias, não sejam elas enganadas pelo demônio, que se transfigura por vezes em anjo de luz; pois todos os seus anelos se empregam em de-sejar contentar-vos.

Algumas gozam, disse: todavia bem poucas há que não entrem nesta morada de que vou tratar; porque, havendo nela mais e menos, posso com razão afirmar que na maior parte aqui sois introduzidas. Bem poucas receberão certas mercês que há neste aposento, disto estou certa; mas ainda que não seja senão o chegar à porta, grande misericórdia é de Deus. Embora sejam muitos os chamados, poucos são os escolhidos.¹ Assim digo eu agora: todas nós que trazemos

1) Mt 20, 16. Multi enim sunt vocati, pauci vero electi.

este sagrado hábito do Carmo somos chamadas à oração e contemplação, porque foi este o nosso princípio e descendemos da casta daqueles nossos santos Padres do Monte Carmelo que em tão grande soledade e com tanto desprezo do mundo buscavam este tesouro, esta pérola de que falamos. Todavia poucas dentre nós nos dispomos para que o Senhor no-la faça encontrar. Sim, porque no exterior estamos em boas condições para chegar ao termo, mas no que se refere às virtudes ainda nos falta bastante, bastante, e é preciso não nos descuidarmos nem pouco nem muito. Por conseguinte, Irmãs minhas, tende ânimo e pedi ao Senhor que, pois de algum modo podemos gozar do Céu na terra, nos dê seu favor a fim de não o demerecermos por nossa culpa; e nos mostre o caminho, e nos conceda forças à alma para cavarmos até encontrar esse tesouro escondido que, na verdade, está dentro de nós mesmas. Isto quisera eu dar a entender, se o Senhor se dignar ensinar-me.

Forças à alma, disse eu; para compreenderdes que não fazem falta as do corpo quando Nosso Senhor não as concede. Ele a ninguém veda a aquisição de suas riquezas: dê cada um o que tem, e o Senhor se contentará. Bendito seja tão grande Deus! Mas prestai atenção, filhas: neste grau de que tratamos, não tolera o Senhor a mínima reserva: quer tendes muito, quer pouco, exige tudo para si. Na medida em que o tiverdes dado — e isso vo-lo dirá a consciência, — ser-vos-ão feitas maiores ou menores mercês. Não há melhor prova para conhecer se nossa oração chegou, ou não chegou, até à união total. Não penseis que seja semelhante a um sonho, como a oração passada; digo sonho, porque na quietação a alma parece estar adormecida: nem bem dorme, nem bem se sente desperta. Aqui, apesar de estarmos de todo adormecidas, e bem adormecidas às coisas do mundo e a nós mesmas. — porque de fato se fica verdadeiramente como sem sentidos durante o pouco tempo que dura, — aqui não há poder pensar, ainda que se queira, nem é mister suspender com artifício os pensamentos.

Até no amar, assim acontece à alma: se o faz, não entende como, nem o que ama, nem o que deseja. Em suma, está como quem morreu inteiramente ao mundo para viver mais em Deus. Morte saborosa, que é um arrancar-se a alma a todas as operações próprias de quem está ainda unida ao corpo. Morte delectosa, porque parece verdadeiramente apartar-se dele a alma a fim de melhor viver em Deus. E' de tal maneira, que nem sei se lhe resta vida para respirar. Refletindo agora, pareceu-me que não; ao menos se respira é sem entender que o faz. Quisera o entendimento empregar-se todo em compreender alguma parte do que sente, mas como suas forças não o alcançam, fica atônito. Não se perde de todo, mas não meneia pé nem mão, como se costuma dizer de uma pessoa tão desmaiada que nos parece morta. O' segredos de Deus! Não me cansaria de procurar darvos a entender estas grandezas, se tivesse esperança de atinar de algum modo; e assim mil desatinos direi, com o fim de ver se alguma vez acerto, para que demos muitos louvores ao Senhor.

Esta oração não é como um sonho, segundo já disse. Com efeito, na morada anterior, até ser muita a experiência, fica a alma em dúvida sobre o que foi aquilo: se efeito da imaginação, se algum sonho, se mercê de Deus, ou ilusão do demônio transfigurado em anjo de luz. Surgem mil suspeitas, e é bom havê-las, porque, repito, nesse ponto até o nosso próprio natural nos pode enganar alguma vez, e, embora não tenham aí muita entrada os reptis peçonhentos, entram umas lagartixinhas muito delgadas que se metem por qualquer parte e, conquanto não causem dano, especialmente se não se faz caso delas, — como aconselhei, — importunam muitas vezes. São as distraçõezinhas que procedem da imaginação e das outras causas que apontei. Nesta quinta morada, porém, não podem penetrar as lagartixas, por mais esguias que sejam, pois não há imaginação, nem memória nem entendimento capaz de impedir este bem. E ousa até afirmar: quando é verdadeiramente união divina,

não pode entrar o demônio nem fazer dano algum, — porque está Sua Majestade tão junto e unido com a essência da alma, que não se atreverá o inimigo a chegar-se. Nem mesmo deve entender este segredo; pois se, como dizem, não penetra nosso pensamento, está claro que ainda menos compreenderá arcano tão sublime, que Deus nem o fia de nossa inteligência. O' grande bem! feliz estado onde o maldito não nos pode fazer mal! E assim fica a alma com indizíveis lucros, por agir Deus nela, sem que ninguém lho estorve, nem ainda nós mesmos. Que não dará quem é tão amigo de dar e tem poder para dar tudo o que quer?

Parece que vos deixo perplexas com este meu modo de falar: quando é união divina. Então haverá outras uniões? Se as há! Ainda que seja em coisas vãs, em havendo muito amor, também o demônio causa transportes; não, porém, do mesmo modo que Deus, nem com aquele deleite, satisfação, paz e gozo da alma que é sobre todos os gozos da terra, sobre todos os deleites e sobre todos os contentamentos, e ainda mais. Com efeito, nada há de comum entre a origem dos prazeres da terra e a dos contentamentos divinos; e é muito diverso o modo de os sentir, como vo-lo dirá a experiência. Segundo uma vez escrevi²: é como se uns atingissem o envólucro tão grosseiro do corpo, e os outros a medula da alma. E atinei bem, que não sei como explicar melhor.

Parece-me que ainda não vos vejo satisfeitas, pois tendes receio de cair em algum engano, sendo tão difícil de examinar o que se passa no interior. Para quem tiver experiência, basta o que ficou dito, pois são coisas muito diferentes; contudo quero dar-vos um sinal claro a fim de não haver engano ou dúvida possível sobre as verdadeiras mercês de Deus. Sua Majestade mo trouxe hoje à memória, e é sinal certo, ao meu parecer. Sempre nas matérias dificultosas, ainda quando julgo compreender bem e dizer a verdade, uso desta expressão: “parece-me”; porque,

2) Caminho de Perfeição, cap. XXXI.

se acontecer enganar-me, estou muito pronta a crer no que disserem os muito doutos. Estes, ainda quando não hajam experimentado estas graças, possuem *um não sei quê*, próprio dos grandes letrados. Como Deus os têm para servirem de luz à sua Igreja, ilumina-os para que admitam aquilo que realmente é verdade; e, quando não são dissipados e servem bem a Deus, jamais se espantam perante suas grandezas, pela alta compreensão que têm de que mais e muito mais pode o Senhor fazer. E, enfim, devem achar muitas coisas escritas, embora não tão bem explicadas; e por umas vêm a compreender que outras são possíveis.

Grandíssima experiência tenho disto, e também a tenho de uns meio-letrados espantadiços que me custaram muito caro. Ao menos, penso: quem não acreditar que Deus pode fazer muito mais e que se tem dignado comunicá-lo em outros tempos às suas criaturas, e ainda hoje assim faz, a esse tal está bem fechada a porta para receber semelhantes favores. Portanto, Irmãs, jamais vos aconteça isto. Crede que Deus pode dar muito mais, e mais; e não olheis se têm ou não virtude as pessoas por Ele favorecidas, pois Sua Majestade sabe o que faz, como vo-lo disse. Não há para que nos metermos nisso; antes com simples coração sirvamos a Sua Majestade e louvemos suas obras e maravilhas.

Tornando agora ao sinal que digo ser verdadeiro: olhai esta alma que Deus fez boba de todo a fim de nela imprimir melhor a verdadeira sabedoria. Não vê, nem ouve, nem entende durante o tempo em que está assim; tempo sempre breve, que a ela ainda mais breve parece do que é realmente. Deus fixa-se, estabelece a Si mesmo no interior daquela alma, de maneira que ao sair daquele estado, de nenhum modo ela pode duvidar de que esteve em Deus, e Deus nela. Com tanta firmeza se lhe imprime esta verdade, que ainda quando decorrem anos sem tornar a receber do Senhor aquela mercê, não pode esquecê-la nem duvidar da presença divina. Ainda deixando de lado os

efeitos que lhe ficam, dos quais falarei depois, — esta convicção é o que muito importa.

Dir-me-eis, porém: Como viu ou entendeu ao Senhor, se nada vê e entende? Não digo que o tenha visto então; depois é que o vê claramente, não a modo de visão, mas com uma certeza que Deus lhe imprime na alma e que só Ele pode infundir. Sei de uma pessoa³ a cujo conhecimento não havia chegado que está Deus presente em todos os seres por presença, por potência e por essência. Tendo recebido uma destas mercês do Senhor, veio a crê-lo com tal firmeza, que, embora um dos meio-letrados acima referidos a quem consultou, lhe tivesse respondido que Deus está em nós só pela graça santificante — assim falando por estar tão pouco instruído como ela antes que Deus a iluminasse, — não lhe deu crédito, pois estava fixa em sua convicção. Depois, tendo interrogado a outros, disseram-lhe a verdade, com a qual muito se consolou.

Não quero que vos enganei, pensando que esta certeza se revista de alguma forma corpórea, como, por exemplo, a Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que está no Santíssimo Sacramento embora o não vejamos. Aqui não é assim: é unicamente a Divindade. Mas, se nada vimos, como nos fica tão grande certeza? Isto não sei: obras são de Deus. Só sei que digo a verdade; e se alguém não ficar com essa convicção absoluta, sinal é, a meu ver, que não foi união de toda a alma com Deus, e sim de alguma das potências; ou, porventura, outra das muitas e diversas mercês que faz Deus à alma. Em tudo isso não havemos de buscar razões para ver como foi; pois se nosso entendimento não é capaz de chegar a tanto, para que nos queremos desvanecer? Basta-nos saber que é todo poderoso Aquele que o faz. Por mais diligências que façamos, não temos parte nisto, nem o podemos alcançar: tudo vem de Deus. Não queiramos, pois, ter a pretensão de entendê-lo.

Sim, não temos parte, como digo. A este respeito

3) A mesma Santa Teresa. (Cf. Livro da Vida, cap. XVIII).

lembro-me deste trecho dos Cantares que já conheci. Diz a Esposa: *Levou-me o Rei à adega dos vinhos* 4; ou antes, creio, *meteu-me*. Não diz que entrou por si mesma. Também conta que andava buscando seu Amado por todos os lados. 5 Esta oração, ao que entendo, é a adega onde apraz ao Senhor meter-nos quando e como quer: porém, por mais diligências que façamos, não conseguimos entrar por nossos esforços. Sua Majestade é quem nos há de meter e introduzir por Si mesmo no centro de nossa alma. E, para melhor mostrar suas maravilhas, quer que em nada concorramos, senão com a nossa vontade inteiramente rendida à d'Ele. Não lhe abrimos a porta dos sentidos e potências, pois todos estão adormecidos. E' Ele quem entra no centro da alma, portas fechadas, como apareceu no meio de seus discípulos quando lhes disse: *Pax vobis!* 6, ou como saiu do sepulcro sem levantar a pedra. Adiante vereis como Sua Majestade quer que a goze a alma no centro de si mesma, ainda muito mais na última morada.

O' filhas, quanto veremos, se não quisermos pôr os olhos senão em nossa baixaza e miséria, entendendo que não somos dignas de ser servas de um Senhor tão grande, cujas maravilhas nem podemos alcançar! Seja Ele para sempre louvado! Amém.

CAPÍTULO II

Prossegue a mesma matéria. Por meio de uma comparação delicada explica a oração de união e os efeitos que deixa na alma. E' muito de notar.

Parecer-vos-á que já declarei todas as maravilhas desta morada, e, todavia, falta muito, pois, como disse, há mais e menos. A união pròpriamente dita, não

4) *Introduxit me Rex in cellaria sua.* (Cânt 1, 3).

5) *Per vicos et plateas quaeram quem diligit anima mea* (Cânt 3, 2).

6) Jo 20, 19.

saberei explicar melhor, creio eu; mas resta muito a dizer sobre o que obra o Senhor nas almas favorecidas com estas mercês, quando elas, de seu lado, se dispõem. Falarei de algumas dessas graças e dos efeitos que elas produzem. Quero valer-me de uma comparação bem própria para melhor o dar a entender. Ao mesmo tempo veremos como, embora nada mais possamos fazer para que Sua Majestade nos conceda esta mercê, pois é obra exclusivamente do Senhor, podemos dispor-nos para ela, e isto é grande coisa.

Já tereis ouvido falar das maravilhas de Deus no modo de criar a seda. Só Ele pôde conceber semelhante invenção. Contaram-me, nunca o vi; portanto se houver alguma inverdade, não será minha a culpa. Em começando a brotar folhas nas amoreiras, uma semente, pequena como um grãozinho de mostarda, com o calor começa a cobrar vida, sendo que até então, por não haver esse manjar para seu sustento, estava morta. Com as folhas da amoreira se cria o verme até que, depois de grande, é posto sobre uns ramos, e aí, com a boquinha vai fiando a seda, que tira de si mesmo, e tece um pequeno casulo muito apertado onde se encerra. E aí acaba o verme, que é grande e feio, e sai do mesmo casulo uma borboletinha branca, muito graciosa. Mas se ninguém o tivesse visto, e nos contassem este fato como sucedido em outros tempos, — quem o pudera crer? Que razões haveria para imaginar que um verme — assim como também uma abelha, — criaturas desprovidas de entendimento, sejam tão diligentes em trabalhar para nosso proveito, e com tanta indústria, e que, afinal, o pobre bichinho de seda perca a vida na demanda? Para alimentar durante algum tempo a vossa meditação, ainda que eu nada mais acrescentasse, bastaria isto, Irmãs, pois aqui podeis considerar os portentos e a sabedoria de nosso Deus. E que seria se soubéssemos as propriedades de todas as coisas? De grande proveito é ocuparmo-nos em pensar nestas grandezas, regalan-

do-nos com o nosso título de esposas de Rei tão sábio e poderoso.

Tornemos ao que dizia. Então vai cobrando vida a alma — figurada pelo bicho de seda — quando, com o calor do Espírito Santo, começa a aproveitar-se do auxílio geral que Deus concede a todos, valendo-se dos meios confiados por Sua Majestade à santa Igreja; tais como: a confissão frequente, as boas leituras e os sermões. São estes os remédios para uma alma que jaz morta em seus descuidos e pecados e metida em ocasiões de pecar de novo. Principia, então, a viver, sustentando-se com estes mantimentos e com proveitosas meditações até chegar a crescer. Este final é que vem ao meu propósito; o resto importa pouco.

Crescendo, pois, este verme, como disse ao principiar o que vou escrevendo, começa a lavrar a seda e construir a casa onde há de morrer. Para nós esta casa é Cristo: eis o que vos quisera dar a entender. Parece-me ter lido em algum lugar, ou ouvido, que nossa vida está escondida em Cristo, ou em Deus¹, — o que vem a ser o mesmo, — ou que nossa vida é Cristo. Para meu intento qualquer destas expressões vem a propósito.

Eis aqui, filhas, o que podemos fazer, com a ajuda de Deus: que Sua Majestade mesmo seja nossa morada, como o é nesta oração de união, e que nós a fabriquemos! Pareço dizer que somos capazes de tirar e pôr em Deus, pois primeiramente afirmo ser Ele a morada, e depois, haveremos nós de fabricá-la para nos metermos nela. E como é certo que podemos tirar e pôr! Não de Deus, mas de nós, como fazem os bichos de seda; e, ainda bem não teremos acabado de fazer tudo o que é de nossa parte, quando virá Deus unir à sua grandeza essa nossa pequena obra, que em si nada é, e lhe dará tão grande valia, que o mesmo Senhor seja o prêmio dela. E assim como foi Ele quem

1) *Vita vestra est abscondita cum Christo in Deo. (Col 3, 3). Cum Christus apparuerit, vita vestra, tunc et vos apparebitis cum Ipso in gloria (Ibid, 4).*

mais fez, assim também quer juntar nossos trabalhos com os grandes trabalhos que padeceu Sua Majestade, e fazer de tudo uma só coisa.

Eia, pois, filhas minhas, demo-nos pressa em pôr mãos à obra e tecer esse casulinho, despojando-nos de nosso amor-próprio e de nossa vontade, do apego a qualquer coisinha da terra, exercitando-nos em obras de penitência, oração, mortificação, obediência e tudo mais que sabeis. Prouvera a Deus fizéssemos o que é de nosso dever tão bem como sabemos, e como no-lo ensinam! Morra, morra este nosso verme — como o da seda em acabando de fazer a obra para a qual foi criado, — e vereis como contemplaremos a Deus e nos acharemos tão metidas em sua grandeza como aquele vermezinho em seu casulo. Mas olhai que, ao dizer: — contemplaremos a Deus, — refiro-me ao modo com que se dá Sua Majestade a sentir nesta maneira de união.

Vejamos agora que fim leva este verme, — que para aqui chegar tenho dito tudo o mais. Dele sai uma maripozinha branca. Semelhante coisa acontece à alma que, nesta oração, bem morta está ao mundo. O' maravilhas de Deus! Quão transformada sai ela daqui, depois de haver estado submergida nessa grandeza do Senhor e tão unida a Ele, embora em tão pouquinho tempo que, a meu parecer, nunca chega a meia hora. Digo-vos na verdade, que a mesma alma não se conhece mais. Vede que diferença entre um feio verme e uma branca mariposinha: pois a mesma existe aqui. Não sabe ela como logrou merecer tanto bem, nem de onde lhe pôde vir; quero dizer: bem sabe que o não merece. Vê-se com tal sede de louvar ao Senhor, que desejaria desfazer-se e morrer por Ele mil vezes. Logo começa a ter anseios de padeecer grandes trabalhos, e não está em suas mãos distrair-se. Desejos abrasados de penitência e de solidão, e de que todos conheçam a Deus. Daqui procede grande dor de o ver ofendido. Na morada seguinte trataremos mais em particular de tudo isto, porque, embora o que há nesta quinta morada e na que vem

depois seja o mesmo, há muita diferença na intensidade dos efeitos, e repito: grandes coisas verá a alma que Deus faz chegar até aqui se deveras se esforçar por ir adiante.

Oh! que desassossego o desta mariposinha, apesar de nunca ter gozado mais quietação e paz em toda a sua vida! E' para louvar a Deus! Não sabe onde pousar e fazer assento. Foi tanto o que desfrutou que tudo quanto vê na terra a deixa insatisfeita, especialmente quando muitas vezes lhe dá o Senhor a beber deste vinho; e quase de cada vez lhe ficam novos aumentos. Já tem em nada as obras que fazia em outros tempos, sendo verme, que era ir pouco a pouco fiando seu casulo. Nasceram-lhe asas: como se contentará de ir passo a passo, se pode voar? Tudo quanto lhe é dado fazer por Deus, reputa por ninharia, — tão altos são os seus desejos. Não acha muito o que passaram os Santos, pela experiência que já tem de quanto ajuda e transforma o Senhor uma alma, a ponto de não parecer a mesma, nem por sombras. Com efeito, a fraqueza que experimentava para fazer penitência tornou-se fortaleza; o apego aos parentes, amigos e fazenda, — tão grande que nem os atos, nem as resoluções, nem o desejo de apartar-se conseguiam romper, antes pareciam enraizar mais, — já vê tão desvanecido, que tem pesar de estar obrigada a certas relações sociais que, para não ir contra Deus, é preciso manter. Tudo a cansa, desde que experimentou como o verdadeiro descanso não pode provir das criaturas.

Pareço estender-me demasiado, mas poderia dizer ainda muitíssimo, e quem houver recebido de Deus esta mercê, verá que ainda digo pouco. Não é, pois, de espantar que a nossa mariposinha busque novo assento, assim como se acha nova e estranha às coisas da terra. Mas onde há de pousar, a pobrezinha? Tornar ao gozo de onde saiu? Não pode; não está em nossas mãos, repito, por mais que façamos, até que Deus seja servido de tornar a fazer-nos tal mercê. O' Senhor! que novos trabalhos começam para esta

alma! Quem era capaz de supor tal coisa depois de tão subida graça! Enfim, enfim, de um ou de outro modo há de haver cruz enquanto estivermos nesta vida. E se alguém contasse que, depois de ter chegado aqui, tem vivido sempre com descanso e regalo, diria eu que nunca chegou: teve porventura na morada anterior algum gosto, para o qual ajudou a fraqueza natural, ou quiçá o demônio lhe dá tréguas com o fim de lhe fazer depois guerra muito maior.

Não quero com isto dizer que não tenha paz quem aqui chega, antes a tem, e grandíssima; porque os próprios trabalhos são de tanto valor e de tão nobre estirpe que, apesar de tão intensos, deles mesmos procedem a paz e o contentamento. Do próprio desgosto às coisas do mundo, nasce tão penoso desejo de sair dele, que se algum alívio encontra a alma é no pensamento de que Deus a quer neste desterro. E nem isto é suficiente, porque, embora tenha recebido tantas graças, não está tão rendida à vontade do Senhor, como ficará mais adiante, segundo veremos. Não deixa de conformar-se, mas é com grande sentimento que não consegue reprimir — porque maior perfeição ainda não lhe foi dada — e com abundantes lágrimas. Cada vez que se põe em oração, é esta a sua pena. Procede em parte, creio eu, da grandíssima dor que lhe causa o ver quanto é Deus ofendido e pouco estimado neste mundo, e a multidão das almas que se perdem, tanto de hereges como de mouros. E o que mais a tortura é a perda de tantos cristãos, pois vê que, embora seja infinita a Misericórdia de Deus e bem se possam emendar e salvar ainda os que têm pior vida, contudo receia que muitos se venham a condenar.

Oh! que grandeza de Deus! Ainda há poucos anos, e quiçá há poucos dias, andava esta alma que não se lembrava senão de si... Quem a meteu em tão penosos cuidados? São tão veementes, que não poderíamos conseguir mediante muitos anos de meditação experimentar as penas que esta alma padece. Mas, valha-me Deus! Não nos bastará ponderar durante

muitos dias e anos quão grande mal é a ofensa de Deus, vendo como esses que se condenam são filhos seus e irmãos nossos, considerando os perigos tão frequentes neste mundo e a vantagem que há em sairmos desta vida miserável? Não! não bastará, filhas; não é a pena que se sente aqui, como as da terra. Bem poderíamos, com o favor de Deus, ter grande sentimento ao cabo de muito meditar; mas não chegaria ao íntimo das entranhas, como nesta oração. Aqui dir-se-ia que a alma fica esmigalhada e moída, sem nada fazer de sua parte e às vezes até sem o querer. Mas que é isso? De onde procede? Vou explicar-vos.

Não tendes ouvido dizer da Esposa santa, que o Senhor a fez entrar na adega de seus vinhos e ordenou nela a caridade? Mesmo aqui já tive ocasião de dizê-lo, embora a outro propósito. Pois é assim: vendo o Senhor aquela alma já tão entregue e rendida em suas mãos pela veemência de um grande amor, que já não sabe nem deseja mais senão que nela cumpra o Senhor a sua vontade, quer que saia dali marcada com o selo divino, sem ela mesma entender como. E nunca fará Deus esta mercê, penso eu, senão a alma que já tomou por muito sua. Sim, porque verdadeiramente ali tão passiva está ela como a cera, que não grava em si mesma o selo, mas outro lho imprime. Apenas está bem disposta, isto é, branda; e ainda não é ela que se dispõe: só faz permanecer quieta e consentir. O' Bondade tão grande de Deus, que tudo há de ser à vossa custa! De vossa parte só quereis receber nossa vontade e não achar impedimento na cera.

Eis, Irmãs, o que faz aqui nosso Deus para que esta alma já se reconheça por sua: dá-lhe o que tem de mais precioso, — o mesmo, que neste mundo comunicou a seu Filho. Maior mercê não nos poderia fazer. Quem mais do que Sua Majestade deve ter querido sair desta vida? Assim o mostrou quando na Ceia disse: "Com ardente desejo desejei". Mas co-

2) Cânt 2, 4.

3) Lc 22, 15: Desiderio desideravi.

mo, Senhor meu? Não vedes a trabalhosa morte que vos espera, tão cheia de penas e horrores? “Não — dizeis Vós; — porque meu imenso amor e o desejo da salvação das almas sobrepujam incomparavelmente todas essas dores; e tão sem medida são as grandíssimas penas que por esta causa tenho padecido e ainda padeço desde que vim a esse mundo, que, em comparação delas, nada me parecem as restantes”.

Muitas vezes — asseguro-vos — tenho feito estas considerações ao presenciar o tormento que tem padecido e padece ainda certa pessoa ‘ que conheço, ao ver ofensas de Nosso Senhor. E’ tão insuportável que preferiria a morte a ter de sofrê-lo. Penso comigo: se uma alma, cuja caridade em comparação à de Cristo é pouquíssima, e quase se pode dizer nenhuma, experimentava esse tormento tão insofrível, — qual seria o sentimento de Nosso Senhor Jesus Cristo? Qual deve ter sido a sua vida, pois todas as coisas lhe eram presentes. e estava sempre vendo as grandes ofensas cometidas contra seu Pai? Não tenho dúvida: foram muito maiores essas penas que as de sua sacratíssima Paixão. No fim da vida já tocava ao termo de seus trabalhos; e com isto, e com o contentamento de dar remédio, por sua morte, a nossos males e de mostrar seu amor ao Eterno Pai em padecer tanto por Ele, se moderariam suas dores. E’ como vemos acontecer aos que, movidos pela força do amor, se entregam a rudes penitências, e quase não sentem dor; quereriam fazer mais e mais, e tudo acham pouco. Pois que experimentaria Sua Majestade, vendo-se em tão boa ocasião para mostrar a seu Pai quão perfeitamente cumpria a obediência dele recebida e o preceito do amor ao próximo? Oh! grande deleite, o de padecer para cumprir a Vontade de Deus! Mas presenciar tantas e tão contínuas ofensas contra a Majestade Divina, e a perda de tantas almas que se precipitam no inferno, parece-me dor tão intolerável,

4) A própria Santa Teresa.

que, segundo creio, se não fora mais que homem, bastava um só dia daquela pena para acabar muitas vidas, quanto mais uma!

CAPÍTULO III

Continua o mesmo assunto. Fala de outro modo de união que pode alcançar a alma com o favor de Deus, e quanto importa para isto o amor ao próximo. E' de grande proveito

Tornemos agora à nossa pombinha. e vejamos algumas das graças que Deus concede nesta morada, sempre — bem entendido — no caso de ir procurando a alma adiantar-se no serviço de Nosso Senhor e no próprio conhecimento. Se não fizer mais do que receber esta mercê e, julgando-se já segura, for descuidada em sua vida e torcer no caminho do Céu, que é a observância dos mandamentos, verá acontecer-lhe como à borboleta do bicho de seda, a qual deita semente para outras produzirem, enquanto ela fica morta para sempre. Sim, deita semente, pois — tenho para mim — não permite Deus ficar estéril a alta mercê que concedeu; e, assim, determina que a alma, se não se aproveita dela para si, venha a servir de instrumento para proveito de outros. Efetivamente, como lhe ficam esses grandes desejos e virtudes, enquanto persevera neles, sempre causa proveito a outras almas e as aquece com seu calor; e mesmo depois de perdido este, ainda lhe ficam as ânsias de fazer bem ao próximo, e gosta de dar a entender os favores concedidos por Deus a quem O ama e serve.

Conheci uma pessoa ¹ a quem acontecia o que digo. Estando muito perdida, gostava de que outros progredissem com as mercês que a ela havia feito o Senhor, e guiava no caminho da oração a quem o não entendia, e deste modo fez muito, muito bem. Depois lhe tornou o Senhor a dar luz. Verdade é que então

1) A mesma Santa Teresa. Livro da Vida, cap. VII.

não experimentara ainda os efeitos de que falei. Mas quantos haverá que, chamados pelo Senhor ao apostolado e à comunicação divina, como Judas, ou escolhidos para reis, como Saul, depois vêm a perder-se por sua culpa! Daqui tiraremos, Irmãs, esta conclusão: para não nos perdermos como esses, antes ir merecendo mais e mais, a segurança que pode haver é: obediência e retidão no cumprimento da Lei de Deus. Isto que digo em relação a quem houver recebido semelhantes mercês, pode aplicar-se a todos.

Parece-me que ainda fica um tanto obscura esta morada, apesar de todas as minhas explicações. Pois há tão grande lucro em entrar nela, é bom saber que não ficam sem esta esperança as almas não favorecidas pelo Senhor de mercês tão sobrenaturais. Com efeito, muito bem se pode alcançar, com o auxílio de Nosso Senhor, a verdadeira união, se de nossa parte a procurarmos com todas as nossas forças, não tendo pressa nossa vontade senão ao que for vontade de Deus. Oh! quantas vezes acontece-nos dizer isto, parecendo-nos que outra coisa não queremos! Daríamos a vida, segundo me parece já ter dito, para atestar esta verdade. Pois eu vos digo e vo-lo repetirei sempre: quando realmente assim for, tereis alcançado do Senhor esta mercê. E não invejeis essa outra união regalada a quem me referi, pois seu maior merecimento está em proceder desta a que me refiro agora; e ninguém a poderá alcançar sem ter chegado à união certa e segura de ter resignada a vontade ao beneplácito de Deus. Oh! que união esta, para ser desejada! Venturosa a alma que a ela chegou! Viverá com descanso nesta vida, e também na outra! Nenhum sucesso, dos muitos que há na terra, a perturbará, a menos que se trate de ver a Deus ofendido, ou de algum perigo de o perder eternamente: nem enfermidade, nem pobreza, nem mortes, com exceção de alguma pessoa que haja de fazer falta à Igreja de Deus. Vê bem esta alma que melhor sabe o Senhor dispor, do que ela desejar.

Convém notar que se deve fazer distinção entre penas e penas. Algumas há produzidas de súbito pela

natureza, e o mesmo se observa a respeito de contentamentos e afetos de caridade e de compaixão para com o próximo. Tal foi o sentimento de Nosso Senhor na ressurreição de Lázaro.² As penas destes gênero não alteram a união com a vontade de Deus, nem tampouco chegam a perturbar-nos com alguma paixão inquieta, desassossegada e persistente. Passam depressa, pois — como disse de certos gozos na oração — parecem mover somente os sentidos e as potências, não atingindo o íntimo da alma. Andam perambulando pelas moradas que ficam atrás, mas não entram na última (pois para isto é necessária a suspensão das potências de que falei). Contudo poderoso é o Senhor para enriquecer as almas e introduzi-las nestas moradas por vários caminhos, em vez do atalho que fica dito.

Sim, filhas, mas prestai muita atenção: é indispensável que morra o verme, e será mais à vossa custa. Naquela união, o ver-se a alma em vida tão nova, muito ajuda a fazê-lo morrer; neste outro caso é mister que, nesta nossa vida comum, o matemos nós. Confessovos que será com muito mais trabalho, mas tem seu valor; e assim maior será o galardão, se sairdes com a vitória. Quanto a ser possível, não há que duvidar, desde que estejais verdadeiramente unidas com a vontade de Deus. Esta é a união que toda a minha vida tenho desejado; esta é a mais clara e segura e a que sempre peço a Nosso Senhor.

Mas ai de nós! Quão raramente, penso eu, chegamos a ela; conquanto muitos, por se guardarem de ofender a Deus e terem abraçado o estado religioso, imaginem que nada mais lhes resta a fazer. Que engano! Ficam uns vermezinhos que nem se dão a perceber — como o que roeu a hera, ao Profeta Jonas⁴, — e acabam por nos roer as virtudes. E' o amor próprio; a estima de si mesmo; o hábito de julgar os outros, embora em coisas pequenas; as faltas de caridade com os próximos; o não os amarmos como a nós mesmo. Com isto, apesar de nos irmos arrastando e

2) Jo 11, 35.

4) Cf. Jonas 4, 6-7.

cumprindo com a obrigação a fim de evitar pecados, nunca chegamos à perfeição de aderir totalmente à Vontade de Deus, antes ficamos muito longe.

Qual pensais, filhas, que seja a sua Vontade? E' que de todo nos tornemos perfeitas a fim de sermos uma só coisa com Ele e com o Pai, como Sua Majestade pediu. [Vede bem, quanto nos falta para lá chegarmos!] Asseguro-vos que estou escrevendo com bastante mágoa ao ver-me tão longe; e tudo por minha culpa, pois nem era necessário favorecer-nos o Senhor com grandes regalos: bastava o dom imenso que nos fez em dar-nos seu Filho, que nos veio ensinar o caminho. Não penseis que a união consista em conformar-me eu tanto com a Vontade de Deus que se morre meu pai ou meu irmão, não o sinta; e se me sobrevêm trabalhos e enfermidades, os sofra com alegria. Tudo isto é bom, mas às vezes nasce da sensatez natural que, reconhecendo não haver remédio, faz da necessidade virtude. Quantos rasgos desses — ou outros semelhantes, que denotavam muito saber — tinham os filósofos! Quanto a nós, só estas duas coisas pede o Senhor: amor de Deus e amor do próximo. Eis no que devemos trabalhar. Guardando-as com perfeição, fazemos sua vontade, e assim estaremos unidas com Ele. Mas quão longe ficamos, repito, de cumprir estes dois preceitos como devemos a tão grande Deus! Praza a Sua Majestade dar-nos graça para merecermos chegar a esse estado, que em nossas mãos está, se o quisermos.

O mais certo sinal, a meu ver, para verificar se guardamos estes dois pontos, é o cumprimento generoso da caridade fraterna. Com efeito, não pode haver certeza do nosso amor a Deus, conquanto haja grandes indícios por onde se entende que o amamos; mas o amor ao próximo logo se conhece. E convencei-vos: quanto mais vos virdes aproveitadas neste, mais o estareis naquele. Quereis saber a razão? E' tão grande o amor de Deus para com os homens, que em paga

5) No sermão da Ceia (Jo 17, 22).

do que tivermos a eles, fará crescer por mil maneiras o que temos por Sua Majestade. Disto não posso duvidar.

E' de suma importância que estejamos sempre muito atentas, vendo como andamos em relação à caridade fraterna. Se for com muita perfeição, tudo está feito, porque, segundo me parece, dada a malícia de nossa natureza, nunca desabrochará perfeitamente em nós o amor ao próximo, se não brotar da raiz do amor a Deus. E, pois, tanto nos importa isto, procuremos, Irmãs, aplicar-nos à prática da caridade, ainda em coisas miúdas. Não façamos caso das muito grandes que se nos antolham em conjunto na oração e nos deixam convencidas de que faremos e aconteceremos pelos próximos, e até pela salvação de uma só alma; porque se depois não condizem nossas obras com esses pensamentos, não devemos dar-lhes crédito. O mesmo digo da humildade e de todas as demais virtudes. Grandes são os ardis do inimigo, e para nos dar a entender que possuímos uma, sem a termos, dará mil voltas ao inferno. E tem razão, pois causa muito prejuízo à alma. Procedendo de tão má raiz, nunca deixam de vir acompanhadas de alguma vanglória essas virtudes fingidas; pelo contrário, as que são dadas por Deus, são livres de toda vaidade e soberba.

Gosto algumas vezes de ver certas almas que, nas horas de oração, sentem desejos de ser abatidas e publicamente afrontadas por amor de Deus; e depois, se cometem uma faltinha, queriam encobri-la. E Deus nos acuda, quando são acusadas do que não fizeram! Quem não sabe sofrer essas ninharias, veja bem, e não faça caso do que no seu interior determinou padecer. Não foi de fato verdadeira determinação da vontade, pois quando esta é real, é muito diferente. Terá sido algum surto da imaginação, que é este o terreno onde o demônio arma seus assaltos e emboscadas; e a mulheres e pessoas faltas de doutrina poderá enganar muito, porque não sabemos distinguir entre as potências e a imaginação e ignoramos mil outras coisas que ocorrem na vida interior. Oh! como se vê claramente, Irmãs, que em algumas de vós existe deveras o amor

do próximo, e que em outras não está com a mesma perfeição! Se compreendêsseis quanto nos importa possuir esta virtude, a nada vos aplicaríeis tanto.

Quando vejo certas pessoas muito curiosas de saber qual o grau de sua oração, e tão “encapotadas” quando estão nela, que dir-se-ia não se ousam mexer nem formar pensamentos, com medo de perder alguma migalha de gosto e devoção, vejo que entendem pouco do caminho por onde a união se alcança, e pensam que o essencial está nessas exterioridades. Não, Irmãs, não é assim: obras quer o Senhor. E’ sua vontade, filha minha, que se vês uma enferma a quem podes dar algum alívio, não tenhas receio de perder a tua devoção e te compadeças dela; e se lhe sobrevém alguma dor, te doas como se a sentiras em ti; e, se preciso for, jejues para lhe dar de comer; não tanto com os olhos nela, como porque sabes que teu Senhor o quer assim. Esta é a verdadeira união com a Vontade de Deus. Se vires louvar muito a uma pessoa, alegra-te muito mais do que se te louvassem a ti. Isto verdadeiramente é fácil a quem é humilde, pois até sente confusão quando se vê louvar. Mas esse alegrar-se de que se entendam as virtudes das Irmãs, é muito meritório; e assim também o sentir como se fora nossa alguma falta que virmos nelas, e o procurar encobri-la.

Muito tenho falado em outros lugares * sobre este assunto, porque vejo, Irmãs, que se houver descuido nisto, estamos perdidas. Permita o Senhor que nunca tal coisa aconteça; pois, havendo caridade, eu vos prometo: não deixareis de alcançar de Sua Majestade a divina união. Se esta virtude vos faltar, ainda que tenhais devoção e regalos e alguma suspensãozinha na oração de quietação, de modo que logo vos pareça haver atingido o cume e estar tudo feito, — crede-me que não chegastes à união. Súplicai a Nosso Senhor que vos dê perfeitamente o amor ao próximo, e deixai agir Sua Majestade. Ele vos dará mais do

6) Caminho de Perfeição, cap. 7.

que sabereis desejar, contanto que vos esforceis e façais de vossa parte tudo o que puderdes nesta matéria. Contrariaríeis vossa vontade para que se faça em tudo a das Irmãs, ainda com prejuízo de vossos direitos; esquecei-vos de vosso próprio bem para buscar o delas, por mais que isto contradiga à vossa natureza; procurai tirar o trabalho ao próximo e tomá-lo para vós, quando se oferecer ocasião. Não penseis que não vos haja de custar algum esforço, nem espereis achar tudo feito. Olhai quanto custou a nosso Esposo o amor que nos teve, pois, com o fim de nos livrar da morte, sofreu a morte penosíssima da cruz.

CAPÍTULO IV

Prossegue o mesmo assunto, declarando mais em particular este gênero de oração. Diz quanto importa andar de sobreaviso, porque o demônio põe tudo em jogo para fazer a alma voltar atrás no caminho começado.

Parece-me que estais com desejos de saber o que é feito da nossa pombinha e qual o pouso onde tomou assento, pois não foi certamente em gostos espirituais nem em contentamentos da terra: que mais alto é seu voo. Não posso satisfazer vosso desejo senão na última morada. E ainda então, praza a Deus não me saia da memória, e tenha eu ocasião de escrevê-lo. São passados quase cinco meses desde que comecei estas páginas até agora; e, como a cabeça não aguenta tornar a ler o que escrevo, deve sair tudo desordenado, e, talvez, muitas coisas ditas duas vezes. Como falo às minhas Irmãs, pouco importa.

Quero explicar-vos mais ainda em que me parece consistir esta oração de união. Conforme o meu espírito, dar-vos-ei uma comparação; depois falaremos ainda da nossa mariposinha, que, embora produzindo sempre e fazendo bem a si e a outros, não pára, porque não acha seu verdadeiro repouso.

Já muitas vezes tereis ouvido dizer que se desposa Deus espiritualmente com as almas. Bendita seja a sua misericórdia que se quer humilhar tanto! Grosseira é a comparação, mas outra não acho que tão bem dê a entender esta verdade como o sacramento do matrimônio. Contudo é de modo muito diferente, porque na oração de que tratamos, jamais há coisa que não seja espiritual. Tudo o que é corpóreo é completamente banido, e há mil léguas de distância entre os contentamentos e gostos espirituais dados pelo Senhor e os que devem ter os que se desposam. Tudo aqui é amor com amor: suas obras são limpidíssimas, delicadíssimas e tão suaves que a língua humana não as pode explicar, mas o Senhor as sabe dar muito bem a sentir.

Parece-me a mim que a união não chega ainda a desposório espiritual. E' como o que se usa no mundo quando dois se hão de desposar: tratam de ver se os gênios combinam e se um e outro querem o enlace; por fim marcam um encontro para maior satisfação de ambos. Assim, neste nosso caso, conquanto já se tenha feito o ajuste e esteja a alma muito bem informada das vantagens de tão nobre aliança e disposta a fazer a vontade de seu Esposo em tudo e de todos os modos que a Ele aprouver, — Sua Majestade, satisfeito com ela e vendo que realmente assim cumprirá, usa de misericórdia e chama-a a conhecê-lo melhor, concedendo-lhe uma entrevista, como se costuma dizer, e aproximando-a de Si. Podemos dizer que é apenas uma entrevista, porque dura brevíssimo tempo. Ali não há mais preliminares: é um ver a alma, de modo secretíssimo, quem é Esse a quem vai tomar por Esposo. Mediante os sentidos e potências absolutamente não poderia entender em mil anos o que entende aqui num relance. Mas como é tal o Esposo, só daquela vista a deixa mais digna de sua mão, segundo se costuma dizer. Com efeito, fica a alma tão enamorada, que faz de sua parte o que pode para não se desfazer tão divino desposório. Mas se chegar a descuidar-se, pondo sua afeição em alguma

coisa fora d'Ele, perderá tudo, e será tão imensa a perda como o são as mercês recebidas, e superior a todo encarecimento.

Por este motivo, almas cristãs elevadas pelo Senhor a estas alturas, rogo-vos por amor d'Ele: não vos descuideis. Apartai-vos das ocasiões, porque neste estado não se acha tão forte a alma que se possa expor ao perigo, como ficará depois de celebrados os desposórios, que serão na morada de que falaremos depois desta. Como não passou de uma entrevista a comunicação com Deus, andará o demônio a combatê-la com grande afã, procurando impedir o desposório. Mas adiante, vendo-a totalmente rendida ao Esposo, não ousará tanto, porque terá dela medo pela experiência de que, se alguma vez a acomete, sai com grandes perdas e ela com maiores lucros.

Eu vos digo, filhas, que tenho conhecido pessoas muito adiantadas, que haviam atingido este estado, e o demônio com sua grande esperteza e com seus ardis tornou a apoderar-se delas. Nesses casos parece que se coliga todo o inferno, porque, segundo tenho dito muitas vezes, não se trata de ganhar uma só alma, e sim uma grande multidão. Boa experiência tem o inimigo! Olhai que legiões de almas traz Deus a Si por meio de uma só! Os mártires alcançavam milhares de conversões. E' muito para louvar a Deus. Vede o que fez uma donzela como Santa Úrsula! Quantas presas arrebatadas ao demônio por São Domingos, São Francisco e outros fundadores de Ordens, e ainda hoje pelo Padre Inácio, o que fundou a Companhia. Todos estes recebiam evidentemente de Deus semelhantes mercês, como deles se tem escrito. Como conseguiram tanto, senão porque se esforçaram para não perder por sua culpa tão divinos desposórios? O' filhas minhas, pronto está o Senhor a conceder-nos mercês, agora como então; e ainda, de certo modo, dir-se-ia, tem mais necessidade de quem as queira receber, porque há poucos que zelem a honra divina como se fazia antigamente. Já temos demasiado amor a nós mesmos, e extrema circunspecção para defen-

der nossos direitos. Oh! que engano tão grande! O Senhor, por sua misericórdia, nos dê luz para não cairmos em tão espessas trevas!

Podereis perguntar-me duas coisas para esclarecer vossas dúvidas. Primeiro: se essa alma se acha tão unida com a Vontade de Deus, segundo ficou dito, e em nada quer fazer a sua própria, como pode ser iludida? Segundo: por onde consegue entrar o demônio tão perigosamente que venhais a perder a alma, se estais tão apartadas do mundo e viveis, com tanta frequência de Sacramentos, em companhia de Anjos, — que assim podeis chamar vossas Irmãs, pois, pela bondade do Senhor todas elas não têm outros desejos senão agradar e servir a Deus em tudo? Se se tratasse de pessoas metidas nas ocasiões do mundo, não seria tanto de admirar. Nisto tendes razão. Grande foi a misericórdia de Deus para conosco; mas quando vejo, como já vos disse, que estava Judas em companhia dos Apóstolos, tratando sempre com o mesmo Deus e ouvindo suas palavras divinas, entendo que não há segurança neste mundo.

A primeira dúvida respondo: se essa alma se mantivesse apegada sempre à Vontade de Deus, claro está que não se perderia; mas intromete-se o maligno com uns enganos muito sutis e, sob aparência de bem, a vai apartando do divino querer em coisas mínimas e metendo em outras que lhe persuade não serem más. Deste modo, de pouquinho em pouquinho, lhe obscurece o entendimento e entibia a vontade, fazendo crescer nela o amor próprio, até que, de queda em queda, a vai apartando da vontade de Deus e apegando-a à sua própria. Isto já serve de resposta à segunda pergunta. Com efeito, não há clausura tão estreita onde o inimigo não possa entrar, nem deserto tão apartado onde deixe de ir. E outra coisa quero ainda dizer-vos: talvez assim o permita o Senhor para ver como se porta aquela alma a quem determinara Sua Majestade pôr como facho que desse luz a outras: se há de ser ruim, mais vale que o seja

nos princípios, do que mais tarde quando prejudicasse a muitas.

E' mister pedir sempre a Deus, quando oramos, que nos tenha de sua mão, e pensar muito continuamente como cairemos logo no mais profundo abismo se Ele não nos assistir, pois é a pura verdade; e jamais cometamos o desatino de confiar em nós mesmas. Feito isto, onde me parece haver mais segurança é em andarmos com particular cuidado e atenção, vendo sempre como vamos nas virtudes. E' preciso cada uma de vós examinar se vai melhorando ou diminuindo em qualquer delas, especialmente no amor de umas com as outras, no desejo de ser tida pela menor e na perfeição das obras ordinárias. Se pensarmos bem e pedirmos luz ao Senhor, logo veremos o lucro ou a perda. Porque não haveis de pensar que Deus, depois de elevar uma alma a tanto, a deixe tão depressa de sua mão que não tenha muito trabalho o demônio para a derribar. E em tanto extremo sente Sua Majestade vir a perdê-la, que lhe dá, por muitos modos, mil avisos interiores; e assim não pode ela deixar de perceber o dano.

Enfim, seja esta a conclusão: procuremos ir sempre adiante, e se não houver progresso. andemos com grande temor, que, sem dúvida, algum assalto nos quer tramar o inimigo. Sim, pois não é possível deixar de ir crescendo quem chegou a tão alto estado. Seria isto muito mau sinal, porquanto o amor jamais está ocioso. Alma que pretendeu ser esposa do mesmo Deus e já está prometida a Sua Majestade. e chegou ao ponto que ficou dito, não se há de deitar a dormir. E para que vejais, filhas, como leva o Senhor as almas que já tem por esposas, comecemos a tratar das sextas moradas, e vereis quão pouco é tudo quanto pudermos obrar e padecer em seu serviço para nos prepararmos a tão sublimes mercês. Porventura ordenou Nosso Senhor que me mandassem escrever para que, pondo a mira no prêmio e vendo quão sem medida é sua misericórdia em querer comunicar-se e manifestar-se a uns vermes como nós, esqueçamos nos-

sos mesquinhos contentamentos da terra e — com os olhos postos em sua grandeza — corramos incendidas em seu amor.

Praza a Deus acerte eu a declarar alguma parte de coisas tão dificultosas. Se Sua Majestade e o Espírito Santo não guiarem a pena, bem sei que será impossível. E se não houver de servir para vosso proveito, suplico-lhe que não acerte eu a dizer nada, pois sabe Sua Majestade que é meu único desejo — tanto quanto posso entender de mim — que seja louvado seu nome e que nos forcemos por bem servir a um Senhor que assim dá o galardão desde esta terra. Por aqui podemos entender um pouquinho do que no Céu nos há de dar, sem as vicissitudes, os trabalhos e perigos que existem neste mar tempestuoso. Se não fora o risco de o perdermos pelo pecado, seria descanso que não se nos acabasse a vida até o fim do mundo, para mais trabalharmos por tão grande Deus e Senhor e Esposo. Praza a Sua Majestade mereçamos prestar-lhe algum serviço, sem tantas faltas como sempre temos, ainda mesmo nas boas obras. Amém.

SEXTAS MORADAS.

HA NELAS ONZE CAPÍTULOS.

CAPÍTULO I

Em começando o Senhor a fazer maiores mercês, surgem maiores trabalhos. Menciona alguns e diz como neles procedem as almas que estão já nesta morada. E' bom para quem padece penas interiores.

Comecemos, com o favor do Espirito Santo, a falar das sextas moradas, onde a alma, já ferida do amor do Esposo, procura mais ocasiões para estar só e, conforme lhe permite seu estado, apartar-se o mais possível de tudo que lhe pode estorvar a solidão. Tão esculpida traz em si aquela vista, que todo o seu desejo é tornar a gozar dela. Digo assim porque o comparei a uma entrevista, mas, repito, nesta oração nada se vê, nem há objeto experimentado pelos sentidos ou pela imaginação. Já bem determinada a não tomar outro esposo, fica a alma. Contudo não atende ainda o Esposo a esses grandes desejos de que já se façam os desposórios; quer que o desejo ainda mais e que lhe custe um pouco mais caro o bem que é o maior de todos os bens. E, embora tudo seja pouco em vista do grandíssimo proveito, eu vos asseguro, filhas, que não deixa de ser mister aquela amostra e sinal do que tem a receber, para conseguir aguentar tantas penas. Oh! valha-me Deus! que de trabalhos interiores e exteriores padece até entrar na sétima morada!

Por certo, quando algumas vezes o considero, chego a receiar que se antecipadamente entendesse a hu-

mana fraqueza quanto lhe resta a sofrer, seria difficilimo determinar-se a enfrentá-lo, mesmo na esperança dos maiores bens. Depois de entrar, porém, na sétima morada, já não há temor que a impeça de se arrojar de todo o coração a padecer tudo por amor de Deus. E a causa é que está quase sempre tão unida a Sua Majestade, que lhe vem d'Ele a fortaleza. Acho bom contar-vos alguns dos trabalhos que, tenho toda a certeza, costumam ocorrer. Não serão talvez levados todos por este caminho, mas duvido muito que, de um ou de outro modo, vivam isentos dos trabalhos da terra os que por vezes gozam tão deveras das delícias do Céu.

Não tencionava tratar disto, mas pensei que alguma alma metida nesses tormentos ficará bem consolada ao saber quanto sofrem os que são favorecidos com estas mercês de Deus, pois nesses transes parece verdadeiramente estar tudo perdido. Não os contarei por ordem, como sucedem, senão à medida que me ocorrerem à memória. Quero começar por um dos menores. E' uma algazarra das pessoas conhecidas e até de estranhos que, ao parecer, nunca na vida se deveriam lembrar dela. Dizem uns e outros: "Quer passar por santa: — usa desses exageros para enganar o mundo e desacreditar os que não a imitam; — melhores cristãos que ela vivem sem tantas cerimônias". Entretanto, convém notar, não faz nada de mais, apenas procura cumprir bem as obrigações do seu estado. Os que tinha por amigos se apartam dela e são os que lhe dão o melhor bocado, causando-lhe grande sentimento. Apregoam que: "anda perdida aquela alma e claramente ilusa; são coisas do demônio; vai acontecer-lhe como a fulano e sicrano que se desviaram, e com isto a virtude perderá crédito; traz enganados os confessores"... Vão a estes últimos e procuram convencê-los, dando-lhes exemplos de fatos acontecidos a alguns que se perderam de modo semelhante. Não têm conta os ditos e zombarias desse gênero.

De uma pessoa ¹ tive ocasião de saber que chegou a ter bastante receio de não achar quem a quisesse ouvir em confissão, a tal ponto haviam chegado as coisas. São tantas, que não vale a pena repeti-las. E o pior é que não passam depressa, duram toda a vida, Vivem sempre avisando-nos uns aos outros que se guardem de tratar com semelhante gente. Dir-me-eis que também há quem diga bem. Ah! filhas, quão poucos dão crédito a essas graças, em comparação dos que as abominam! Aliás este suplício de se ver estimada, é ainda maior que os precedentes! Com efeito, vendo claramente a alma que, se possui algum bem, é dom de Deus e absolutamente não lhe pertence, porquanto ainda há pouco se viu muito pobre e metida em grandes pecados, experimenta um tormento intolerável, ao menos nos princípios. Depois não tanto, por algumas razões. Primeira: porque a experiência lhe faz ver claramente que tão depressa dizem bem como mal, e assim não faz mais caso de uma coisa que de outra. Segunda: tendo-lhe já o Senhor dado maior luz de que nenhum bem é nosso e tudo vem de Sua Majestade, põe-se a louvar a Deus, como se o visse em terceira pessoa, e nem se lembra de que lhe diz respeito. Terceira: se viu algumas almas progredirem por causa das mercês a ela conferidas, pensa que tomou Sua Majestade esse meio de a terem por boa, não o sendo em realidade, para lhes fazer proveito. Quarta: como preza mais a honra e glória de Deus que a sua própria, vence uma tentação, muito comum nos princípios, de que esses louvores hão de ser para destruí-la, como se tem visto acontecer a algumas pessoas. Já pouco se lhe dá do descrédito, a troco de ver a Deus louvado, sequer uma vez, por sua causa, — venha embora depois o que vier!

Estas e outras razões mitigam o grande pesar que nela produzem os louvores, embora quase sempre experimente algum, exceto quando não lhes dá atenção nem pouco nem muito. Mas o pior trabalho, o

1) Fala de si (Vida, cap. XXVIII).

maior de todos, é quando se vê elogiar em público, sem merecimento algum. E quando chega a não fazer muito caso dos louvores, muito menos o faz dos vitupérios, antes folga com estes, como folgaria com uma música suavíssima. Isto é a pura verdade, e em vez de se acovardar se torna forte, porque já a experiência lhe ensinou as grandes vantagens que lhe vêm por esse caminho. Parece-lhe que não ofendem a Deus os que a perseguem, pois Sua Majestade assim permite para a enriquecer. Sente isto claramente, e cobra-lhes particular amor e ternura, tendo-os em conta dos melhores amigos, pois mais lhes dão a ganhar do que os outros com seus elogios.

Também costuma o Senhor mandar enfermidades gravíssimas. Este sofrimento é muito pior que o das línguas, sobretudo quando se trata de dores agudas. Quando estas são violentas, parece-me de certo modo ser este o maior trabalho exterior que há na terra, ainda em comparação com quaisquer outros; mas refiro-me a dores muito intensas. Com efeito, acabrunham o interior e o exterior, e a alma se vê apertada de tal modo que não sabe o que há de ser dela. De muito bom grado preferiria qualquer martírio rápido àquelas dores. Não atingem sempre essa extrema violência, porque, enfim, não dá o Senhor mais do que se pode sofrer, e, primeiro do que a dor, lhe outorga Sua Majestade a paciência; mas o ordinário é ter outros grandes sofrimentos e toda sorte de enfermidades.

Conheço uma pessoa² que, em quarenta anos decorridos desde que lhe começou o Senhor a fazer a mercê referida, pode com verdade dizer que jamais passou um dia sem dores e diversos padecimentos, vindos da falta de saúde corporal, sem falar em outros grandes trabalhos. Verdade é que foi muito ruim, e tudo acha pouco ao se lembrar do inferno que mereceria. Outras, que não tenham ofendido tanto a Nosso Senhor, serão levadas por diverso caminho. Mas

2) A própria Santa Teresa.

se me fosse dada a escolha, tomaria sempre o do pa-decer, ao menos para imitar a Nosso Senhor Jesus Cristo, ainda que não houvesse outro lucro; quanto mais havendo tantos. E que diremos dos trabalhos interiores! Acertasse eu a falar destes, e todos os outros pareceriam pequenos! Mas é impossível dar a entender o modo por que se passam.

Comecemos pelo tormento de dar com um confessor tão sizudo e pouco experiente, que nada tem por seguro. Se vê coisas não ordinárias, tudo receia, tudo põe em dúvida, especialmente se, na alma por Deus favorecida, vê alguma imperfeição. Imagina que há de ser anjo quem tais mercês recebe, o que é impossível enquanto se vive neste corpo. Sem mais, tudo condena e atribui ao demônio ou à melancolia.³ E desta última tão cheio anda o mundo, que não me espanto: são tantos os casos, e o inimigo espalha tantos males por este caminho, que muitíssima razão têm os confessores para temer e examinar tudo muito bem. Entretanto, a pobre alma que vive com os mesmos temores e vai ao confessor como a juiz, vendo-se condenada por ele não pode deixar de sentir tão grande tormento e perturbação, que só entenderá esse gravíssimo trabalho quem o houver experimentado. E' esta uma das maiores provações, especialmente para os que viveram mal, pois pensam que por seus pecados permitirá Deus algum engano ou ilusão. Quando recebe mercês de Sua Majestade sente segurança e não pode deixar de crer que é espirito de Deus; mas, como os favores passam depressa e a lembrança dos pecados perdura sempre, apenas vê em si faltas -- que sempre há de haver alguma, -- logo lhe vem o tormento. Se o confessor a tranquiliza, aplaca-se a inquietação embora depois lhe torne; mas se a atemoriza mais, é quase impossível de sofrer, especialmente quando ainda em cima é acometida por tais securas, que lhe parece nunca ter posto nem haver de pôr em Deus o pensamento. Nessas ocasiões, se ouve

3) Nome que davam então aos fenômenos nervosos.

falar de Sua Majestade é como se fosse uma pessoa de quem longinquamente ouviu dizer que existe.

Tudo isto é nada quando não lhe vem à cabeça que não sabe informar bem aos confessores e os traz enganados. Por mais que pense e veja que não lhes oculta nem um primeiro movimento, é tudo em vão! Está o entendimento tão obscurecido que é incapaz de atinar com a verdade; e assim dá ouvidos a tudo quanto lhe sugere a imaginação, que é então senhora; crê nos desatinos formados pelo inimigo, a quem dir-se-ia dá Nosso Senhor licença para prová-la e até para persuadi-la de que está reprovada por Deus. Vê-se, de fato, combatida de muitas penas, com um aperto interior tão sensível e intolerável que não sei a que se possa comparar senão aos tormentos dos réprobos no inferno, pois durante a tempestade nenhum consolo dá alívio. Se procura alento no confessor, parece se valem dele os demônios para que a atormente mais. E' aperto perigoso, por se tratar de tantas coisas juntas. Vendo isto, um confessor que tratava com uma alma assim aflita, dizia-lhe, depois de passada a tormenta, que o avisasse quando estivesse padecendo; mas de cada vez era pior, e, afinal, veio ele a entender que não estava em suas mãos consolá-la. Se quer tomar um livro, embora saiba muito bem ler e seja em sua própria língua, acontece não entender mais do que se fosse analfabeta, pois o entendimento está incapaz.

Em suma, nenhum remédio há nesta tempestade senão aguardar a misericórdia de Deus, que, a qualquer hora, com uma só palavra sua ou uma ocasião repentina, a livra de tudo, tão depressa que não resta vestígio de nuvem naquela alma, tão cheia fica de sol e de muito maior consolo. E, como quem escapou de uma batalha perigosa e ganhou vitória, fica louvando a Nosso Senhor, que foi quem pelejou e a fez vencer. Conhece com evidência que por si não lutou, pois todas as armas com que se podia defender, pareciam-lhe estar nas mãos de seu contrário. Deste modo cla-

ramente vê sua miséria, e o pouquíssimo que poderíamos de nossa parte se nos desamparasse o Senhor.

Já não precisa de reflexões para se compenetrar desta verdade porquanto a experiência de se ver tantas vezes totalmente incapaz para tudo, lhe dá a entender o nosso nada e a nossa miséria. Certamente não a abandona então o Senhor, pois com toda essa tormenta não o ofende, nem quisera ofendê-lo por coisa alguma da terra; mas de tal modo está escondida a graça, que nem ainda lhe parece ver em si uma centelha muito pequena de que tem amor a Deus ou de que algum dia o teve; porque se praticou algum bem, ou recebeu de Sua Majestade alguma mercê, tudo é para ela nessas ocasiões como se fora um sonho ou fantasia! Só tem certeza de ter cometido muitos pecados.

O' Jesus, que é ver uma alma desamparada desse jeito, e, como digo, incapaz de receber algum consolo da terra! Por isso, Irmãs, se algum dia vos virdes assim, não penseis que os ricos e os que gozam de sua liberdade encontram mais remédio nessas crises. Não, não; é, a meu ver, como se pusessem à disposição dos condenados do inferno todos os deleites do mundo: em nada encontrariam alívio, antes se lhes dobraria o tormento. Aqui as penas vêm do Alto, e para mitigá-las de nada valem as coisas da terra. Quer este grande Deus que o conheçamos a Ele por rei, e a nós pela mesma miséria; e muito importa este conhecimento para o que vem depois.

Mas que fará esta pobre alma quando muitos dias lhe dura isto? Se reza, enquanto ao consolo é como se não rezasse, pois nada lhe penetra no interior; nem ela mesma entende as orações vocais que diz. Oração mental, de todo não é possível nesses tempos, porque as potências não estão para isso. A solidão antes a prejudica, apesar de lhe servir de novo tormento o estar com alguém ou ver que lhe falam. E assim, por maiores que sejam seus esforços, anda com um modo desabrido e desagradável no exterior, que se faz notar muito. Mas, para falar verdade, saberá ela

dizer o que tem? E' acima de toda expressão, porque são apertos e penas interiores que ninguém sabe definir. O melhor remédio — não digo para acabar com isto, que o não acho, mas para o conseguir sofrer — é empregar-se em obras exteriores de caridade e confiar na misericórdia de Deus, que nunca falta aos que nele esperam. Seja Ele para sempre bendito. Amém.

Outros tormentos exteriores que procedem dos demônios não devem ser muito comuns, e assim não há para que falar neles. Estão muito longe de ser tão penosos e, por piores que sejam, não chegam a inabilitar assim as potências, a meu ver, nem a perturbar a alma, que, afinal, sempre conserva a razão para pensar que não podem os inimigos ir além do que lhes permite o Senhor, e, quando se pode raciocinar, tudo é pouco em comparação do que atrás ficou dito.

Outras penas interiores iremos mencionando nesta morada, à medida que formos tratando dos diversos gêneros de oração e de favores do Senhor. Em algumas dessas penas é ainda mais intenso o padecer, como se verá pelo estado em que deixam o corpo; mas não merecem nome de trabalhos, nem os devemos chamar assim, porquanto são inapreciáveis mercês divinas, e a alma bem o entende, no meio de seus tormentos, e vê que estão muito acima de tudo quanto ela poderia merecer.⁴⁾ Vem essa grande purificação quando se está a pōnto de entrar na sétima morada, com várias outras penas, das quais direi algumas. De todas seria impossível ocupar-me, ou declarar como são, porque procedem de outra linhagem muito mais alta que os sofrimentos de que falei atrás; e se nem os primeiros pude explicar melhor do que fiz, muito menos saberei falar destes últimos. O Senhor nos assista para tudo com seu favor, pelos méritos de seu Filho. Amém.

4) O original diz: pena grande.

CAPÍTULO II

Trata de alguns modos pelos quais desperta
Nosso Senhor a alma. Parece que nada há que
temer nestes favores, embora muito grandes
e elevados.

Aparentemente nos temos descuidado muito da nossa pombinha; mas não é assim, porque são estes trabalhos os que a fazem voar ainda mais alto. Começemos agora a ver como se há com ela o Esposo e como, antes de o ser de todo, lhe faz desejar intensamente os desposórios, por meios tão delicados que a própria alma não o entende. Nem tenho também eu a pretensão de acertar a defini-los de modo a torná-los compreensíveis, a não ser àquelas almas que por eles passaram. São uns impulsos vindos do mais íntimo da alma, tão delicados e sutis que não vejo comparação que lhes quadre.

E' bem diferente de tudo quanto na terra podemos adquirir, até mesmo dos gostos, de que falamos atrás. Muitas vezes, estando a pessoa descuidada sem ter de Deus memória, desperta-a Sua Majestade, a modo de um cometa que passa repentinamente ou de um trovão, embora sem fazer ruído. Entende muito bem a alma que Deus a chamou e de modo tão claro que por vezes, sobretudo nos primeiros tempos, chega a estremecer e até querelar-se, conquanto esse toque divino não produza dor. Sente-se ferida saborosissimamente, mas não sabe dizer como nem quem a feriu; contudo, bem conhece quão preciosa dádiva é aquela, e jamais quisera sarar de tal chaga. Queixa-se com palavras de amor, ainda exteriores, a seu Esposo; e não está em suas mãos agir de outra maneira, porque entende que presente está Ele mas não se quer manifestar a ponto de deixar gozar de Si. E' pena intensa e ao mesmo tempo saborosa e doce. Ainda que a alma o quisesse não poderia deixar de tê-la; mas quão longe está de querer jamais desfazer-se dela! Muito mais a contenta que o embevecimento

delicioso, destituído de padecer, que goza na oração de quietação.

Estou a desfazer-me para vos dar a entender, Irmãs, esta operação de amor, e não acho meio. Aparentemente há contradição, pois por uma parte dá claramente a sentir o Amado que está com a alma, e, por outra, parece chamá-la com um sinal tão certo que não há duvidar, e um assobio tão penetrante para ser entendido por ela, que o não pode deixar de ouvir. Dir-se-ia que, em falando o Esposo, que está na sétima morada, por um modo de falar em que se não articulam palavras, toda a gente que está pelas outras moradas não ousa mexer-se: nem sentidos, nem imaginação, nem potências. O' meu poderoso Deus, quão grandes são vossos segredos! Quão diferentes de tudo quanto se pode ver e entender cá na terra são as coisas do espírito, pois esta, tão pequena em comparação com as grandíssimas que obraís, Senhor, nas almas, não há engenho que a possa declarar!

E' tão poderosa operação, que a alma se está desfazendo em desejos, e não sabe o que pedir, porque lhe parece claramente que está com ela o seu Deus. Dir-me-eis: Se assim entende, — que deseja ela? ou que dor pode ter? ou que maior bem quer? Isto não o sei eu; só sei que esse penar parece traspassar-lhe as entranhas e quando Aquele que as fere arranca a seta, verdadeiramente é como se as levasse consigo, tal o sentimento de amor que faz experimentar. Estava pensando agora comigo: talvez seja que desse fogo do braseiro incendiado que é o meu Deus, salte alguma fâisca e dê na alma, de modo a deixá-la sentir aquele abrasamento, — mas, como não é ainda bastante para consumi-la, e é em si tão deleitoso, causa-lhe aquele penar e produz aquela operação com o seu toque. Parece-me desta vez ter acertado com a melhor comparação. E' que essa dor deliciosa — que não é dor — não fica sempre no mesmo: embora dure às vezes muito tempo, de outras acaba depressa; tudo conforme o quer comunicar o Senhor, pois não é bem que se possa granjear por nenhum

meio humano. Mas, ainda quando acontece prolongar-se, é intermitente: dá e passa. Em suma, jamais é estável, e por isso não acaba de abrasar a alma. Quando a vai já incendiando, morre a centelha, deixando-a com desejo de tornar a padecer aquela amorosa dor.

Aqui não há que duvidar. Não é obra nascida da mesma natureza, nem causada por melancolia, nem, tampouco, engano do demônio ou da imaginação. Muito bem se entende partir este movimento do centro imutável onde está o Senhor. Não são operações como as produzidas por outros sentimentos de devoção, que nos podem causar dúvida, justamente por ficar nelas tão embebido o gosto. Aqui estão todos os sentidos e potências sem nenhum embevecimento, considerando o que poderá ser aquilo, e em nada estorvam, nem podem aumentar nem diminuir, segundo me parece, aquela pena deleitosa. Quem tiver recebido de Nosso Senhor esta mercê — e, se a recebeu, em lendo isto o entenderá — dê-lhe muitas graças e não tenha receio de haver engano. Tema, sim, e muito, o vir a ser ingrato a tão alto favor; procure esforçar-se por servir a Deus e aperfeiçoar em tudo a própria vida, e verá onde vai parar e como receberá sempre mais e mais. Todavia, sei de uma pessoa que, depois de favorecida com esta graça, durante alguns anos não passou adiante, mas com ela estava bem satisfeita; e, ainda quando tivesse que servir ao Senhor uma multidão de anos em grandes trabalhos, se julgaria só com isto muito bem paga. Seja Ele bendito para todo o sempre. Amém.

Podereis fazer-me uma observação: como é que nisto há mais segurança que em outras graças? A meu parecer, pelas seguintes razões. Primeira: jamais será poderoso o demônio para produzir pena deliciosa como esta. Poderá causar sabor e leite que pareça espiritual; mas infundir pena, e tão intensa, com quietação e gosto da alma, não é de sua alçada. Todos os seus recursos jogam com o exterior, e suas penas, quando as dá, nunca trazem, a meu parecer,

juntamente sabor e paz, senão antes inquietação e guerra. Segunda: esta saborosa tempestade vem de outra região, não daquelas que ele pode conquistar. Terceira: pelos grandes proveitos que resultam à alma, os quais são, geralmente: determinação e propósito de padecer por Deus; desejos de ter grandes trabalhos; muito maior força para se apartar dos contentamentos e conversações da terra, e outros efeitos semelhantes.

Não é imaginação; isto é muito claro, porque se alguém procurar contrafazer aquilo de outras vezes, não o conseguirá. E é operação tão notória e evidente, que de nenhum modo pode haver ilusão da fantasia (quero dizer: é impossível imaginar o que realmente não existe), nem duvidar da verdade. Se alguém tiver dúvida — isto é, se ficar sem saber se o experimentou ou não, — saiba que não se trata de verdadeiros ímpetos, pois estes tão fortemente se fazem sentir como aos ouvidos uma voz possante. Quanto a ser melancolia, não há cabimento algum, porque é doença que forma e fabrica suas fantasmagorias unicamente na imaginação; e a graça de que tratamos procede do interior da alma. E' possível que eu me engane, mas até ouvir outras razões de pessoa entendida, sempre estarei firme neste parecer; e sei de uma alma ' bem cheia de temores de ser enganada, que nunca pôde ter receio desta oração.

Também costuma Nosso Senhor ter outras maneiras de despertar espiritualmente. Estando a alma, a qualquer hora, rezando vocalmente, com descuido do que lhe vai no interior, parece que lhe sobrevém um deleitoso abrasamento, como se de súbito a invadissem um perfume tão penetrante que se lhe comunicasse por todos os sentidos. Não digo que seja perfume ou coisa semelhante: é comparação minha. Tem por fim dar a sentir que está ali o Esposo e mover ao desejo suavíssimo de gozar d'Ele. Com isto fica a alma disposta a fazer atos grandes de louvores a Nosso Senhor.

O manancial de onde brota esta mercê é o mesmo que produz a outra; mas aqui não há vestígio de pena, nem são pungentes os próprios desejos de gozar de Deus. Esta graça é sentida mais ordinariamente. Aqui também, parece, não há que temer, por algumas das razões alegadas acima, senão procurar acolher esta mercê com ação de graças.

CAPÍTULO III

Tratando da mesma matéria, diz os modos pelos quais fala Deus à alma, quando assim é servido. Avisa como se há de haver ela nestas circunstâncias, não se guiando pelo próprio parecer. Dá alguns sinais para se conhecer quando há ou não engano. E' muito proveitoso este capítulo.

Outro modo tem Deus de despertar a alma. Embora até certo ponto pareça maior mercê que as precedentes, poderá oferecer ocasião a enganos, e por isso me deterei um pouco mais nela. São diversas falas do Senhor à alma; umas parecem vir de fora; outras, do mais íntimo da alma; outras, da parte superior do espírito; outras, finalmente, tão do exterior que se ouvem com os ouvidos, como se uma voz as articulasse. Algumas vezes, e até não raramente, podem ser fruto da imaginação, sobretudo em pessoas fracas de natureza ou melancólicas, quando se trata de alta melancolia.

A meu ver, quando são pessoas destas duas classes, não há para que fazer caso, embora digam que vêem e ouvem e entendem; nem convém tampouco inquietá-las dizendo-lhes que estão sendo iludidas pelo demônio. O melhor é ouvi-las como a enfermas, — tanto a Priora como o Confessor a quem se dirigirem, — e aconselhar-lhes que não façam caso dessas coisas; não é o substancial no serviço de Deus; a muitos tem enganado o demônio por esse caminho. E

para não as afligir mais, pois já padecem bastante, acrescentem que, esperam, com elas talvez não seja assim. Com efeito, se alguém lhes for dizer que é melancolia, será um nunca mais acabar; são capazes de jurar que o vêem e ouvem, — porque assim de fato lhes parece.

Verdade é que será preciso ter cuidado com essas enfermas e, tanto quanto possível, apartá-las do exercício da oração, persuadindo-lhes que não façam caso dessas falas; porque o demônio costuma aproveitar-se dessas melancólicas para prejudicar mais aos outros que a elas mesmas. Em todo caso, quer se trate de enfermas quer de sãs, nesta matéria sempre há que temer, até que se vá entendendo bem o espírito. E sou de opinião que nos princípios sempre é melhor desfazer em tudo, porque se os favores procederem de Deus, a provação os fará crescer e ajudará ainda mais a alma a ir adiante. Isto é assim; todavia não convém apertar nem inquietar muito, porque ela verdadeiramente não tem culpa.

Torno agora ao que ia dizendo. Esses diversos gêneros de falas percebidas pela alma, podem ser de Deus, e também provir do demônio ou da própria imaginação. Direi, se com o favor de Deus acertar, os sinais por onde podem ser distinguidas, e os casos em que serão perigosas essas falas. Como, entre as pessoas dadas à oração, muitas há que ouvem tais palavras, advirto-vos, Irmãs, que não tenhais receio de agir mal quando lhes dais crédito, nem tampouco quando não lho dais. Refiro-me ao caso de serem dirigidas somente a vós, quer sejam de regalo, quer de exprobração de vossas faltas. Diga-as lá quem as disser; ainda que seja fantasia, pouco importa! Só um aviso quero dar-vos: ainda que venham de Deus, não vos julgueis melhores por esta causa, pois bastante falou o Senhor aos fariseus... Todo o bem depende do modo de tirar proveito de tais palavras. E se acontecer alguma não estar conforme à Sagrada Escritura, não façais mais caso dela do que se a ouvísseis do mesmo demônio. Ainda que proceda de vossa fraca

imaginação, deve ser considerada como tentação em matéria de fé, e, portanto, haveis de resistir sempre, para que esses pensamentos se vão desvanecendo; e certamente desaparecerão, porque têm pouca força.

Tornando ao que ia dizendo: que venham de dentro, ou de cima, ou de fora, não é isto o que importa para se julgar se procedem ou não de Deus estas falas. Os sinais mais certos que podemos ter, são, ao que me parece, estes: o primeiro e mais verdadeiro é um senhorio e poder que trazem consigo, de modo que o falar é agir. Vou explicar melhor. Está uma alma no cúmulo da tribulação e do alvoroço interior de que falei, com extrema secura, obscurecido o entendimento. Com uma única palavra dessas que ouça — como, por exemplo: “Não tenhas pena”, — fica sossegada, sem nenhuma tribulação e com grande luz. Desaparece de súbito todo aquele tormento, quando ainda há pouco lhe parecia que todos os letrados e o mundo inteiro juntos a dar-lhe razões para livrá-la daquilo, nada conseguiriam, por mais que trabalhassem. Está atribulada e cheia de temores porque seu confessor e outras pessoas lhe disseram que tem o espírito iludido pelo demônio. Ouve uma só palavra: “Sou eu, nada temas”, e logo tudo passa, fica inundada de consolação e parece-lhe que ninguém será capaz de a convencer do contrário. Trata-se de negócios graves que lhe causam suma inquietação; sente-se apreensiva, não sabendo em que irão dar. Ouve: “Fica tranquila; tudo sucederá bem”, e cobra certeza e já não pode ter pesar. Por este modo acontece em muitas outras circunstâncias.

A segunda razão é uma grande serenidade que fica na alma, junto a um recolhimento cheio de devoção e de paz que a move a dar louvores a Deus. Ah! Senhor! se um recado transmitido por um vosso pagem — pois é ensino corrente que as palavras, ao menos as desta morada, não as diz o mesmo Senhor, senão algum Anjo — têm tanta força: que não obrareis quando a alma totalmente estiver unida a Vós por amor, e Vós a ela?

O terceiro sinal é que estas palavras não se apagam da memória durante muitíssimo tempo, e algumas vezes nunca. Pelo contrário, as que têm origem humana se desvanecem: ainda quando as ouvimos de homens muito graves e doutos, não nos ficam tão esculpidas na memória, nem lhes damos tanto crédito como às outras quando se referem a acontecimentos futuros. As de Deus deixam uma certeza grandíssima e, embora algumas vezes em coisas aparentemente impossíveis, possa haver alguma dúvida acerca de virem ou não a acontecer, e surjam no entendimento algumas vacilações, no fundo da alma há uma segurança que não se pode render. Ainda que passem os anos e pareça acontecer em tudo o contrário do que lhe foi dito, não desaparece a convicção de que Deus buscará outros meios, não entendidos dos homens, e que, por fim, se há de fazer; e, com efeito, assim se faz. Contudo não deixa a alma de padecer quando vê muitos estorvos, porque, tendo passado tempo desde que o entendeu e não sendo mais tão vivas como no presente as operações e a certeza vindas de Deus, há ensejo para duvidar e ficar pensando se terá sido obra do demônio ou da imaginação. Na ocasião em que lhe falam, nenhuma dessas vacilações a acomete: seria capaz de morrer por aquela verdade, mas depois, como digo, a assalta o inimigo — que deve ser ele — com todas essas imaginações para a afligir e tornar pusilânime. Principalmente quando são negócios cuja realização importa em muito bem das almas, ou empresas sumamente árduas para grande honra e serviço de Deus, — que não fará o maligno? Pelo menos entibiará a fé; e já será grande mal o não crer que é poderoso Deus para fazer obras que excedam o alcance de nosso entendimento.

Com todos esses embates, embora os confessores digam à mesma pessoa que são desatinos, quando lhes fala dessas revelações, e os muitos sucessos contrários pareçam provar que não se hão de cumprir, ficam, não sei onde, uma centelha vivíssima de que tudo se há de realizar. Ainda quando o quisesse e todas

as demais esperanças estivessem mortas, não poderia deixar de ter viva aquela centelha de segurança. E por fim, como já disse, vêm a cumprir-se as palavras do Senhor, e fica a alma tão alegre e contente, que não quisera senão dar continuos louvores a Sua Majestade; e muito mais por ver provada a veracidade do que tinha ouvido, do que pelo fato em si, ainda quando a interesse grandemente.

Não sei a razão de ter a alma tanto empenho em se verificarem essas palavras. Se a convencessem de várias vezes ter mentido, penso, não sentiria tanto. E acaso pode ela agir à vontade? Não faz mais do que repetir o que lhe dizem... A este propósito, inúmeras vezes lembrava-se certa pessoa, do Profeta Jonas, quando temia não se realizasse a destruição de Nínive, que havia profetizado. Enfim, como é espírito vindo de Deus, justo é guardar-lhe fidelidade e desejar não seja tido por falso o que é sumamente verdadeiro. E assim é grande a alegria quando após mil peripécias o vê cumprido, em circunstâncias dificultosíssimas. Ainda quando daí lhe provêm grandes trabalhos, tem gosto em passá-los, a troco de ver cumprido o que tem certeza de lhe haver dito o Senhor. Quiçá nem todas as pessoas terão esta fraqueza, — se o é, — que eu não a posso condenar.

Quando é a imaginação que age, não se observa nenhum destes sinais: nem certeza, nem paz, nem gosto interior. O que se poderia dar — e até sei de certas almas a quem tem acontecido, estando elas muito embebidas em oração de quietação e sono espiritual — é o que vou dizer. Algumas há que, por fracas de natureza ou de imaginação, ou por qualquer outra causa, nesse estado de grande recolhimento ficam a tal ponto fora de si, que de fato nada percebem no exterior. Todos os sentidos parecem dormir, como numa pessoa, adormecida, e pode ser até que o estejam realmente; e, então, a modo de sonho, têm a impressão de ouvir falas e mesmo de ver certas coisas. Pensam que tudo vem de Deus, mas, afinal, os efeitos que lhes ficam são como de um sonho. Poderia tam-

bém acontecer que, pedindo uma graça afetosamente a Nosso Senhor, lhes pareça ouvir aquilo que deseja; e este caso se dá algumas vezes. Mas quem tiver muita experiência das falas de Deus, não poderá, creio eu, deixar-se levar por esses enganos da imaginação.

Do demônio há mais que temer. Quando, porém, se constata os sinais que referi, pode haver muita segurança de procederem de Deus as falas: ainda que não a ponto de ser licito agir sem parecer de confessor douto, avisado e servo de Deus, quando se trata de coisa grave, de alguma obra a empreender, ou de negócios de terceiras pessoas. Isto nem passe a alguém pela imaginação, por mais que ouça e entenda e claramente lhe pareça proceder de Deus a ordem. Tal sujeição é querida por Sua Majestade; e não é deixar de fazer o que Ele manda, pois nos diz que tenhamos o confessor em seu lugar.¹ Estas palavras que não podemos duvidar serem suas, pois estão no Evangelho, nos ajudem a cobrar ânimo, se é empresa custosa; e Nosso Senhor, de sua parte, se o quiser, alenará o confessor, dispondo-o a crer que é o Espírito de Deus quem fala. Quando assim não suceder não está obrigada a alma a fazer mais. Agir de outro modo nesta matéria e guiar-se pelo próprio parecer, tenho-o por temeridade; e assim vos admoesto, Irmãs, em nome de Nosso Senhor, que isto jamais vos aconteça.

Outro modo existe de falar o Senhor à alma, cuja origem divina tenho por muito certa. E' com alguma visão intelectual, de que falarei adiante. E' tão no íntimo, as palavras se ouvem tão claramente da boca do mesmo Senhor, com os ouvidos da alma, e tão em segredo, que o próprio modo de as entender e os efeitos operados pela sobredita visão, dão segurança e certeza de que ali o demônio não pode ter parte. Deixa grandes frutos, que confirmam esta crença. Pelo menos fica a segurança de que não procedeu da imaginação tanto bem. Aliás quem andar com adver-

1) Lc 10, 16. Qui vos audit, me audit.

tência, poderá sempre tê-la, pelas seguintes razões. Primeira: não pode deixar de haver diferença quanto à clareza, porque as falas que vêm de Deus são tão nítidas que não se pode esquecer uma sílaba sem logo acudir com ela a memória; e não se consegue substituir uma expressão por outra, embora equivalente. Pelo contrário, quando provêm da imaginação não têm as falas a mesma nitidez, nem são tão distintas as palavras. Parece coisa meio sonhada.

Segunda: muitas vezes nem cuidava a pessoa no que ouve. E' a qualquer hora, e até mesmo estando em conversação com outros. Todavia, acontece também, não raramente, as palavras responderem a algum pensamento súbito, ou ao que antes tinha pensado. De outras vezes referem-se a fatos que nunca lhe passaram pela cabeça como devendo acontecer algum dia, nem mesmo como possíveis; e portanto, a imaginação não pode ter fabricado enganos e ilusões sobre o que ela nunca desejou, nem quis, nem mesmo soube que existia.

Terceira: nas falas de Deus está a alma como quem ouve; nos devaneios da imaginação, como quem vai pouco a pouco elaborando por si mesmo aquilo que desejaria ouvir.

Quarta: são muito diferentes as palavras divinas. Uma só delas abrange tantos ensinamentos, que seríamos incapazes de os compor tão depressa por nós mesmos.

Quinta: muitas vezes, juntamente com o que se ouve, compreendem-se por inefável modo muitas outras coisas que nos são comunicadas sem palavras. Em outra parte, mais largamente tratarei deste modo de entender, que é muito delicado e próprio para nos fazer louvar a Nosso Senhor.

Estes diversos gêneros de falas têm ocasionado várias dúvidas a algumas pessoas, que, recebendo tais graças, não podiam tranquilizar-se. Haverá muitas, mas sei de uma, sobretudo, que o tem considerado com grande advertência, porque muitíssimas vezes é favorecida desta mercê do Senhor, e sua maior dúvi-

da, nos princípios, era se porventura lhe procedia aquilo da imaginação, pois quando vem do demônio, é mais fácil conhecê-lo, conquanto ele com suas múltiplas sutilezas, saiba fingir-se bem de anjo de luz. Entretanto, poderá, a meu ver, imitar a clareza das palavras a ponto de sentirmos certeza de as ter ouvido, como acontece quando fala o Espírito de verdade; mas nunca logrará contrafazer os efeitos acima ditos, nem inundar de paz e de luz a alma; antes deixará inquietação e alvoroço. Pouco ou nenhum dano, porém, consegue fazer se a alma é humilde e, como recomendei, não se move levemente a empreender coisa alguma, por mais palavras que ouça.

Se se trata de favores e regalos do Senhor, examine com atenção se, por esta causa, se tem em conta de melhor; e se não ficar tanto mais confundida quanto mais cheias de amor são as palavras divinas, creia que não é espírito de Deus. Quando o é, por maior que seja a mercê, mais pequenina se sente a alma. Isto é coisa muito certa. Lembra-se muito de seus pecados, e pouco de seu interesse; emprega toda a vontade e memória em querer só a glória de Deus e nem se recorda de seu proveito próprio; até no mínimo ponto anda com mais temor de se apartar da Divina Vontade e com plena certeza de ter merecido não aquelas mercês, mas sim, o inferno. Se de todos os favores e graças que recebe na oração resultarem estes efeitos, não ande assustada: confie na misericórdia do Senhor, que é fiel e não permitirá que a engane o demônio. Contudo sempre é bom conservar algum temor.

As pessoas que o Senhor não leva pelo mesmo caminho, cuidarão talvez que estas almas poderiam não prestar ouvidos às palavras que lhes dizem, ou distrair-se quando as percebem interiormente, e deste modo, não lhes dando entrada, viveriam sem tantos perigos. A isto respondo que é impossível. Não me refiro às que são fabricadas pela imaginação; pois o remédio para estas é não apeteer muito coisa alguma nem fazer caso dessas fantasias. Quanto às ver-

dadeiras, não há resistir. O mesmo espírito que fala impõe silêncio a todos os demais pensamentos e faz prestar atenção às suas palavras. Mais possível me parece — e creio é realmente assim — uma pessoa dotada de ótima audição não ouvir a outra que clame em altos brados. Sim, porque em tal caso restaria o recurso de distrair-se e pôr a atenção e o entendimento em outro objeto; mas no que tratamos não se pode agir assim. Não há absolutamente ouvidos a tapar, nem possibilidade de pôr o pensamento a não ser naquilo que se lhe diz. Aquele que, a rogos de Josué — creio eu — fez parar o sol², é poderoso para fazer parar todo o interior com suas potências; de tal modo, que a alma experimenta bem em si, como outro Senhor maior que ela governa aquele castelo. Isto a enche de suma devoção e humildade. Assim pois, não há meio nem remédio algum para excusar as falas sobrenaturais. Valha-nos a Divina Majestade para que só ponhamos a mira em contentá-lo e nos esqueçamos de nós mesmos, como vos tenho dito. Amém. Praza a Deus tenha eu acertado a dar-vos a entender o que procurei explicar-vos, e sirva isto de algum aviso e utilidade para quem o tiver.

CAPÍTULO IV

Trata de quando na oração suspende o Senhor a alma em arroubamento, êxtase ou raptó, nomes que lhe parecem designar a mesma coisa. Como é mister grande ânimo para receber altas mercês de Sua Majestade.

No meio dos trabalhos sobreditos e de muitos outros, que sossego pode ter a pobre mariposinha? Tudo serve para mais aumentar nela os desejos de gozar do Esposo: e Sua Majestade, como bom conhecedor da nossa fraqueza, a vai habilitando por esses meios e por vários outros a fim de que venha a ter

2) Cf. Josué, 10, 12, 13.

ânimo para se unir com tão grande Senhor e tomá-lo por Esposo.

Certamente vos riréis do que vos digo, tendo-o por desatino. Qualquer de vós julgará desnecessário o ânimo, pois: que mulher haverá de tão baixa estirpe que o não tenha para desposar-se com o rei? Com o da terra, também eu o creio; mas com o Rei do Céu, asseguro-vos, é indispensável ter coragem, mais do que supondes, porque nosso natural é muito tímido e mesquinho para tão sublime dignidade. Tenho como certo que se Deus não confortasse, por mais evidente que fosse o proveito, seria impossível alguém ousar tanto. Vede, pois, o que faz Sua Majestade para concluir este desposório. Entendo eu que deve ser este o motivo de dar à alma arroubamentos que a tiram dos sentidos; porque, se estando no uso deles se visse tão perto desta imensa Majestade, talvez não lhe fosse possível conservar a vida. Refiro-me a arroubamentos reais, e não a fraquezas de mulheres, que por vezes sentimos e logo nos parecem raptos e êxtases. E, segundo julgo ter dito atrás, há naturezas tão débeis, que com uma simples oração de quietação quase morrem. Como tenho tratado com tantas pessoas espirituais, quero consignar aqui algumas espécies de arroubamentos que têm vindo à minha notícia. Não sei se me será dado acertar, como em outra parte ¹ em que escrevi sobre este assunto e sobre mais alguns que, por certas razões, me parece conveniente repetir aqui, — ainda quando não seja senão para juntar tudo quanto diz respeito a estas moradas.

Um modo há de arroubamento em que, ainda fora da oração, sendo a alma tocada por alguma palavra de que se recorda. ou ouve, de Deus, parece que Sua Majestade, desde o interior onde se acha, movido de piedade por tê-la visto padecer tanto tempo a desejá-lo, faz crescer a centelha de que já falamos. E, abrasando-se toda, como outra fênix, fica renovada, e, segundo piedosamente se pode crer, são-lhe per-

1) Livro da Vida, cap. XX.

doadas suas culpas. Já se entende que para isto há de estar com as disposições requeridas, tendo usado dos meios, como a Igreja ensina. Assim purificada, une-a o Senhor consigo. Isto ninguém o entende senão eles dois. Ainda a mesma alma não o sabe de modo a poder explicá-lo depois, conquanto não esteja privada dos sentidos interiores, pois não é como uma pessoa acometida por um desmaio ou outro acidente semelhante, que nada percebe nem interior nem exteriormente.

Neste caso, tenho por certo que nunca estive tão desperta para as coisas de Deus, nem com tão grande luz e conhecimento de Sua Majestade. Parecerá isto impossível. Com efeito, se estão as potências tão abortas que as podemos dizer mortas, e os sentidos também, — como se pode afirmar que entende esses segredos? Isto não o sei eu, nem talvez criatura alguma senão somente o próprio Criador; e o mesmo acontece a outros muitos mistérios próprios deste estado, isto é, destas duas moradas. Bem se poderiam juntar, esta e a última, porque de uma para a outra não há porta fechada; mas, como na sétima há segredos não manifestados aos que ainda não chegaram a ela, achei bom dividi-las.

Quando, estando a alma nesta suspensão, o Senhor há por bem de mostrar-lhe alguns segredos, como de coisas do Céu e visões imaginárias, ela sabe exprimir-se depois, e de tal modo lhe fica impresso na memória, que jamais o olvida. Mas quando são visões intelectuais, não o sabe dizer do mesmo modo. Deve ser porque, nesse tempo, algumas há tão sublimes que não é conveniente ao homem viajar ainda na terra entendê-las a ponto de as poder repetir. Outras visões intelectuais há, porém, que a alma consegue traduzir em voltando ao uso dos sentidos.

Talvez haja entre vós quem não entenda o que é visão, sobretudo intelectual. A seu tempo vo-lo explicarei, porque assim mo ordenou quem pode, e, embora pareça coisa impertinente, será talvez de proveito para algumas almas. Podereis objetar: se depois

não há de ficar memória distinta dessas mercês tão subidas que então faz o Senhor à alma, qual o proveito delas? Ah! filhas, é tão grande que não se pode encarecer; pois, embora ninguém as saiba exprimir, no mais íntimo da alma ficam bem gravadas e jamais se apagam. Mas — direis — se não têm imagem nem são percebidas pelas potências, como podem deixar de si lembrança? Também eu não o entendo, mas sei que a alma conserva tão fixas algumas verdades da grandeza de Deus, que, ainda na hipótese de não lhe ensinar a fé quem é Deus e a obrigação que há de crer nele, desde aquele instante o adoraria como Supremo Senhor. Assim aconteceu a Jacob ao contemplar em sonhos a escada.² Juntamente com ela, embora não o tenha sabido exprimir, devia entender outros segredos; pois só por ver uma escada por onde baixavam e subiam Anjos não teria penetrado tão grandes mistérios, se não lhe fora dada maior luz interior.

Não sei se atino no que vou dizendo, porque, ainda que já o ouvi explicar, não me fio muito em minha memória. Tão pouco soube Moisés³ declarar tudo o que viu na sarça: limitou-se ao que Deus lhe ordenou que dissesse. Se não lhe mostrasse Deus interiormente os seus segredos, infundindo-lhe certeza para que visse e cresse que era o Senhor, não se metera em tão ingentes e numerosos trabalhos. Mas tão grandes coisas deve ter percebido dentro dos espinhos daquela sarça, que lhe deram ânimo para fazer o que fez pelo povo de Israel. Por conseguinte, Irmãs, quando se trata dos ocultos designios de Deus, não havemos de buscar razões para os entender. Antes devemos crer com evidência que uns vermezinhas de tão limitado alcance como nós, não estão à altura de compreender as divinas grandezas. Louvemos muito ao Senhor por se ter servido de nos dar a conhecer algumas delas.

Estou querendo ver se acerto com uma comparação que esclareça um pouco isto que vou dizendo, e

2) Cf. Gên 28, 12.

3) Cf. Êxod 3, 2.

nenhuma acho que me quadre; contudo usarei desta. Imaginemos que entraís num aposento, como o têm os reis e os grandes senhores, onde se conservam muitos objetos de preço e um sem número de vasos de cristal e de porcelana de todos os feitios, arrumados com tal ordem que se vêem quase todos logo em entrando. E' o que chamam *camarim*, creio eu. Levaram-me uma vez a uma sala dessas em casa da Duquesa de Alba, onde tive de pousar, de volta de uma viagem, por obediência aos meus Superiores, que assim o concederam aos rōgos instantes desta Senhora. Ao entrar fiquei espantada, considerando comigo mesmo para que poderia servir aquella barafunda de coisas; e pareceu-me que dessa mesma diversidade se poderia tirar motivo para louvar ao Senhor. Agora estou achando graça, ao ver que vou lançar mão do camarim para me explicar. Estive ali algum tempo; mas era tanto o que se me oferecia à vista, que logo esqueci tudo, a tal ponto que de nenhuma daquelas quinquilharias me ficou memória, nem sou capaz de dizer qual o feitiço delas. E' como se nunca as tivera visto; todavia, em conjunto, recordo-me do que vi. Assim acontece quando a alma, tão feita uma mesma coisa com Deus, está metida nesse aposento semelhante ao céu empíreo, que devemos ter em nosso interior, — pois se Deus habita em nós, claro está que alguma destas moradas há de ser um camarim celeste. E, ainda que nem sempre o Senhor permita à alma ver tais segredos durante o êxtase porque tão embebida está em gozar de Sua Majestade que lhe basta tão sumo Bem, algumas vezes gosta Ele que se desembeba e veja de passagem o que encerra aquele aposento. E assim lhe fica, ao tornar a si, alguma lembrança das grandezas que lhe foi dado contemplar, mas não sabe referir nenhuma, nem chega seu fraco natural a mais do que a ver o que sobrenaturalmente Deus lhe mostrou.

Dir-me-eis que já estou confessando que vi, e, portanto, houve representação imaginária. Não quero dizer tal coisa, nem estou tratando senão de visão intellectual; mas, como não tenho letras, minha ignorân-

cia não sabe exprimir o que pretendo, e se o que tenho dito até agora sobre esta oração estiver bem declarado, compreendo claramente que não foram minhas as palavras. Tenho para mim que se a alma a quem o Senhor dá arroubamentos não entende, uma vez por outra, segredos desses, é que não foram verdadeiros êxtases. Foi alguma fraqueza natural, própria de pessoas de compleição débil — como somos nós, mulheres, — quando, com algum ímpeto de espírito que sobrepuje o natural, se quedam assim embebidas, segundo julgo ter explicado na oração de quietação. Isto nada tem que ver com arroubamento, porquanto neste, quando é real, podeis crer-me: rouba Deus toda a alma para Si, e, como a quem lhe pertence e é já esposa sua, lhe vai mostrando alguma parcelazinha do reino que para ela conquistou, a qual por mínima que seja, é imensa, como tudo o que há neste grande Deus. E o Senhor não admite estorvo ou resistência de parte alguma; nem das potências, nem dos sentidos. Num instante manda que de repente se fechem as portas de todas as moradas, ficando aberta só a da sala onde Ele está, a fim de nos dar entrada. Bendita seja tanta misericórdia! Com justo motivo serão malditos os que dela não se quiserem aproveitar e perderem a este Senhor!

O' Irmãs minhas, verdadeiramente é nada o que deixamos, é nada quanto fazemos e quanto pudermos fazer por um Deus que assim se quer comunicar a uns vermezinhos como nós! E — se temos esperança de gozar deste bem ainda nesta vida, — que fazemos nós? em que nos detemos? que empecilho é assás forte para deixarmos de buscar um momento a este Senhor, como o fazia a Esposa pelas praças e arrabal-des? Ah! ninharia é tudo o que no mundo existe se não nos conduz e ajuda nesta empresa, ainda quando para sempre durassem os deleites, riquezas e gozos, por maiores que se possam imaginar! Tudo é cisco e digno de asco em comparação dos tesouros

4) Cf. Jo 9, 6, 7.

que sem fim havemos de fruir! E ainda estes nada são, comparados à glória de termos por nosso ao Senhor do Céu e da terra e de todos os tesouros.

O' cegueira humana! Até quando, até quando assim permaneceremos sem tirar de nossos olhos esta terra? Mesmo entre nós, embora pareça não ser tanta que nos cegue de todo, vejo uns argueirozinhos, uns pequenos defeitos que, se os deixarmos crescer, bastarão para fazer-nos grande dano. Não assim, Irmãs, pelo amor de Deus! Antes aproveitemo-nos das próprias faltas para conhecer nossa miséria, e elas nos darão melhor vista, como o lodo com que nosso Esposo sarou o cego. Quando nos virmos tão imperfeitas, redobremos as súplicas, para que o Senhor tire de nossas mesmas misérias a sua glória, e em tudo possamos contentar a Sua Majestade.

Sem reparar, muito me apartei do assunto. Perdoai-me, Irmãs, e crede-me que, em chegando a estas grandezas de Deus, quero dizer, a falar nelas, não posso deixar de condoer-me grandemente ao ver quanto perdemos por nossa culpa. Sim, porque embora seja verdade que esses favores os dá o Senhor a quem lhe apraz, se amássemos a Sua Majestade como Ele nos ama, a todas nós os concederia. Outra coisa não está desejando senão ter com quem os repartir, pois suas riquezas não diminuem, p'or mais que as prodigalize.

Volto, pois, ao que dizia. Em querendo arrebatrar a alma, ordena e manda o Esposo cerrar as portas das moradas, e até mesmo as do castelo e da cerca.* E ei-la que perde o fôlego, a tal ponto que, mesmo quando conserva um pouquinho mais os outros sentidos — como acontece algumas vezes, — não pode absolutamente falar. Outras vèzes, de repente os perde todos; esfriam-se-lhes as mãos e o corpo, de modo que parece não mais ter vida. Nem se pode entender se ainda respira. No mesmo estado dura isto pouco tempo, porque, em diminuindo um pouco a suspensão, parece que o corpo vai tornando a si e cobrando alento;

5) Termo antigo que designa a chácara do mosteiro.

mas logo torna a morrer, para dar maior vigor à alma. Contudo não dura muito este tão grande êxtase.

Acontece, porém, ainda depois de passado, ficar a vontade tão embebida e o entendimento tão absorto, que assim permanecem o dia todo e até vários dias. Parece não estar capaz a alma para se aplicar senão àquilo que lhe desperta a vontade a amar; para isto está bem desperta, mas adormecida para tratar com alguma criatura ou apegar-se a ela.

Oh! quando torna de todo a si, quanta confusão lhe fica! e que grandíssimos desejos de se empregar em Deus, por todas as maneiras em que se quiser servir dela! Se as orações de que falei atrás deixam os grandes efeitos referidos, que fará tão imensa mercê como é esta? Quisera ter mil vidas para as empregar todas em Deus; quisera que tudo quanto há na terra, todas as criaturas fossem línguas para o louvarem em seu nome. Grandíssimos desejos tem de fazer penitência, e não lhe custa muito fazê-la, porque, pela veemência do amor, tudo lhe parece pouco. Vê claramente que não faziam muito os mártires padecendo todos os tormentos, porque com este auxílio da parte de Nosso Senhor tudo é fácil; e assim se queixa a Sua Majestade quando não se lhe oferece em que padecer.

Quando recebe secretamente esta mercê, considera-a muito grande; mas quando é em público, sente tal confusão e vergonha, que de algum modo se lhe diminui o gozo, pelo cuidado e pena que sente ao imaginar o que pensarão os circunstantes. E' que, bem conhecendo a malícia do mundo, entende que não reconhecerão talvez a fonte de onde aquilo procede, e, em vez de darem ao Senhor os devidos louvores, talvez tomem daí ocasião para emitir juízos contrários. De certo modo parece-me haver falta de humildade nessa pena e confusão; mas não se consegue dominá-la. Com efeito, se a pessoa deseja ser vituperada, que se lhe dá? Assim uma que estava em semelhante aflição ouviu de Nosso Senhor: "Não te aflijas, porque ou me louvarão a mim ou murmurarão de ti; e em

qualquer dos casos sairás com lucro”.⁶ Tive depois ocasião de saber que ela muito se animou e consolou com estas palavras, e por isso aqui as deixo para proveito de alguém que se veja no mesmo caso. Nosso Senhor parece querer dar a entender a todos que aquela alma já é sua e ninguém há de tocar nela. No corpo, na honra, na fazenda, está bem, que tudo resultará honra para Sua Majestade; mas na alma, isso não! A não ser que ela com inconcebível atrevimento se aparte de seu Esposo, Ele lhe servirá de amparo contra todo o mundo, e até contra o inferno inteiro.

. Não sei se fica dado a entender alguma coisa do que é arroubamento; pois, como já disse, tudo é impossível explicar. Creio que nada perdi em dizê-lo, para dar a entender quando o é realmente, pois muito diferentes são os efeitos dos arroubamentos fingidos. Não digo fingidos porque a pessoa que os tem queira enganar, senão porque está enganada. E, como os sinais e efeitos não estão de acordo, fica infamada tão alta mercê, de modo que depois com razão não se dá crédito a quem o Senhor a faz realmente. Seja Ele para sempre bendito e louvado. Amém. amém.

CAPÍTULO V

Prosseguindo, diz como levanta Deus a alma por uma operação diferente da que ficou dita. E' o que se chama voo de espírito. Explica várias causas pelas quais é necessário ter ânimo. Procura declarar em parte esta mercê que faz o Senhor de modo muito saboroso. E' de bastante proveito

Há outro gênero de arroubamentos a que chamo voo de espírito, que, embora seja em substância a mesma coisa, é muito diferente pelo que no interior se experimenta. Com efeito, algumas vezes, muito de súbito, sente a alma um movimento tão acelerado, que parece arrebataram-lhe o espírito com uma velocidade

6) Livro da Vida, cap. XXXI.

de que infunde grande temor, especialmente nos primeiros tempos. Por esta causa vos dizia eu que é mister ânimo valoroso a quem Deus há de conceder tais mercês; e também fé, confiança e inteira resignação para que faça Nosso Senhor da alma o que quiser. Pensais que é pequena turbação estar uma pessoa inteiramente em seus sentidos e ver que de repente lhe arrebatam a alma? E temos lido casos em que até o corpo a acompanha sem saber onde e como vai, nem quem o leva; pois aos princípios não há tanta certeza de vir de Deus este transporte repentino.

E haverá algum remédio para poder resistir-lhe? Nenhum absolutamente; antes é pior. De uma pessoa tive ocasião de saber que então parece querer Deus mostrar à alma que, pois tantas vezes e com tanta sinceridade se entregou em suas mãos e com tão inteira resolução se ofereceu toda a Ele, entenda que já não é dona de si mesma, e, notavelmente, com o mais possante ímpeto, é arrebatada. A mesma pessoa já resolvera não fazer mais resistência do que uma palha quando atraída pelo âmbar, como talvez já o tendes visto, e deixar-se nas mãos de quem tão poderoso é, vendo que o mais acertado é fazer da necessidade virtude. Fiz esta comparação porque assim é certamente, e com a facilidade com que um homem de grandes forças pode arrebatam uma palhinha, este nosso Gigante imenso e todo-poderoso arrebatam o espírito.

Estareis lembradas daquele reservatório de água de que falamos, creio, na quarta morada, — que não me recorde bem. Como se enchia com tanta suavidade e mansidão, sem nenhum movimento! Aqui este grande Deus, que detém as fontes das águas e não permite que o mar saia de seus termos, abre todas as represas aos mananciais de onde vinha a água a esse reservatório; e com grande ímpeto levanta-se uma onda tão possante que faz subir muito alto o batelzinho de nossa alma. E assim como nem o piloto nem todos os que governam uma nave são poderosos para a manter à vontade quando as ondas se encapelam com furor, muito menos pode a alma deter-se inteiramente

como quisesa, nem mandar que seus sentidos e potências façam outra coisa senão o que lhes é ordenado. Quanto ao exterior, aqui não se faz caso dele.

Asseguro-vos, Irmãs, que só de escrever isto me sinto atemorizada ao ver como se mostra aqui a onipotência deste grande Rei e Imperador. Que não sentirá quem o experimenta! Tenho para mim: se aos que andam muito perdidos pelo mundo se lhes descobrisse Sua Majestade como a estas almas. — ainda quando não fosse por amor, — por medo não o ousariam ofender. E ah! quão obrigados estarão os que, por caminho tão sublime, têm aprendido a procurar com todas as suas forças não opor resistência a este Senhor! Por Ele vos suplico, Irmãs, — dirijo-me àquelas dentre vós que tiverem sido favorecidas por Sua Majestade com estas mercês e outras semelhantes. — que não vos descuideis, contentando-vos só com receber. Olhai que muito há de dar quem muito deve.¹

Também para isto é necessário grande ânimo, pois é coisa que muito costuma acovardar. E se Nosso Senhor não lho incutisse, andaria sempre a alma em muita aflição. Com efeito, olhando o que Sua Majestade faz por ela, e depois pondo em si o olhar e vendo quão pouco e escassamente corresponde, embora tão obrigada, e ainda esse pouquinho tão cheio de faltas e negligências e frouxidão, tem por melhor, ao fazer alguma obra, não se lembrar de quão imperfeitamente a fez e procurar esquecê-la. Põe seus pecados diante de si e atira-se nos braços da misericórdia de Deus; pois, não tendo com que pagar, deixa que a tudo supra a piedade e clemência que sempre teve o Senhor para com os pecadores.

Porventura lhe responderá Ele como a uma pessoa que, pela mesma razão, estava muito aflita diante de um crucifixo, considerando como nunca tivera nada que dar a Deus, nem que deixar por Ele. Disse-lhe o mesmo Crucificado, consolando-a: que Ele lhe fazia entrega de todos os trabalhos e dores que ha-

1) Lc 12, 48.

via passado em sua Paixão; e, portanto, os tivesse por próprios e os oferecesse a seu Pai.² Ficou tão rica e consolada aquela alma, segundo pude entender, que jamais o esqueceu; antes, cada vez que se considera tão miserável, com esta lembrança fica animada e cheia de consolação. Alguns fatos semelhantes poderia eu relatar aqui, porque tenho tratado com muitas pessoas santas e dadas à oração, e sei de muitos; mas para não pensardes que sou eu, prefiro não ir adiante. Isto que vos contei me parece de grande proveito para entenderdes como se contenta Nosso Senhor de que nos conheçamos e procuremos sempre considerar nossa pobreza e miséria, vendo como nada possuímos sem o termos recebido. Assim, pois, Irmãs minhas, para isto e outras muitas coisas que se oferecem à alma quando o Senhor a eleva até este ponto, é necessário ânimo; e, segundo me parece, mais ainda para o que acabei de dizer, se há humildade. O Senhor no-la dê por quem Ele é.

Tornemos agora a esse apressurado arrebatado do espírito. E' tão veemente, que parece na verdade sair do corpo a alma; e por outro lado claro está que a pessoa não fica morta. Ao menos não pode dizer se, durante alguns instantes, está ou não unida ao corpo. Parece-lhe que, toda inteira, esteve em outra região muito diferente desta em que vivemos, onde se lhe mostra outra luz tão superior à da terra, que se toda a sua vida ela se ocupara em imaginá-la, juntamente com outras coisas que então vê, fora impossível alcançá-las. E acontece que num momento lhe ensinam tantas grandezas juntas, que se em muitos anos trabalhasse para as ordenar com a imaginação e o pensamento, não poderia conceber nem a milésima parte. Isto não é visão intelectual, e sim imaginária, na qual vê com os olhos da alma muito melhor do que enxergamos com os do corpo, e sem palavras recebe a compreensão de várias coisas. Por exemplo,

2) Isto aconteceu com Santa Teresa, como se vê na Relação LI. (V. Apêndice II).

se lhe aparecem alguns Santos conhece-os, como se houvera tratado muito com eles.

Outras vezes, juntamente com o que avistam os olhos da alma, se lhe representam por visão intelectual outros objetos, especialmente multidões de Anjos com o Senhor deles; e, sem nada distinguir, nem com os olhos do corpo nem com os da alma, aprende outras muitas coisas verdadeiramente inefáveis, e isto por meio de um admirável conhecimento que não sou capaz de explicar. Quem receber estas mercês e tiver mais habilidade do que eu, talvez as saiba dar a entender, conquanto me pareça bem difícil. Se. enquanto isto lhe acontece está a alma, ou não, unida ao corpo, não o sei dizer: pelo menos não juro que nele esteja, nem tão pouco fora dele.

Muitas vezes tenho pensado comigo mesma: não será à semelhança do sol, o qual, embora esteja no Céu e não se mude de onde está, tem tanta força em seus raios que repentinamente os faz chegar até nós? Assim a alma e o espírito são uma mesma coisa, como o sol com os raios; contudo, ficando ela em seu posto, pode, por alguma parte superior do espírito, sair acima de si mesma, pela força do calor que lhe vem do verdadeiro Sol de justiça. Enfim, não sei o que digo. A verdade é que, com a presteza de uma bala lançada por um arcabuz quando se faz fogo, levanta-se no interior um voo — pois não sei dar-lhe outro nome. Não faz ruído, mas opera um movimento tão claro que absolutamente não pode ser fruto da imaginação; e a alma, toda fora de si mesma, tanto quanto se pode entender vê as grandes coisas que lhe são mostradas. Quando volta a si, está com tão imensos lucros e tem em tão pouco as coisas da terra, que todas lhe parecem cisco em comparação do que viu. Daí em diante vive muito penada, e tudo o que lhe costumava causar prazer não lhe infunde a menor consolação. Dir-se-ia que lhe quis mostrar o Senhor algum vislumbre da terra para onde a vai levar — assim como trouxeram amostras da Terra da Promissão os mensa-

geiros do povo de Israel³ — para que melhor passe os trabalhos deste caminho tão penoso, sabendo onde há de ir repousar. Conquanto não vos pareça de muito proveito esta graça, por passar tão depressa, na realidade são tantos os bens que deixa na alma, que só quem os experimenta poderá entender-lhes o valor.

Por aí se vê que é impossível proceder da imaginação. Também não pode ser obra do demônio, pois não têm ele poder para apresentar coisas que tanta operação é paz e sossego e aproveitamento produzem na alma. Especialmente três são os frutos que deixa em subido grau. Primeiro: conhecimento da grandeza de Deus, a qual se nos dá a entender na medida das luzes maiores que temos sobre Ele. Segundo: próprio conhecimento e humildade, ao ver como criatura tão baixa em comparação do Criador de tantas grandezas, ousou ofendê-lo; até mesmo não sabe como se atreve a pôr nele os olhos. Terceiro: baixo apreço de todas as coisas da terra, com exceção das que lhe podem ser úteis para serviço de tão grande Deus.

São estas as joias que o Esposo começa a dar a sua Esposa, e são de tanto valor que ela as guarda bem guardadas. De tal modo lhe ficam impressas na memória essas vistas, que julgo impossível olvidá-las até lhe ser dado gozá-las para sempre, a menos que, para seu grandíssimo mal, venha a ser infiel. Mas o Esposo que lhas dá, é poderoso para lhe conceder graça com que as não perca.

Torno agora à necessidade de ter ânimo. Julgais que não tenha importância o ver-se a alma arrancada ao corpo, segundo lhe parece, pois sente que vai perdendo os sentidos e não entende qual o motivo? Preciso é que lhe infunda coragem Aquele mesmo que lhe dá tudo o mais. Dir-me-eis que boa paga recebe por este temor. O mesmo digo eu. Seja para sempre louvado Aquele que pode dar tanto! Praza a Sua Majestade assistir-nos com a sua graça para que mereçamos servi-lo! Amém.

3) Cf. Num 13, 18-24.

CAPÍTULO VI

Em que diz como a oração explicada no capítulo precedente produz um efeito pelo qual se entende ser graça verdadeira, e não engano. Trata de outra mercê que faz o Senhor à alma com o fim de a mover a seus louvores.

Dépois de ter recebido tão altas mercês, fica a alma tão desejosa de gozar plenamente daquele Senhor que lhas concede; que vive em tormento grande, conquanto saboroso. Experimenta grandíssimas ânsias de morrer; com lágrimas pede continuamente a Deus a tire deste desterro. Tudo quanto nele vê a deixa cansada; se tem algum alívio quando está na solidão, logo lhe volta aquela saudade; e se não a sente, já não reconhece a si mesma. Em suma, não consegue esta mariposinha achar assento nem descanso; antes, como anda a alma tão terna no divino amor, qualquer ocasião propícia para mais a incender nesse fogo, a faz voar. E assim nesta morada são muito contínuos os arroubamentos, sem haver meio de os evitar, ainda mesmo em público; e logo se desencadeiam as perseguições e os ditos mordazes. Ainda que ela queira andar sem temores, não lho permitem, porque muitas são as pessoas que lhe põem medo, especialmente os confessores.

No seu íntimo, embora por uma parte tenha impressão de grande segurança sobretudo em estando a sós com Deus, por outra sofre grandes aflições, porque tem receio de ser enganada pelo demônio e vir a ofender a seu Deus a quem tanto ama. Quanto às murmurações, não sente muito, exceto quando é o próprio Confessor que a repreende. Como se ela pudesse resistir àquelas mercês!... Por isso não faz senão pedir orações a todos e suplicar a Sua Majestade a leve por outro caminho, porquanto assim lhe aconselham, pois este lhe representam como tão perigoso. Não podendo, entretanto, deixar de constatar em si grande aproveitamento, e reconhecendo, pelo que lê e ouve

e sabe dos Mandamentos da Lei de Deus, que essa estrada a leva ao Céu, intimamente não consegue desejar outra, por mais que procure, e abandona-se nas mãos de Deus, conquanto essa mesma incapacidade de o desejar lhe cause mágoa pelo receio de faltar de obediência ao Confessor, pois sabe que, para não ser enganada, está todo o seu remédio em obedecer-lhe e não ofender a Nosso Senhor. Com efeito, não faria advertidamente um pecado venial, ao que lhe parece, ainda que a despedaçassem, e toda a sua aflição é ver que não pode deixar de cometer muitos sem dar por isso.

Comunica Deus a essas almas tão imenso desejo de jamais o descontentar em alguma coisa ainda mínima, nem fazer, se possível fora, uma pequenina imperfeição, que só por este motivo, ainda que não houvesse outros, quisera fugir de todos, sentindo grande inveja dos que vivem ou em outros tempos viveram nos desertos. Por outro lado desejaria meter-se pelo mundo a dentro, a ver se poderia contribuir para que sequer uma alma louvasse mais a Deus. Se é mulher, sofre de o não poder fazer em consequência de se ver detida pelo seu sexo e tem grande inveja dos que são livres para em altos brados publicar quem é este grande Rei dos exércitos.

O' pobre mariposinha, atada por tantas cadeias, por que te não deixam voar como quiseras! Compa-decei-vos dela, Deus meu; ordenai já os acontecimentos de modo que possa cumprir em parte seus desejos, para vossa honra e glória. Não vos recordeis de quão pouco merece, nem de sua escassa possibilidade. Poderoso sois Vós, Senhor, para fazerdes recuar o grande oceano e o grande Jordão, a fim de que passem os filhos de Israel a pé enxuto.¹ Não a poupeis, que, robustecida com a vossa fortaleza, é capaz de afrontar muitos trabalhos e para isto está determinada e cheia de desejos de padecer. Alargai, Senhor, vosso poderoso braço: não consintais que se lhe pas-

1) Êxod 14, 21-22. Jos 3, 13.

se a vida em coisas tão baixas. Ostentai vossa grandeza em criatura tão feminina e mesquinha, para que, entendendo o mundo que nada vem dela, todos vos louvem a Vós. Custe-lhe isto o que custar, pois quer padecer, e seu único desejo é que ainda uma só alma vos louve um pouquinho mais por sua causa. Para o conseguir sacrificaria mil vidas, se tantas tivera, dando-as por muito bem empregadas; entendendo com toda a verdade que não merece padecer por Vós nem um mínimo trabalho, quanto mais morrer!

Não sei a que propósito veio isto, Irmãs, nem para que, pois não tinha intenção de dizê-lo. Entendamos que são estes os efeitos deixados, sem dúvida alguma, por estas suspensões ou êxtases. Não são desejos que passem; são estáveis e firmes, e quando se oferece ocasião de os pôr em obra, se vê que não eram fingidos. Mas para que digo estáveis? Acontece por vezes sentir-se covarde a alma, e nas coisas mais baixas, e atemorizada e com tão pouco ânimo, que não lhe parece possível realizar bem algum. Tenho para mim que nessas ocasiões o Senhor a deixa entregue ao seu natural para muito maior proveito, porque ela então reconhece que, se teve ânimo para alguma empresa, foi tudo mero dom de Sua Majestade; e isto com uma evidência que a deixa aniquilada e com mais alto conhecimento da grandeza e misericórdia de Deus que em criatura tão baixa se quis mostrar. O mais ordinário, porém, é o estado de que falamos antes.

Uma coisa notai, Irmãs, nesses grandes desejos de ver a Nosso Senhor. Apertam algumas vezes tanto, que é mister vos distraírdes sem os deixar cobrarem força; se o conseguirdes fazer, porquanto outras ânsias há, das quais falarei adiante, que de nenhum modo se podem moderar, como depois vereis. Nestes princípios alguma vez se consegue, porque a razão está inteira e capaz de conformar-se com a Vontade de Deus e dizer o mesmo que dizia São Martinho²; ain-

2) Senhor, se sou ainda necessário ao vosso povo, não recuso o trabalho. Faça-se a vossa vontade (Ofício de São Martinho).

da se pode desviar o pensamento quando muito apertam esses desejos. Convém assim fazer porque, parecendo próprios de pessoas muito adiantadas, poderia o demônio fazer-nos imaginar que o estamos; e sempre é bom andar com temor. Contudo tenho para mim que não poderá ele infundir a quietação e paz que produz na alma esta saudade; apenas logrará excitar alguma paixão, como se tem quando as coisas do século ocasionam alguma tristeza. Não o entenderá porventura quem não tiver experiência de uma e de outra dessas penas, e, julgando ser grande mercê de Deus, procurará aumentá-la quanto estiver em suas mãos, o que lhe causaria grande prejuízo à saúde, porquanto é contínua essa mágoa, ou pelo menos muito ordinária.

Notai também que a fraqueza natural costuma causar sentimentos desses, particularmente em pessoas ternas, que choram por qualquer coisinha: mil vezes imaginarão que choram por Deus, e não é assim. Pode também acontecer que, em certos tempos, a cada palavrinha que se ouve ou pensa de Deus, venha uma multidão de lágrimas, às quais não se pode resistir. E será, porventura, algum humor que atacou o coração e atua mais que o próprio amor que se tem a Sua Majestade, para fazer chorar tanto, que é um não acabar. Como têm ouvido essas pessoas que as lágrimas são proveitosas, não tratam de conter-se, nem quereriam fazer outra coisa, antes entregam-se totalmente ao choro. Pretende o demônio por este meio que se enfraqueçam a ponto de não poderem depois ter oração nem guardar a Regra.

Parece-me que vos ouço perguntar: — Que havemos de fazer, se em tudo há perigo, e até num dom tão precioso, como derramar lágrimas, é possível haver engano? Não estarei eu enganada? — Bem pode ser, mas crede-me: não o digo sem ter visto que pode haver tais erros em algumas pessoas. Não em mim, porque não sou nada terna, antes tenho o coração tão duro. que algumas vezes até me aflijo. Contudo, quando é grande o fogo que arde no interior, por duro

que seja o coração, põe-se a destilar como um alambique, e bem entenderéis quando vêm de Deus as lágrimas, porque muito mais confortam e pacificam; não causam desassossego e poucas vezes fazem mal. Uma coisa boa tem este engano, quando o é: prejudica ao corpo, porém, não à alma, se esta é humilde. Em qualquer dos dois casos, sempre há segurança em estar de sobreaviso.

Não pensemos que tudo consista em chorar muito, mas sim em pôr mãos à obra e muito fazer, praticando as virtudes que tanto nos importam. Quanto às lágrimas, venham quando Deus as der, sem fazermos nós esforço para provocá-las. Estas deixarão regada a terra seca de nossas almas e concorrerão grandemente para que dê fruto, tanto mais quanto menos caso fizermos delas, porque esta água vem do Céu. Muito diferente é a que extraímos a custo de nossos esforços, quando nos cansamos em cavar para colhê-la; e bastantes vezes acontecerá ficarmos cansadas à força de cavar e não acharmos nem uma poça, quanto mais profundo manancial. Por esta razão, Irmãs, tenho por melhor que nos ponhamos diante do Senhor e olhemos sua misericórdia e grandeza e nossa pequenez, e deixemos que Ele nos dê o que lhe aprouver: quer seja água, quer secura. Ele sabe melhor o que nos convém. Com isto andaremos descansadas, e o demônio não terá tanta ocasião para nos enredar em seus enganos.

Entre estas coisas que encerram pena e sabor juntamente, dá Nosso Senhor à alma algumas vezes uns júbilos e uma oração tão estranha que ela não sabe entender o que é. Para que se vierdes a receber esta mercê saibais em que consiste e deis muitos louvores a Deus, aqui vo-la explico. E', a meu parecer, uma união grande das potências, mas Nosso Senhor as deixa com liberdade, assim como também os sentidos, para gozarem deste deleite sem entender que gozo é esse nem como o experimentam. Parece incompreensível o que digo, mas é certo que assim acontece. E' um gozo tão excessivo da alma, que não quisera saboreá-lo

a sós, senão dizê-lo a todos para que a ajudassem a louvar a Nosso Senhor, que são estas todas as suas ânsias. Oh! quantas festas faria e quantas demonstrações, se pudesse, para dar a entender a todos o que goza! Parece que se achou e, como o pai do filho pródigo, quisera convidar a todos e fazer grandes festejos, por ver sua alma em estado onde, ao menos por então, não pode duvidar que haja segurança. E tenho para mim que é com razão; porque tanto gozo interior vindo do mais íntimo da alma, com tanta paz, e um contentamento que só a move e provoca a louvores de Deus, não é possível proceder do demônio.

Já é muito que, estando com tão grande ímpeto de alegria, possa calar, e não lhe custa pouco a dissimulação. Isto devia sentir São Francisco quando andava pelo campo a dar brados, e encontrando-o os ladrões, lhe disse que era arauto do grande Rei; e outros Santos que se retiram aos desertos a fim de poderem, como São Francisco, apregoar esses louvores de seu Deus. Conheci um, chamado Frei Pedro de Alcântara, — a quem tenho nesta conta pela sua santa vida, — o qual fazia o mesmo, e era tido por louco pelos que alguma vez o ouviam. Oh! que boa loucura, Irmãs! se fora Deus servido de no-la dar a todas nós! E que graça vos fez em trazer-vos para esta casa! Aqui, se o Senhor vos fizer tal mercê e derdes demonstração dela, antes achareis quem vos ajude! Ninguém murmurará, como aconteceria se estivésseis no mundo, onde por ser tão pouco usado este pregão, não é muito que levante murmurações.

Oh! desaventurados tempos e miserável mundo em que agora andamos, e ditosas as almas às quais coube a boa sorte de viverem fora dele! Algumas vezes sinto particular gozo, quando, estando juntas, vejo estas Irmãs com tão grande alegria íntima. Cada qual dá mais louvores a Nosso Senhor por se ver no mosteiro. Transparece muito claramente que brotam aqueles louvores do mais íntimo da alma. Quisera eu, Irmãs, que frequentemente assim fizésseis, pois quando uma começa, estimula todas as outras. Que melhor

modo de empregar vossa língua, quando estais reunidas, do que em louvores de Deus, tendo nós tantos motivos para o louvar?

Praza a Sua Majestade dar-nos muitas vezes esta oração, tão segura e cheia de frutos, pois adquiri-la não poderemos, que é coisa muito sobrenatural. Acontece durar à alma um dia inteiro; e anda ela como quem bebeu muito, porém não a ponto de ficar fora de si; ou como uma pessoa atacada de melancolia, que não perdeu de todo o juízo mas não se distrai de uma coisa que se lhe meteu na imaginação, nem há quem lha tire da cabeça. Bem grosseiras comparações são estas para tão preciosa graça, mas não se apresentam outras a meu engenho, e assim acontece: este gozo a põe tão esquecida de si e de tudo, que não pensa nem acerta em falar senão no que dele procede, e prorrompe unicamente em louvores de Deus. Ajudemos todas a esta alma, filhas minhas. Para que havemos de ter mais juízo que ela? Onde podemos achar maior contentamento? E ajudem-nos todas as criaturas, por todos os séculos dos séculos! Amém, amém, amém.

CAPÍTULO VII

Trata da intensidade do pesar que de seus peccados sentem as almas às quais Deus concede as mercês sobreditas. Diz quão grande erro é não se exercitarem, por muito espirituais que sejam, em trazer presente a Humanidade de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e sua Sacratíssima Vida e Paixão, assim como a sua gloriosa Mãe e os Santos. E' de muito proveito.

Parecer-vos-á, Irmãs, — especialmente àquelas que não houverem chegado a estas altas mercês, pois se receberam de Deus tão grande gozo, verão como é certo o que afirmo, — que essas almas favorecidas pelo Senhor com tão particulares comunicações esta-

rão já seguras de o gozar para sempre e não terão mais que temer nem chorar seus pecados. Grandíssimo engano! A dor dos pecados vai crescendo à medida que mais vamos recebendo de nosso Deus; e tenho para mim que nunca nos deixará, até que estejamos onde nenhuma coisa pode dar mágoa.

Verdade é que certas vezes aperta mais que em outras, e, também, aflige por diferente modo; porque a alma nem se lembra da pena que há de sofrer para expiá-los, senão de quanto foi ingrata para com Aquelle a quem tanto deve. e que tanto merece ser servido. Com efeito, por estas grandezas que lhe são comunicadas, entende muito mais a grandeza de Deus. Espanta-se de ter sido tão atrevida; chora sua pouca reverência; parece-lhe tão louco o seu desatino, que jamais cessa de afligir-se à lembrança das coisas baixíssimas pelas quais deixava tão grande Majestade. Muito mais se lembra disto que das mercês recebidas, conquanto tão elevadas como as sobreditas e outras que restam por dizer. Parece que estes favores são arrebatados por um rio caudaloso que de vez em quando os torna a trazer; mas a lembrança dos pecados é como um lamaçal, e sempre os tem vivos na memória, o que é bem pesada cruz.

Sei de uma pessoa que desejava morrer não só para ver a Deus, mas para não sentir ordinariamente a dor de ter sido tão desagradecida Aquelle a quem tanto devera sempre e ainda havia de dever. Parecia-lhe que ninguém tinha cometido iniquidades que iguallassem as dela, e de ninguém Deus tinha sofrido tanto, depois de haver feito tantas mercês. No que diz respeito ao medo do inferno, desaparece totalmente. As vezes sentem-se muito aflitas essas almas com o temor de vir a perder a Deus; mas isto lhes acontece raramente. Todo o seu receio é de que Deus as deixe de sua mão, e venham a ofendê-lo voltando ao estado tão miserável em que se viram em outros tempos. Com a pena ou a glória própria, não se preocupam; se não querem estar muito no Purgatório, é mais por

aí não ficarem ausentes de Deus. do que pelos sofrimentos que terão de passar.

Por favorecida de Deus que esteja uma alma, não a julgaria eu segura se em algum tempo se olvidasse do miserável estado em que se viu outrora, porque esta lembrança, conquanto penosa, traz muitos proveitos. Talvez me pareça isto por ter sido tão ruim, e será esta a causa de o trazer sempre na memória. As que foram boas não terão tanto que lamentar como eu; contudo sempre há faltas enquanto vivemos neste corpo mortal. Para esta dor não é alívio o pensar que Nosso Senhor já perdoou e esqueceu nossos pecados; antes aumenta a pena, à vista de tanta bondade e de mercês tão grandes feitas a quem só merecia o inferno. Penso que foi este um grande mártirio para São Pedro e a Madalena, porque, tendo amor tão intenso e havendo recebido tantas mercês, muito penosa de sofrer lhes seria tal lembrança, e motivo de terníssimo sentimento, entendendo eles tanto a grandeza e majestade de Deus.

Imaginareis também que alma favorecida com tão altos gozos não poderá meditar sobre os mistérios da Sacratíssima Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque já se exercitará somente em amor. E' este um ponto sobre o qual já escrevi largamente em outra parte¹, e embora o tenham contestado dizendo que o não entendo; que são caminhos por onde leva Nosso Senhor as almas, e, passados os princípios é melhor fugir das coisas corpóreas e tratar só da Divindade, — a mim não me farão confessar que seja bom este aviso. Bem pode ser engano meu, e também talvez estejamos todos dizendo a mesma coisa; mas vi que o demônio me quis enganar por este meio, e assim estou tão escarmentada que tenciono, embora o tenha dito várias vezes², dizer-vos o mesmo aqui, a fim de vos portardes com muita advertência. Vede bem: ousou dizer-vos que não deis crédito a quem vos

1) Livro da Vida, cap. XXII.

2) Vida, cap. XXII, XXIII, XXIV.

ensinar outra coisa. E procurarei dar-me a entender melhor do que fiz em outra parte; porque alguém que escreveu sobre este assunto, conforme nos disse, talvez daria alguma boa razão se o explicasse extensamente, mas falar assim por alto, a nós que não temos ciência, pode fazer muito mal.

Parecerá também a algumas almas que não podem pensar na Paixão. Se assim fosse, ainda menos poderiam lembrar-se da Sacratíssima Virgem e dos exemplos dos Santos, cuja memória nos infunde tão grande proveito e alento. Não sei em que se ocupam tais pessoas. Apartar-se de tudo o que é corpóreo é bom para os espíritos angélicos sempre abrasados em amor; não, porém, para os que vivemos neste corpo mortal. Temos necessidade de pensar nos que neste mundo obraram tão ilustres feitos por Deus; com eles há de ser nosso trato e companhia. Que erro seria, pois, se nos apartássemos propositadamente do que é todo o nosso bem e remédio, — da sacratíssima Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo? Não posso crer que essas pessoas realmente o façam, penso que não entendem a si mesmas; contudo causarão muito mal a si e aos outros. Ao menos, asseguro-lhes que jamais entrarão nestas duas últimas moradas; porque se perdem o guia, que é o bom Jesus, como acertarão com o rumo? Muito será se ficarem seguros nos demais aposentos. Por certo, pois o mesmo Senhor diz que é Caminho ³, e também Luz ⁴, e que ninguém pode ir ao Pai senão por Ele ⁵; e ainda: “Quem me vê a mim, vê a meu Pai”. ⁶ Dirão que se dá outro sentido a estas palavras. De outros não sei eu; deste, onde sempre minha alma achou a verdade, me tem vindo grande bem.

Há certas pessoas — e são muitas as que têm tratado comigo sobre este ponto, — as quais, em chegando a receber de Nosso Senhor contemplação per-

3) Jo 4, 6: “Ego sum Via”.

4) Ibid 8, 12: “Ego sum Lux mundi”.

5) Ibid 14, 6. Nemo venit ad Patrem nisi per me.

6) Ibid 14, 9. Qui videt me, videt et Patrem.

feita, quereriam estar sempre no mesmo, mas não pode ser; e, depois desta mercê do Senhor, ficam de maneira que não conseguem discurrir como antes sobre os mistérios da Vida e da Paixão de Cristo. E — não sei a causa, mas é muito comum — fica o entendimento mais inabilitado para a meditação. Deve ser, creio eu, porque todo o intento da meditação é buscar a Deus, e uma vez que a alma o acha e se acostuma a buscá-lo por obra da vontade, já não se quer cansar com o trabalho do entendimento. E também me parece que, estando incendiada a vontade, quisera esta generosa potência dispensar o concurso dele, se possível fosse. Nisto não procede mal; contudo, especialmente até que chegue às últimas moradas, não o conseguirá, e perderá tempo, porque muitas vezes precisará da ajuda do entendimento para inflamar-se.

E notai, Irmãs, este ponto, que é importante, e assim o quero declarar mais. Está a alma desejando empregar-se toda em amor e quisera não fazer outra coisa, mas não poderá, por mais que o queira; porque, embora a vontade não esteja morta, está amortecido o fogo que costuma fazê-la arder, e é mister quem o sopra a fim de atear novo calor. Seria bom ficar nessa aridez, esperando fogo do céu, que venha consumir o sacrifício que de si mesma está fazendo a Deus, como aconteceu a Elias, nosso Pai? Não, por certo; nem é bom esperar milagre. O Senhor os faz quando é servido, como fica dito e ainda se dirá adiante; mas quer Sua Majestade que nos tenhamos por indignos e sem merecimentos para os alcançar e nos esforcemos de nossa parte em tudo quanto depender de nós. E tenho para mim que até à morte é mister fazer assim, por sublime que seja a nossa oração.

Verdade é que a alma introduzida pelo Senhor na sétima morada, poucas vezes ou quase nunca tem de recorrer a essas diligências, e isto pela razão que nela direi, se me lembrar: mas não deixa de andar muito continuamente com Cristo Nosso Senhor, de um modo admirável pelo qual, tanto em sua Divindade como

em sua Humanidade, Ele está sempre a fazer-lhe companhia. Assim, pois, quando não está aceso na vontade o fogo de que falei, e a presença de Deus não se faz sentir, mister é que a procuremos, pois assim quer Sua Majestade. E' o que fazia a Esposa dos Cantares. ' Perguntemos às criaturas quem as fez, como diz Santo Agostinho em suas Meditações ou Confissões', creio eu; e não fiquemos como bobos, perdendo tempo, a esperar que venha de novo o que alguma vez temos recebido. Com efeito, aos princípios poderá ser que não repita o Senhor a mesma graça durante um ano, e até muitos. Sua Majestade sabe porque assim o faz; quanto a nós, não o queiramos saber, nem há necessidade disto. Pois sabemos o caminho para contentar a Deus, que é o dos mandamentos e conselhos, procuremos andar por ele muito diligentes, pensando na vida e morte de Cristo, e no muito que fez por nós. Tudo o mais venha quando o Senhor quiser.

Logo responderão que não podem deter-se em tais assuntos; e, segundo ficou dito, talvez tenham razão até certo ponto. Já sabeis que discorrer com o entendimento é uma coisa, e representar a memória verdades ao entendimento é outra. Direis porventura que não me entendeis, e verdadeiramente poderá ser que não entenda eu o modo de me exprimir; mas vou explicar como está a meu alcance. Chamo eu meditação ao discorrer muito com o entendimento. Por exemplo: começamos a pensar na mercê que nos fez Deus em nos dar seu Único Filho e, sem nos determos, vamos adiante, percorrendo os mistérios de sua gloriosa vida. Ora, meditando na oração do Horto, não pára o entendimento até ver o Senhor posto na Cruz'; ora, escolhendo um Passo da Paixão, — como seja quando prenderam o Senhor, — vamos pensando neste mistério, considerando por miúdo as coisas que se nos oferecem nele a ponderar e a sentir, como: a trai-

7) Cânt 3, 3. Num quem diligit anima mea vidistis?

8) Solilóquio XXXI.

9) No autógrafo está apenas o sinal +.

ção de Judas, a fuga dos Apóstolos e o demais. Admirável é esta oração e muito meritória!

Referia-me a esta quando disse que razoavelmente se escusam dela os que chegaram a ser levantados por Deus a favores sobrenaturais e a perfeita contemplação, porque, repito: não sei a causa, mas de ordinário não o conseguem. Não terá, porém, razão quem disser que não se detém nestes mistérios trazendo-os presentes muitas vezes, em especial quando os celebra a Igreja Católica; nem é possível à alma que tanto recebeu de Deus, perder a lembrança de mostras de amor tão preciosas, porque são vivas centelhas que mais a abrasarão por Nosso Senhor a quem tanto ama. E' que, sem entender, penetra estes mistérios de modo mais perfeito. Sim, porque o entendimento lhos representa, e estampam-se na memória de tal maneira que só de ver o Senhor caído no Horto a verter aquele assombroso suor de sangue, isto lhe basta para se ocupar não só uma hora, senão muitos dias, olhando, numa singela vista, quem Ele é, e quão ingratos temos sido a tão grande tormento. Logo acode a vontade, mesmo quando não há ternura, e põe-se a desejar retribuir de algum modo tão insigne benefício e padecer por quem tanto padeceu. Nestas e em outras coisas semelhantes ocupam-se a memória e o entendimento. E penso que é este o motivo de não poder passar adiante, discorrendo mais sobre a Paixão, e de lhe parecer que não pode pensar nela.

Se não faz assim, é bom que o procure fazer, pois sei que não lhe servirá de impedimento à mais alta oração; e não aprovo que não se exercite nisto muitas vezes. Se daí a suspender o Senhor, seja em muito boa hora; que então, mesmo sem querer, será obrigada a deixar o que está fazendo. E tenho por muito certo que não serve de estorvo esta maneira de proceder, antes é grande ajuda para todo o bem. O que lhe faria mal seria o trabalhar muito com o discurso, pelo modo de que falei acima; e isto, tenho para mim, não o conseguirá quem chegou a mais subido

estado. Bem poderá ser que sim, pois por muitos caminhos leva o Senhor as almas; mas ninguém condene as que não puderem discorrer, nem as julgue inabilitadas para gozar de tão grandes tesouros como estão encerrados nos mistérios de Jesus Cristo nosso Bem. Que seja bom não pensar nele, eis o que ninguém me fará entender, ainda quando fosse dito por pessoas muito espirituais.

Algumas almas, quando principiam, e ainda mesmo no meio, apenas chegam a ter oração de quietação e a gozar dos regalos e gostos do Senhor, julgam fazer muito bem em ficar sempre ali no seu gozo. Mas creiam-me e não se embebam tanto, como já disse em outra parte ¹⁰, pois longa é a vida e, havendo nela muitos trabalhos, temos necessidade de pôr os olhos em Cristo nosso Modelo e ver como os passou, e também em seus Apóstolos e Santos, a fim de sabermos sofrer com perfeição. E' muito boa companhia o Bom Jesus; e nunca nos havemos de apartar dele, e de sua Sacratíssima Mãe. Gosta extremamente Sua Majestade de que nos compadeçamos de suas penas, ainda quando alguma vez nos seja preciso deixar para isto nosso gosto e contentamento. Quanto mais, filhas, que não é tão ordinário o regalo na oração, que não haja tempo para tudo. Se alguma dissesse que não experimenta vicissitudes e nunca pode fazer o que ficou dito, não teria eu por seguro tal estado. Portanto, desconfiai dele e procurai sair desse engano e desembeber-vos com todas as vossas forças; e se isto não bastar, dizei-o à Piora, para que vos dê um officio tão cheio de cuidados, que vos livre desse perigo, bem grande, ao menos para a cabeça e o juízo, se durasse muito tempo.

Creio ter dado a entender como é conveniente que as almas, embora muito espirituais, não fujam tanto de coisas corpóreas que lhes pareça haver prejuizo até na Humanidade Sacratíssima. Alegam ter dito o Senhor a seus discípulos ser-lhes conveniente que

10) Fundações, cap. VI.

Ele se ausentasse.¹¹ Não posso sofrer isto. Certamente não disse o mesmo a sua Mãe Sacratíssima, porque estava firme na fé e sabia que Ele era Deus e Homem; e embora o amasse muito mais que eles, era com tanta perfeição que a presença do Senhor antes a ajudava. Não deviam então os Apóstolos estar tão arraigados na fé como depois estiveram, e como temos nós razão de estar agora. Digo-vos, filhas, que é perigoso esse caminho, e poderia o demônio chegar a ponto de fazer-nos perder a devoção ao Santíssimo Sacramento.

O engano em que andei não chegou a tanto; todavia já não gostava de pensar em Nosso Senhor Jesus Cristo, como antes, e preferia viver naquele embevecimento, na esperança daquele regalo. E vi claramente que ia mal; porque, não podendo gozá-lo sempre, andava o pensamento daqui para ali, e a alma, segundo me parece, como um passarinho que vai esvoaçando e não acha onde pousar. Com isto perdi bastante tempo, não aproveitando nas virtudes nem medrando na oração. E não entendia a causa, e jamais viera a entendê-la, penso, pois me parecia muito acertado aquele modo de proceder. Finalmente, tratando da minha oração com uma pessoa serva de Deus, esclareceu-me sobre a verdade. Depois vi com evidência como andei errada e não cessava de ter pesar por ver que houve tempo em que julguei enriquecer-me com tão grande perda. E, ainda no caso de ser possível, não quisera eu bem algum que não fosse adquirido por aquele Senhor de quem nos vieram todos os bens. Seja Ele para sempre louvado. Amém.

11) Jo 16, 7. *Expedit vobis ut ego vadam.*

CAPÍTULO VIII

Trata de como se comunica Deus à alma por visão intelectual. Dá alguns avisos e diz os efeitos causados por esta visão quando é verdadeira. Aconselha guardar segredo sobre estas mercês.

Para que mais claramente vejais, Irmãs, como é verdade o que vos disse e como a alma quanto mais adiante vai, mais acompanhada é por este bom Jesus, será bem saberdes: quando lhe aprás, não podemos deixar de andar sempre com Ele. Isto se vê claramente pelos modos e maneiras com que Sua Majestade se nos comunica e nos testemunha o amor que nos tem, por meio de algumas visões e aparições em extremo admiráveis. Para que não fiquéis assustadas se Ele vos conceder alguma dessas mercês, quero falar-vos sumariamente sobre elas, se o Senhor for servido de me fazer acertar, a fim de que o louvemos muito, ainda quando não as recebamos, ao ver como se digna comunicar-se desse modo a uma criatura, tendo Ele tanta majestade e poder.

Acontece que, estando a alma longe de pensar receber tal favor ou de vir algum dia a recebê-lo, sente junto de si a Jesus Cristo Nosso Senhor, conquanto não o veja nem com os olhos do corpo nem com os da alma. E' o que chamam visão intelectual, não sei por que razão. A uma pessoa a quem fez Deus esta mercê, com outras de que falarei adiante, vi muito aflita a princípio, não podendo entender aquilo, pois, embora nada enxergasse, tinha tanta certeza de ser Jesus Cristo Nosso Senhor quem se lhe mostrava daquele modo, que não podia duvidar da realidade da visão. Não sabia se era de Deus, e, apesar dos grandes efeitos que em si experimentava, pelos quais podia entender a sua origem divina, andava com medo. Jamais ouvira dizer que houvesse visão intelectual, nem imaginava tal coisa, mas compreendia muito claramente ser este Senhor quem lhe falava muitas vezes pelo modo acima dito, sendo que até haver recebido esta

mercê de que estou tratando, embora entendesse as palavras, nunca soubera quem lhas dizia.

Sei que, estando temerosa acerca desta visão — porque não é rápida e de passagem como as imaginárias, antes dura muitos dias e até, por vezes, mais de um ano, — foi muita aflita consultar a seu confessor. Perguntou-lhe este: “Como, se não vê coisa alguma, sabe que é Nosso Senhor? Diga-me como é o seu rosto”. Respondeu ela que o ignorava; não lhe via as feições, nem era capaz de dar outra qualquer informação: só sabia que era Ele quem lhe falava, e que não estava iludida. Procuravam incutir-lhe muitos temores, mas frequentemente não podia duvidar, sobretudo quando ouvia: “Não tenhas medo: sou Eu”. Eram tão poderosas estas palavras, que por uns tempos não podia ter dúvida alguma, e ficava muito confortada e alegre em tão boa companhia, vendo claramente ser-lhe de grande ajuda para andar com a memória constantemente em Deus, e sumo cuidado de nada fazer que lhe desagradasse, pois tinha a impressão de que sempre a estava olhando. E, cada vez que se punha a tratar com Sua Majestade na oração, e mesmo fora dela, achava o Senhor tão junto de si, que lhe parecia não poder Ele deixar de ouvi-la. Quanto a entender palavras, não era quando queria, senão a qualquer hora, segundo a necessidade. Sentia que o Senhor lhe andava ao lado direito, mas não o experimentava com os sentidos, como podemos certificar-nos da presença de uma pessoa junto de nós. E’ por outro modo mais delicado, impossível de exprimir, mas tão claro que chega a ser evidente, e ainda muito mais; porque em relação às criaturas bem nos poderíamos enganar, porém aqui não. Traz consigo grandes lucros e efeitos interiores, que não poderiam existir se aquilo fosse melancolia¹; nem o demônio causaria tanto bem, a ponto de andar a alma com tanta paz e tão contínuos desejos de contentar a Deus, e tanto desprezo de tudo o que não a chega

1) Nervoso, impressão doentia.

mais para Ele. Com o tempo se viu claramente não procederem do demônio aquelas graças, porque sempre mais e mais se foi dando a entender.

Sei, contudo, que algumas vezes andava ela muito temerosa, e outras com grandíssima confusão não sabendo de onde lhe tinha vindo tanto bem. Ela e eu éramos a tal ponto uma só coisa, que nada se passava em sua alma que eu não soubesse, e assim podeis dar crédito a tudo o que vos digo, pois sou boa testemunha. Esta graça do Senhor infunde grandíssima confusão e humildade. Se fosse embuste diabólico seria o contrário. E, como é favor que claramente se entende vir de Deus, e nenhuma indústria humana seria capaz de o fazer sentir, nunca poderá quem o goza imaginar que esse bem é propriedade sua, senão dádiva da mão do Senhor. E conquanto, a meu parecer, algumas das mercês referidas acima sejam maiores, tem esta a vantagem de trazer consigo particular conhecimento de Deus; amor terníssimo por Sua Majestade, que nasce desta tão contínua companhia; desejos, ainda mais intensos do que os sobreditos, de total entrega ao divino serviço; e grande pureza de consciência, pois essa presença constante faz prestar atenção às mínimas coisas. De fato, embora saibamos que Deus vê todos os nossos atos, é tal nossa natureza, que vivemos descuidados e esquecidos; o que não pode acontecer aqui, porque o Senhor está junto da alma e a desperta. E, andando ela quase de continuo num atual exercício de amor para com Aquele que vê ou entende estar junto de si, mesmo as outras mercês de que falei, recebe muito mais ordinariamente.

Enfim, pelos lucros que experimenta, vê que é grandíssima aquela graça e sumamente digna de apreço, e assim agradece ao Senhor, que lha dá tão sem merecimento, e não a trocaria por nenhum tesouro nem deleite deste mundo. Quando o Senhor é servido de lha tirar, fica em extrema soledade, mas todas as diligências possíveis de nada servem para recobrar aque-

2) Cf. Livro da Vida, cap. XXVII.

la companhia, pois o Senhor lha dá quando quer; e não há poder adquiri-la. Algumas vezes é algum Santo que a acompanha, causando também grande proveito.

Perguntareis como entende quando é Cristo, ou sua Mãe gloriosíssima, ou um Santo, se nada vê? Isto não o sabe a alma dizer, nem pode explicar como entende, mas experimenta-o com grandíssima certeza. Ainda quando o Senhor lhe fala, parece mais fácil conhecê-lo; mas quando é um Santo que nada lhe diz e apenas está ali como auxílio e companhia que lhe dá o Senhor, é mais de maravilhar. Assim acontece com outros favores espirituais, impossíveis de exprimir; por onde se entende quão baixa é nossa natureza para penetrar as infinitas grandezas de Deus, pois nem uma pequena parte somos capazes de compreender. Por isso quem os receber, admire e louve a Sua Majestade e lhe dê particulares graças, pois não é mercê concedida a todos. Estime muito este dom e procure prestar maiores serviços ao Senhor, pois de tantos modos experimenta o auxílio divino. Daqui lhe vem não se ter em melhor conta, antes julgar-se por quem menos serve a Deus de quantos existem na terra; porque lhe parece estar mais obrigado a isto do que ninguém, e qualquer falta que faz lhe traspassa as entranhas, e com grandíssima razão.

Estes efeitos com que anda a alma, segundo ficou dito, poderá qualquer de vós a quem o Senhor levar pelo mesmo caminho, experimentar em si. Por eles verá que não é vítima de engano, nem tampouco de ilusão. Sim, repito: não julgo possível que durasse tanto esta visão e produzisse tão notável proveito e tão contínua paz interior, se procedesse do demônio. Não costuma ele agir assim, nem poderia tão perversa criatura causar tanto bem, ainda que o quisesse. Logo surgiriam fumos de própria estima e pensamentos de preferir-se aos outros. Aliás, esse andar sempre a alma tão unida a Deus e com a mente presa nele, faria tanta raiva ao inimigo, que à vista de

tal resultado não voltaria à carga muitas vezes. E muito fiel é o Senhor: não daria ao maligno tanta licença para enganar uma alma cuja única pretensão é agradar à Sua Majestade e expor a vida por sua honra e glória; e, portanto, logo faria cessar o engano.

Persisto em dizer — e repetirei sempre o mesmo: — se a alma andar pelo modo em que, segundo ficou dito, a deixam estas mercês do Senhor, Sua Majestade a fará sair com lucro, e se permitir que alguma vez a tente o demônio, este ficará vencido e confuso. Portanto, filhas, se alguma for por este caminho, torno a dizer, não ande assombrada. Convém, entretanto, viver com temor e mais advertência e não presumir que por sermos tão favorecidas nos podemos descuidar; pois o contrário seria sinal de não virem de Deus as graças, visto não produzirem os efeitos já ditos. E' bom aos princípios comunicar estas graças sob sigilo de confissão, dirigindo-vos a algum letrado muito bom, pois dos homens doutos nos há de vir a luz, ou falando a alguma pessoa muito espiritual, se a encontrardes. Se a não houver, dai preferência ao bom letrado; e, se for possível, falai a quem tiver tanto letras como espírito. Se vos disserem que é fantasia, não vos importeis, pois tal fantasia nem mal nem bem pode fazer à vossa alma; encomendai-vos apenas à divina Majestade, pedindo que não consinta em tais enganos. Se o atribuírem ao demônio, será ocasião de maiores trabalhos; mas isto não vos dirá quem for bom letrado se observar em vós os efeitos de que falei. Contudo, se vo-lo disser, tenho certeza, o mesmo Senhor que anda convosco vos consolará e infundirá segurança, e irá dando luz a ele para que vo-la comunique.

Se for pessoa que, embora tenha oração, não é levada pelo Senhor por esse caminho, logo se espantará e condenará tudo. Por esta razão vos aconselho que escolhais quem seja muito douto e também espiritual, se conseguirdes. A priora dê licença para tais

consultas, porque, embora fique segura ao ver a vida virtuosa da Irmã, está obrigada a favorecer tais consultas a fim de andarem ambas com segurança. Depois de ter tratado com pessoas competentes, fique ela em paz e não se ponha a dar parte dessas coisas; que algumas vezes, sem haver motivo de temer, infunde o demônio umas inquietações tão exageradas que forçam a alma a não se contentar com uma só aprovação. Especialmente se conhece que o confessor tem pouca experiência e é medroso, e ele mesmo lhe manda tomar outros pareceres, vem a publicar-se aquilo que devia manter-se muito secreto e com razão, e o resultado é ver-se perseguida e atormentada. Quando pensa que tudo está em segredo, verifica que é público, e daí lhe provêm muitos trabalhos, que até poderiam estender-se à Ordem, tão maus andam os tempos. E', portanto, mister grande circunspecção neste ponto, e às Prioras muito o recomendo.

E não pensem que por receber uma Irmã semelhantes graças é melhor que as outras: a cada uma leva o Senhor como vê que lhe convém. Ajudam para que se torne grande serva de Deus se corresponder; mas às vezes leva o Senhor por este caminho as que são mais fracas. Assim, pois, não há motivo de aprovar nem condenar: olhem as virtudes, e a quem servir com mais mortificação e humildade e limpeza de consciência a Nosso Senhor, a essa tenham por mais santa. Contudo, muito grande certeza não pode haver nesta vida, até que o verdadeiro Juiz dê a cada um o galardão que merece. Lá nos espantaremos ao ver quão diferente é seu juízo do que podemos nós entender na terra. Seja Ele para sempre louvado. Amém.

CAPÍTULO IX

Trata de como se comunica o Senhor à alma por visão imaginária. Recomenda muito que se guardem de desejar tal caminho. Dá razões para isto. E' de muito proveito.

Venhamos agora às visões imaginárias. Dizem que é onde pode achar entrada o demônio, mais que nas precedentes, e assim deve ser; contudo, quando são de Nosso Senhor, de algum modo me parecem mais proveitosas, porque estão mais de acordo como o nosso natural. Excetuo as que o Senhor concede na última morada, pois a estas nenhuma pode ser comparada.

Consideremos agora o modo pelo qual vos disse no capítulo passado, está este Senhor à semelhança de uma pedra preciosa de grandíssimo valor e virtude¹ encerrada num escrínio de ouro. Temos certeza absoluta de que ela está ali, embora nunca a tenhamos visto, e seus efeitos benéficos não nos deixam de aproveitar, se a trazemos conosco. Mesmo sem a ver, não podemos deixar de estimá-la, pois constatamos, por experiência própria, que nos sarou de várias enfermidades para as quais é apropriada; mas não ousamos olhá-la nem abrir o relicário, nem mesmo o podemos, porque o segredo de o abrir só pertence ao dono da jóia. Ainda que no-la emprestou para nos aproveitarmos dela, reservou para si as chaves, e, como é propriedade sua, abrirá o escrínio quando no-la quiser mostrar, e quando lhe aprouver chegará mesmo a retomá-la como faz às vezes.

Imaginemos agora que de repente lhe apraz abrir de passagem o escrínio para dar prazer à pessoa a quem o emprestou. Claro está que muito maior contentamento terá ela depois, quando se recordar do admirável resplendor da pedra que assim lhe ficará mais esculpida na memória. E' o que acontece nesta visão.

1) No tempo de Santa Teresa atribuíam certas propriedades e virtudes às pedras preciosas. Faz isto pensar no rádio.

Quando Nosso Senhor é servido de regalar mais a esta alma, mostra-lhe claramente sua Sacratíssima Humanidade sob a aparência que julga melhor: ou como no tempo em que andava no mundo, ou depois de ressuscitado. E, conquanto seja com tanta presteza que o poderíamos comparar a um relâmpago, fica-lhes tão esculpida na imaginação esta imagem gloriosíssima, que tenho por impossível apagar-se, até o dia em que a veja onde sem fim a possa gozar.

Digo imagem, mas entenda-se: não parece pintada, a quem a vê; é verdadeiramente viva e algumas vezes fala e mostra à alma grandes segredos. Haveis de entender contudo que, ainda quando acontece durar algum tempo, sempre esta visão passa muito depressa, e é tão impossível determo-nos a olhá-la como o é fitar o sol. E não porque, ao manifestar-se, magoe a vista interior, pois seu brilho é como de luz infusa, ou como um sol coberto por uma tela tão diáfana como de diamante, se tal pudesse haver. Quanto ao que se representa à vista exterior, nada sei dizer, pois a pessoa minha conhecida, de quem tão particularmente posso falar, nunca teve dessas visões, e não se pode dar razões certas daquilo que não se experimentou. As vestes parecem de Holanda finíssima, e quase todas as vezes que Deus faz esta mercê, queda-se a alma em arroubamento; que não pode sua baixeza suportar tão assustadora vista.

Digo: assustadora, porque, apesar de ser imagem de tanta formosura e causar tão grande deleite que nenhuma pessoa poderia imaginá-la, ainda quando vivesse mil anos trabalhando para a formar com o pensamento, é uma presença de grandíssima majestade, que infunde grande temor e excede muitíssimo tudo quanto pode caber em nossa inteligência e imaginação. Por certo, não será preciso aqui perguntar a esta alma: como sabe ela quem lhe apareceu, se ninguém lho disse? Muito bem dá a conhecer que é Senhor do Céu e da terra. O mesmo não acontece com os reis temporais que, por si mesmos, serão tidos em

pouco apreço se não estiverem acompanhados de sua comitiva, ou não houver quem os anuncie.

Oh! Senhor, como vos desconhecemos, nós que somos cristãos! Que será ver-vos naquele dia quando nos vierdes a julgar, se, vindo agora com tanta amizade a tratar com vossa esposa, só a vossa vista infunde tanto temor? O' filhas, que será quando disser com tão rigorosa voz: "Ide, malditos de meu Pai!"

Desta mercê que faz Deus à alma, fique-nos esta verdade na memória, e não será para nós pequeno bem; pois São Jerônimo, apesar de tão santo, não a apartava da sua. Deste modo, tudo quanto padeceremos em consequência do rigor da Religião que observamos, nos parecerá nada, pois, ainda quando durar muito, será um momento, comparado àquela eternidade. Asseguro-vos verdadeiramente que eu, embora tão ruim, considero como nada o medo que tenho tido dos tormentos do inferno, em comparação do que sentia à lembrança de que os réprobos hão de ver irados esses olhos tão formosos e mansos e benignos do Senhor. Isto meu coração parecia não poder suportar, e assim me tem acontecido toda a vida. Quanto mais o temerá a pessoa a quem Ele se representou por esta visão, pois é tal o sentimento, que a deixa fora de si! Esta deve ser a causa da suspensão que experimenta; que assim ajuda o Senhor à fraqueza humana para que se junte com sua grandeza nesta tão subida comunicação com Deus.

Quando puder a alma olhar muito detidamente a este Senhor, não creio que seja visão sobrenatural, mas alguma veemente consideração com que fabrica e imagina alguma figura; e será como coisa morta em comparação da verdadeira.

Acontece a algumas pessoas — e sei que é verdade, porque o têm tratado comigo não três ou quatro, senão muitas — terem tão fraca a imaginação e arguto o entendimento — ou não sei a que atribuí-lo

2) Mt 25, 41. *Disceditis a me, maledicti, in ignem aeternum, qui paratus est diabolo et angelis ejus.*

— que se embebem a ponto de julgarem ver claramente tudo quanto imaginam ou pensam. Se houvessem tido alguma visão verdadeira, entenderiam sem dúvida o engano e veriam como elas mesmas vão compondo o que lhes vem à cabeça. O resultado é que nenhum efeito experimentam, antes ficam frias e com menos lucro do que se vissem uma imagem devota. Logo se entende que não há para que fazer caso, e tudo se desvanece da memória mais depressa do que um sonho.

Na visão de que tratamos não é assim. Estando a alma muito longe de lhe passar pelo pensamento que há de ver alguma coisa, se lhe representa de súbito aquele conjunto, revolvendo-lhe todas as potências e sentidos com grande temor e alvoroço e deixando-os logo na mais ditosa paz. Assim como ao ser derribado São Paulo, veio aquela tempestade e abalo do Céu³, assim neste mundo interior produz-se grande movimento, e num instante, como disse, aquietase tudo, e a alma se encontra tão ensinada, com tão grandes verdades, que não necessita de outro mestre, pois sem trabalho seu a verdadeira Sabedoria a livrou da ignorância. Fica-lhe durante algum tempo a certeza de que foi mercê de Deus, e então, por mais que lhe dissessem o contrário, não poderiam infundir-lhe temores de ter sido enganada. Mais tarde, assustando-a o confessor, permite Deus que ande vacilante, pelo receio de ser isto possível em pena de seus pecados, conquanto não possa convencer-se de todo. Acontece-lhe como nas tentações contra a fé, nas quais, segundo escrevi em outro lugar⁴, pode o demônio produzir desassossego, porém não impedir que estejamos firmes nela. Aqui também: quanto mais combate com dúvidas esta alma, mais sente ela a certeza de que o espírito infernal não a poderia cumular de tantos bens. E, realmente, assim é, que não tem ele tanto império sobre o interior: consegue represen-

3) Cf. At. Ap 9, 3, 4.

4) Livro da Vida, cap. XXV.

tar alguma visão, mas destituída da verdade e majestade e dos poderosos efeitos das que são reais.

Como a alma que recebe de Deus a mercê talvez não saiba exprimir-se e o confessor não pode ver o mesmo, fica ele receioso, e com muita razão, pois assim deve ir, com cautela, e aguardar até que o tempo mostre qual o fruto dessas aparições. Pouco a pouco vá considerando se deixam humildade e fortaleza na virtude, pois se for o demônio logo dará sinal e se deixará apanhar em mil mentiras. Se o Confessor tiver experiência por haver recebido tais favores, não precisa de muito tempo para entendê-los: só pelo modo de falar verá se procedem de Deus, ou da imaginação, ou do demônio, especialmente se o gratificou Sua Majestade com o dom de discernimento de espíritos. E se possui este mesmo dom e tem letras, muito bem conhecerá a verdade, ainda no caso de lhe faltar a experiência.

O essencial, Irmãs, é que useis de grande sinceridade e retidão com o Confessor; não apenas quando confessais pecados, pois isto claro está, mas também quando dais conta de vossa oração. Se assim não fizerdes, não vos asseguro que andeis bem nem que seja Deus quem vos ensina; pois muito amigo é Ele de nos ver tratar ao seu ministro e representante como a Si mesmo, com verdade e clareza e desejo de dar-lhe a entender todos os nossos pensamentos, quanto mais as obras, por pequenas que sejam! Feito isto, não andeis perturbadas nem inquietas; que, se tiverdes humildade e pureza de consciência, não poderão prejudicar-vos essas visões. Sua Majestade saberá tirar o bem do mal, e assim, pelo mesmo caminho pelo qual o demônio vos queria fazer perder, ficareis mais ricas, pois, julgando receber de Deus tão grandes mercês, vos esforçareis para melhor contentá-lo e trazer sempre ocupada a memória com a sua lembrança. Dizia um grande letrado: Hábil pintor é o demônio: se me representasse muito ao vivo uma imagem do Senhor, eu, longe de ficar contrariado, bus-

caria avivar por este meio a devoção e fazer guerra ao inimigo com suas mesmas maldades. Com efeito, por ser muito mau um artista, não havemos nós de faltar com a reverência a alguma imagem que tenha pintado, se representa Aquele que é todo o nosso Bem.

Julgava ele muito errado o conselho de alguns que mandam dar figas⁵ em presença de alguma visão, pois, dizia, sempre havemos de reverenciar o nosso Rei, onde quer que vejamos a sua imagem. E vejo que tinha razão, porque ainda entre nós é assim, e não gostaríamos de saber que fizeram semelhantes vitupérios ao retrato de uma pessoa a quem queremos bem. Quanto mais razão é termos sempre respeito onde quer que vejamos um Crucifixo ou qualquer outra imagem de nosso Imperador! Já escrevi o mesmo em outra parte⁶, mas folguei de o repetir aqui, pois tive ocasião de ver muito aflita uma pessoa por lhe mandarem usar desses esconjuros. Não sei de onde veio tal invenção, bem própria para atormentar a quem não pode deixar de obedecer ao confessor, que lho aconselha, pois se julga perdida se o não cumprir à risca. Minha opinião é esta: em semelhante caso, ainda que vo-lo mandem, apresentai com humildade as sobreditas razões e não obedecais. São muito boas, e com elas me convenceu plenamente o teólogo de que falei.

Desta mercê do Senhor tira a alma grande lucro: quando pensa nele, ou na sua Vida e Paixão, lembra-se daquele seu mansíssimo e formoso rosto, o que lhe serve de imenso consolo. Assim teríamos nós maior gosto por ter visto uma pessoa de quem recebemos muitos benefícios, do que se jamais a tivéramos conhecido. Asseguro-vos que produz grande consolação e proveito essa tão deliciosa lembrança. Ainda outros bens traz consigo, mas, como já vos encareci tanto os efeitos destas graças e ainda tornarei ao mesmo assunto, não quero cansar a vós e a mim. Só um

5) Gesto de esconjurar.

6) Cf. Livro da Vida, cap. XXIX.

aviso quero dar-vos: quando souberdes ou ouvirdes dizer que Deus concede tais favores a uma alma, não peçais ao Senhor que vos leve pelo mesmo caminho, nem ainda o desejeis, pois, embora excelente e digno de toda a nossa estima e reverência, não vos convém, por algumas razões.

Primeira: é falta de humildade quererdes receber o que nunca merecestes, e não o terá em alto grau, a meu ver, quem o deseja; pois assim como um pobre lavrador está longe de pretensão de ser rei. e o julga impossível, porque não o merece, da mesma forma o humilde não espera tais favores. Quem os quiser, nunca os receberá, creio eu, porque antes de fazer estas mercês dá o Senhor um grande conhecimento próprio. E quem tais ambições alimenta, como entenderá com verdade que já é muito não estar no inferno? Segunda: seria muito certo haver engano, ou, pelo menos, grande risco, porque basta ao demônio ver qualquer portinha aberta, para acometer com mil embustes. Terceira: por muito apetercer tais graças, a própria pessoa, com sua mesma imaginação, se põe a ver e ouvir o que gostaria de perceber, — assim como os que durante o dia estão com vontade de uma coisa e pensam muito nela, de noite vêm a sonhá-la. Quarta: é grandíssimo atrevimento querer eu escolher para mim caminho, não sabendo qual me convém mais. Melhor é que deixe ao Senhor, pois me conhece, o levar-me pelo que for mais conveniente, a fim de se cumprir em tudo a sua vontade. Quinta: julgais pequenos os trabalhos que padecem as almas favorecidas por Deus com tais mercês? Não, são grandíssimos e de muitos gêneros; e sabeis lá se sereis capazes de sofrê-los? Sexta: por onde pensais ganhar, poderíeis perder, como aconteceu a Saul por ter sido Rei.

Enfim, Irmãs, além destas há outras razões, e, crede-me, o mais seguro é não querer senão o que Deus quer, pois nos conhece melhor que nós mesmos e nos tem amor. Ponhamo-nos em suas mãos para que se faça em nós a sua Vontade; e não poderemos er-

rar, se com determinação sincera permanecermos sempre nesta entrega. E notai bem: por recebermos muitas graças destas, não mereceremos mais glória, antes teremos mais obrigação de servi-lo, por ter recebido mais. Quando se trata de granjear mais merecimentos, não no-lo impede o Senhor, e é coisa que está em nossas mãos; e assim há muitas pessoas que são santas e nunca souberam o que é gozar nem um só desses favores; e outras que, gozando-os, não o são. Também não imagineis que sejam contínuos; antes, por uma vez que no-los faça o Senhor, são muitíssimos os trabalhos; e assim a alma não pensa em receber mais, senão em retribuí-los com novos serviços.

Verdade é que devem ajudar grandemente para praticar com a maior perfeição as virtudes; mas quem as tiver ganho à custa de seu trabalho, muito mais merecerá. Conheço uma pessoa favorecida pelo Senhor com algumas mercês e até duas — um homem e uma mulher, — que estavam tão desejosos de servir a Sua Majestade à própria custa, sem tantos regalos, e tão ansiosos por padecer, que se queixavam a Nosso Senhor de lhos dar; se pudessem deixar de recebê-los, os recusariam. Refiro-me aos regalos que dá o Senhor na contemplação; não a essas visões, porque, em suma, trazem grandes lucros e são muito de estimar.

Verdade é que também são sobrenaturais esses desejos, a meu ver, e próprios de almas muito enamoradas, que desejariam mostrar ao Senhor como não o servem por salário; e, realmente, repito, nunca se lembram se hão de adquirir glória por algum sacrifício, nem é este o motivo que as alenta a maiores serviços. Seguem simplesmente os impulsos do amor, cujo natural é agir sempre de mil modos. Se pudessem, buscariam invenções para se consumir em amor, e se fosse mister ficarem elas eternamente aniquiladas para maior honra de Deus, de muito boa vontade o aceitariam. Seja para sempre louvado o Senhor que determinou mostrar sua grandeza abatendo-se a ter comunicação com tão miseráveis criaturas. Amém.

CAPÍTULO X

Fala de outras mercês que faz Deus à alma por maneira diferente das sobreditas, e diz o grande proveito que operam.

De vários modos se comunica o Senhor à alma nestas aparições: ora estando ela aflita; ora quando lhe há de vir algum trabalho considerável; ora para se deliciar Sua Majestade com ela, e por sua vez enchê-la de delícias. Não há para que particularizar mais cada uma dessas graças, pois meu intento é apenas dar a entender as muitas e diversas que há neste caminho, até onde posso alcançar, a fim de compreenderdes, Irmãs, como são e que efeitos produzem. Assim não tomareis por visões as extravagâncias da imaginação, e se fordes favorecidas com alguma verdadeira, sabendo que é possível, não andareis desassossegadas nem aflitas. Muito ganha aqui o demônio e gosta extremamente de ver desolada e inquieta uma alma, pois sabe quanto isto serve de estorvo para ela se empregar toda em amar e bendizer a Deus. Não poderá, porém, o maligno, creio eu, contrafazer outros favores muito mais altos e menos sujeitos a perigo, pelos quais se comunica Sua Majestade por diversas maneiras. São muito ocultos, e, assim, mal se podem exprimir. Melhor se consegue dar a entender as visões imaginárias.

Quando ao Senhor apraz, acontece que estando a alma a orar, muito em seus sentidos, de súbito lhe manda uma suspensão, na qual lhe dá a entender grandes segredos, que a ela parece ver no mesmo Deus. Não são visões da sacratíssima Humanidade, e, embora eu diga que vê, em realidade não vê nada, porque não é visão imaginária e sim muito intelectual, por cujo meio se lhe descobre como em Deus se vêem todas as coisas, e Ele a todas tem em Si mesmo. E é de grande proveito, porquanto, embora passe num momento, fica muito esculpido na memória e causa grandíssima confusão. Vê-se mais claramente que gran-

de maldade é ofendemos a Deus, porque no mesmo Senhor, digo, estando dentro dele, cometemos tão enormes iniquidades. Quero ver se acerto com uma comparação para vo-lo dar a entender, pois bem sabemos que assim é, e o ouvimos muitas vezes, mas ou não reparamos nesta verdade, ou não a queremos compreender, porque se o compreendêssemos como realmente é, creio, não seria possível sermos tão atrevidos.

Façamos agora de conta que é Deus qual uma vivenda ou um palácio muito grande e formoso. Este palácio, digo, é o mesmo Deus. Podem, porventura, os pecadores sair dele para perpetrar suas maldades? Não, por certo: dentro desse mesmo palácio, dentro do mesmo Deus, cometemos, quando pecamos, todas as nossas abominações, desonestidades e malvadezas. O' temeridade digna de grande consideração e muito proveitosa para nós, ignorantes, que jamais acabamos de entender estas verdades! Se bem o compreendêssemos, não seria possível tanto atrevimento e desatino! Consideremos, Irmãs, a grande misericórdia e paciência de Deus em não nos aniquilar imediatamente; e rendamos-lhe grandíssimas graças. Envergonhem-nos de sentir as ofensas que se cometem e dizem contra nós. E' a maior malícia do mundo ver que, sofrendo Deus nosso Criador tantos crimes de suas criaturas, dentro de si mesmo, sintamos nós por vezes uma palavra dita em nossa ausência, e, talvez, sem má intenção.

O' miséria humana! Até quando, filhas, estaremos sem imitar de algum modo este grande Deus! Ah! não imaginemos fazer alguma coisa em sofrer injúrias; antes de muito boa vontade soframos tudo e amemos a quem no-las faz, — pois este grande Deus não nos deixou de amar, a nós que muito o temos ofendido, e assim tem grandíssima razão em querer que todos perdoemos os agravos, por muitos que sejam, contra nós cometidos. Asseguro-vos, filhas, que esta visão, embora muito rápida, é grandíssima mercê de Nosso Senhor, e quem a recebe pode tirar muito proveito dela se a trazer de contínuo presente à memória.

Também acontece, assim muito de súbito e de inexprimível maneira, mostrar Deus em si mesmo uma verdade, que parece obscurecer todas as que podem existir nas criaturas. Com muita clareza dá a entender que só Ele é a Verdade que não pode mentir; e torna evidente o que diz David em um salmo: “Todo homem é mentiroso”.¹ Jamais o compreenderia a alma tão claramente, ainda quando muitas vezes o ouvisse dizer. E’ Ele a Verdade que não pode faltar. Lembro-me de Pilatos; muito era o que pedia ele a Nosso Senhor quando na Paixão lhe perguntou: “Que coisa é a verdade?”² E quão pouco entendemos nós esta suma Verdade, aqui na terra!

Quisera melhor dar-me a entender, mas são graças que não se podem exprimir. Tiremos daqui, Irmãs, este ensinamento: para nos conformarmos um pouco mais com nosso Deus e Esposo, é preciso nos esforçarmos muito por andar sempre à luz desta Verdade. Não me refiro só a não dizer mentira, pois neste ponto, Deus louvado! vejo o máximo escrúpulo nestas casas³ e sei que por nenhuma coisa serieis capazes de mentir. Mas não basta: andemos na verdade diante de Deus e dos homens, de todos os modos possíveis, especialmente não querendo passar por melhores do que somos, dando a Deus o que é seu, e a nós o que é nosso, em todas as nossas obras. Procurando sempre e em toda parte a verdade, pouca estima teremos deste mundo, onde é tudo falsidade e mentira e onde, portanto, não há bem duradouro.

Uma vez estava eu considerando qual seria a razão de ser Nosso Senhor tão amigo desta virtude da humildade; e veio-me logo de repente, sem trabalho do raciocínio ao que me parece, esta resposta: é porque Deus é a Verdade suma, e ser humilde é andar na verdade. Com efeito, é inegável que por nós mesmos não temos bem algum; antes somos miséria e

1) Sl 115, 11. *Omnis homo mendax.*

2) Jo 18, 38. *Quid est veritas?*

3) Os Conventos das Carmelitas.

nada. Quem não entende isto, anda na mentira; e quem melhor o entender, mais agrada à Suma Verdade, porque anda em sua presença. Praza a Deus, Irmãs, conceder-nos a graça de jamais sairmos deste conhecimento próprio. Amém.

Mercês destas e outras faz Nosso Senhor à alma, como a verdadeira esposa sua já determinada a fazer em tudo a divina vontade, porque lhe quer dar alguma notícia sobre o modo de cumpri-la e sobre as suas grandezas. Não há para que tratar de outros favores divinos; falei destes dois por me parecerem de grande proveito. Em coisas semelhantes não há que temer, senão muito que louvar ao Senhor porque se digna concedê-las, pois o demônio, a meu parecer, e também a imaginação própria, têm aqui pouca entrada, e assim fica a alma cheia de grande consolação.

CAPÍTULO XI

Trata de uns desejos tão grandes e impetuosos que dá Deus à alma de o ir gozar, que a põem em perigo de perder a vida. Proveito que redundava desta mercê do Senhor.

Não terão bastado todas estas mercês feitas pelo Esposo à alma, para que a pombinha ou mariposinha — não penseis que me tenha esquecido dela — esteja satisfeita e ache o pouso onde há de morrer? Não, por certo; antes, pelo contrário, está muito pior. Ainda que por muitos anos tenha recebido estes favores, sempre geme e anda chorosa, porque de cada um deles lhe fica maior dor. A causa é que vai conhecendo mais e mais as grandezas de Deus, e, vendo-se tão ausente e apartada de gozá-lo, muito mais lhe crescem os desejos, porque também cresce o amor na medida em que se lhe descobre quanto merece ser amado este grande Deus e Senhor nosso. E nesses anos vai aumentando pouco a pouco este desejo e chega a tão gran-

de pena como agora direi. Falei em anos porque assim aconteceu à pessoa a quem me tenho referido aqui; mas bem entendo que para Deus não convém assinalar limites, pois num momento pode fazer chegar uma alma às graças mais sublimes de que tratamos. Poder tem Sua Majestade para tudo o que lhe aprouber, e muito deseja fazer por nós grandes coisas.

Veementes são as ânsias, lágrimas e suspiros e os fortes ímpetos de que falei. Parecem proceder de nosso amor e de grande sentimento; contudo são como um fogo misturado com fumaça, o qual se pode sofrer, embora com dificuldade. Mas tudo isto é nada em comparação do que vou dizer. Andando assim a alma, abrasando-se em si mesma, acontece muitas vezes, por um pensamento muito rápido ou por ouvir dizer que tarda a morte, vir-lhe de algum lugar — não se entende donde nem como — um golpe semelhante a uma seta de fogo. Não digo pròpriamente seta, mas, seja o que for, claramente se vê ser impossível proceder do nosso natural. Também não é golpe, embora eu assim o tenha chamado; mas agudamente fere. E não é, a meu ver, onde costumamos sentir as dores, senão no mais profundo e íntimo da alma. Aí, este raio tão súbito e passageiro deixa reduzido a pó tudo quanto acha da terra ou da natureza. Enquanto dura é impossível haver memória de nós mesmos, porque num instante ata as potências e não lhes deixa liberdade para nada, senão para o que possa aumentar aquela dor.

Não quisera eu que o tivésseis por encarecimento, mas na verdade estou vendo que ainda digo muito pouco, tão impossível é exprimir tudo. Trata-se de um arroubamento dos sentidos e das potências para tudo o que não é, repito, ajudar a sentir mais aquela aflicção. De fato, o entendimento está muito vivo para compreender a razão que tem aquela alma de sentir por estar ausente de Deus; e Sua Majestade ajuda naquele tempo com uma notícia de Si, tão clara que faz crescer a pena a ponto de prorromper quem a

padece, em grandes clamores. Apesar de ser mortificada e ter costume de padecer dores fortes, não pode então conter-se, porque o sentimento, como ficou dito, não é no corpo, senão no interior da alma. A pessoa de quem falamos compreendeu, deste modo, quão maiores do que as penas corporais são os tormentos do espírito, e quão semelhantes a estes devem ser os do purgatório, onde as almas, não obstante separadas da matéria, padecem muito mais do que todos nós que a ela estamos unidos, neste mundo.

Vi uma pessoa neste tormento, e pensei que de fato ia perecer, o que não seria muito de admirar, pois, certamente, é perigo próximo de morte. E assim, ainda que pouco dure, deixa muito desconjuntado o corpo, e na ocasião tem os pulsos tão abertos como se já fosse dar a alma a Deus. E não está longe disto, porque lhe falta o calor natural e de tal maneira está abrasada, que com um pouquinho mais lhe teria Deus cumprido seus desejos. Não é que no corpo experimente dor, nem pouco nem muito; mas, torno a dizer, sente-o desconjuntando, de maneira que depois fica dois ou três dias com grandes dores, sem conseguir nem ainda ter força para escrever. Tenho mesmo a impressão de que sempre se torna mais sem forças do que antes. Se o não sente, deve ser porque é tão maior o sentimento interior da alma, que nenhum caso faz do corporal. Assim acontece quando temos uma dor muito aguda em um membro: ainda que tenhamos outras muitas, não lhes prestamos muita atenção; disto tenho boa experiência. Neste caso de que vou tratando, a pessoa não sente dor, nem pouco nem muito; nem mesmo, creio, sentiria se a fizessem em pedaços.

Dir-me-eis: é imperfeição; por que não se conforma ela com a vontade de Deus, se lhe está tão rendida? A isto respondo: até aqui podia fazê-lo, e ia aguentando a vida; agora não, porque sua razão está de sorte que já não é senhora de si, nem pode fixar-se em outra coisa senão no que é causa de seu penar. Se está ausente de seu Bem, para que há de querer

vida? Sente uma soledade estranha; nenhuma criatura em toda a terra lhe faz companhia, nem mesmo os que estão no Céu, creio eu. Não sendo Aquele a quem ama, tudo a atormenta. Vê-se como uma pessoa que pende do alto e não acha assento na terra, nem pode subir ao Céu; abrasada nesta sede, não consegue atingir a água. E não é sede que se possa sofrer; é em tal extremo que nada a poderia faltar, nem quer ela ser farta a não ser com a água de que falou Nosso Senhor à Samaritana ¹, e essa ninguém lha dá.

Oh! valha-me Deus, Senhor, como apertais aos que vos amam! Mas tudo é pouco em comparação do que lhes reservais. Justo é que muito custe o que muito vale. Quanto mais que, se é para purificar esta alma antes de ser introduzida na sétima morada — assim como se purificam no Purgatório os que hão de entrar no Céu, — é tão pouco este padecer como seria uma gota de água em relação ao mar. A pessoa de quem falo tinha passado muitas dores, tanto corporais como espirituais; e tudo lhe parecia nada em comparação a este tormento e angústia que não pode haver maior, segundo creio, em todos os da terra. Mas sente a alma que é de tanto valor esta pena, que entende muito bem não a podia ter merecido, nem é tormento que em alguma coisa possa achar alívio. E assim, de muito boa vontade o sofre, e, se fosse do agrado de Deus, sofreria toda a vida, — o que seria morrer não uma vez, senão estar sempre morrendo, pois verdadeiramente não é menos.

Consideremos agora, Irmãs: que será daqueles que estão no Inferno e não experimentam esta conformidade, este contentamento, este gosto que Deus comunica à alma, nem, como ela, esperam tirar dos tormentos lucro, antes — refiro-me às penas acidentais — vão sempre mais e mais padecendo? Se os suplícios da alma são incomparavelmente mais rigorosos que os do corpo, e os do inferno maiores sem comparação que este de que falamos, quanto sofrerão os des-

1) Cf. Jo 4, 7-13.

venturados réprobos ao ver que seus males hão de durar para sempre, sem fim? E nós, nesta tão curta vida, que podemos fazer ou padecer que não seja um nada em vista de nos livrarmos de tão terríveis e eternos tormentos? Asseguro-vos que será impossível dar a entender quão doloroso é o padecer da alma e quão diferente do que sofre o corpo, senão a quem o experimentou. E quer o mesmo Senhor no-lo dar a compreender a fim de mais conhecermos o muitíssimo que lhe devemos por nos ter trazido a um estado no qual por sua misericórdia temos esperança de nos haver Ele de salvar e de perdoar nossos pecados.

Tornemos agora ao que tratávamos, isto é, àquela alma que deixamos no seu grandíssimo penar. Esse auge não dura muito: três ou quatro horas no máximo, segundo me parece; porque, se mais durasse, impossível seria suportá-lo a fraqueza natural, a não ser por milagre. A pessoa de quem falo, aconteceu não se prolongar mais de um quarto de hora, e deixá-la feita em pedaços. Verdade é que dessa vez perdeu de todo os sentidos, tal o rigor com que foi acometida. Estando a conversar no último dia das festas de Páscoa da Ressurreição, tendo-as passado todas em grande secura, quase sem entender que a Igreja as celebrava, sobreveio-lhe, só de ouvir uma palavra sobre a duração demasiada da vida.² Ninguém julgue que se possa resistir. E' tão impossível como se uma pessoa metida em uma fogueira quisesse tirar à chama o calor e o poder de queimar. Não é sentimento que com dissimulação possa calar sem que os presentes entendam o grande risco de vida em que está, embora não saibam o que lhe vai no interior. Não deixa, na verdade, de achar neles alguma companhia, mas é como se fossem sombras; e o mesmo lhe parecem todas as coisas da terra.

E' possível, neste ponto, despertar-se em nós a fraqueza natural, — como vou dizer-vos, para o entenderdes se algum dia vos acontecer. Dá-se este caso:

2) Relação XV. (V. Apêndice III).

alguma vez, estando a alma, como vistes, morrendo do desejo de morrer, de repente a aperta esta pena a tal ponto que lhe parece quase nada faltar para sair do corpo. E eis que verdadeiramente se põe a temer, e quisera ver afrouxar-se o tormento, pelo receio de se lhe acabar a vida. Bem se deixa entender ser tal temor proveniente da fraqueza natural, pois por outra parte não a deixam suas ânsias; nem é possível haver remédio que lhe mitigue esta pena, até que lha tire o mesmo Senhor. Termina, quase ordinariamente, com um arroubamento grande ou com alguma visão onde o verdadeiro Consolador a consola e fortalece para que consinta em viver todo o tempo que for de sua divina vontade.

Coisa penosa é esta, mas dela conserva a alma grandísimos efeitos e perde o medo a quaisquer trabalhos que lhe possam sobrevir, pois todos lhe parecem nada em comparação do sentimento tão doloroso que experimentou em seu interior. Fica tão aproveitada, que gostaria de padecê-lo muitas vezes. Mas também isto de nenhum modo é possível; nem há meio de torná-lo a sofrer, até que o queira o Senhor, assim como não o há para resistir-lhe ou para interrompê-lo quando vem. Sente-se com muito maior desprezo do mundo que antes, vendo como nenhuma coisa dele pode valer-lhe naquele tormento; muito mais desapegada das criaturas, pela experiência de que só o Criador é capaz de consolar e fartar a alma; e com maior temor e cuidado de não o ofender, porque vê que, assim como consola, também pode atormentar.

Duas ocasiões há neste caminho espiritual, a meu parecer, que são perigo de morte. Uma é esta pena, onde verdadeiramente há risco, e não pequeno; outra, o gozo e deleite excessivo em tão grandíssimo extremo, que realmente parece a alma desfalecer e só lhe faltar um pouquinho para acabar de sair do corpo: e na verdade não seria pouca a sua dita! Por aqui, vereis, Irmãs, se tive motivo para vos dizer que é preciso ânimo; e quão justamente o Senhor, quando

lhes pedirdes estas coisas, vos perguntará, como aos filhos de Zebedeu, se podeis beber o seu cálice.'

Todas nós, creio, Irmãs, responderemos que sim. E com muita razão, porque Sua Majestade dá esforço aos que vê necessitados. Em tudo defende essas almas; responde por elas nas perseguições e maldições como fazia pela Madalena; por obras, se não por palavras; e por fim, antes que morram, lhes paga tudo por junto, como agora ides ver. Seja Ele para sempre bendito, e louvem-no todas as criaturas. Amém.

3) Cf. Mt 20, 22. Potestis bibere calicem, quem ego bibiturus sum?

SÉTIMAS MORADAS.

CONTÉM QUATRO CAPÍTULOS.

CAPÍTULO I

Trata das mercês grandes que faz Deus às almas quando chegam a entrar nas sétimas moradas. Diz como, a seu parecer, há alguma diferença entre a alma e o espírito, conquanto sejam a mesma coisa. Há pontos notáveis.

Parecer-vos-á, Irmãs, que depois de tanto discorrer sobre este caminho espiritual, não é possível restar por dizer alguma coisa. Que desatino seria pensá-lo! A grandeza de Deus não tem termo, e tão pouco o terão as suas obras. Quem acabará de contar suas misericórdias e maravilhas? E' impossível, e assim não vos espanteis do que está dito e ainda se vai dizer, pois é uma cifra em comparação do que se poderia contar de Deus. Muita misericórdia nos faz Ele quando comunica tais segredos a alguma pessoa pela qual as possamos vir a saber, pois, quanto mais soubermos que se comunica às criaturas, mais louvaremos sua grandeza, e procuraremos ter mais estima por estas almas com as quais tanto se deleita o Senhor. Cada uma de nós tem a sua, mas, porque não a prezamos como merece criatura feita à imagem de Deus, não entendemos os grandes segredos que nela existem. Praza a Sua Majestade, se for servido, dirigir por mim a pena e dar-me a entender como vos hei de explicar o muito que resta dizer do que Deus revela a quem introduz nesta morada. Bastante o tenho supplicado a Sua Majestade, pois sabe como é minha intenção que não estejam occultas suas misericórdias, a fim de que mais louvado e glorificado seja o seu Nome.

Esperança tenho de que, não por mim, senão por vós, Irmãs, me há de fazer esta mercê, para que vos compenetreis de quanto importa não haver impedimento de vossa parte para celebrar o Esposo com vossas almas este espiritual matrimônio que traz consigo tantos bens, como ides ver. O' grande Deus! justo é que trema uma criatura tão miserável como eu, ao tratar de assunto tão superior a todo o meu merecimento e compreensão! Na verdade me tenho sentido sumamente confusa, pensando: não será melhor resumir em poucas palavras esta morada? Não irão imaginar que o sei por experiência? Isto me causa grandíssima vergonha e é terrível coisa, conhecendo-me eu por quem sou. Por outra parte, pareceu-me que seria tentação e fraqueza, sejam quais forem os juízos que fizerdes a este respeito. Seja Deus louvado e conhecido um pouquinho mais, e grite contra mim todo o mundo! Aliás talvez esteja eu morta quando vierdes a ler estas linhas. Bendito seja Aquele que vive e viverá para sempre! Amém.

Quando é Nosso Senhor servido de ter piedade do que padece e padeceu com suas ânsias esta alma, que já sobrenaturalmente tomou por esposa, mete-a, antes de se consumir o matrimônio espiritual, em sua morada, que é esta sétima. De fato, deve Sua Majestade ter em nós, assim como no Céu, um lugar de descanso onde só Ele more. Podemos chamá-lo outro céu. Sim, Irmãs, muito nos importa não pensarmos que a alma seja tenebrosa; pois, como não a vemos, geralmente deve parecer-nos que fora desta luz material não há outra interior, e que, portanto, dentro de nós reina alguma escuridão. Assim é realmente naquela que não tem a graça santificante, também eu o confesso; e não por falta do Sol de Justiça, que nela está, dando-lhe o ser, senão por ser incapaz de receber a luz. Julgo ter dito, na primeira morada, que a uma pessoa foi dado a entender' que estas desditosas almas estão como em escuro cárcere, cegas e mudas,

1) Relação XXIV. (V. Apêndice I).

atadas de pés e mãos, incapazes de fazer algum bem que lhes aproveite para merecerem. Com razão devemos compadecer-nos, e lastimá-las considerando que em algum tempo nos vimos assim, e que também com elas pode o Senhor usar de misericórdia.

Tomemos, Irmãs, particular cuidado de lho suplicar e não nos descuidemos disto, pois é grandíssima esmola rogar pelos que estão em pecado mortal. Muito maior piedade devemos ter do que se vissemos um cristão amarrado a um poste, as mãos atadas para trás por fortíssima cadeia, morrendo à fome, não por falta de comida, pois tem junto de si os mais delicados manjares, mas porque os não pode tomar e levar à boca pelo total fastio; e está prestes a expirar, e será sua morte não temporal, mas eterna. Não seria grande crueldade se o ficássemos olhando sem lhe chegar à boca o alimento? E que seria se por vossa oração lhe caíssem das mãos as cadeias? Bem vedes o que deveríeis fazer. Por amor de Deus vos rogo: em vossas orações lembrai-vos sempre dos que estão em semelhante estado.

Mas aqui não tratamos desses, senão dos que já, pela misericórdia de Deus, têm feito penitência de seus pecados e se acham em estado de graça. Não devemos, por conseguinte, considerá-los como metidos num canto, ou limitados, senão como um mundo interior onde cabem tantos e tão lindos aposentos, segundo tendes visto. E é razão que assim seja, pois dentro da alma há morada para Deus. Quando, pois, é Sua Majestade servido de lhe fazer mercê deste divino matrimônio, primeiramente a introduz na própria mansão onde Ele habita. E quer Sua Majestade que não seja como de outras vezes, quando lhe concedia arroubamentos semelhantes, nos quais, assim como também na oração chamada de união, bem creio a unia consigo, mas não era a alma tão chamada a entrar em seu centro, como aqui nesta morada; tudo se passava na parte superior. Isto não importa muito: seja de um ou de outro modo, o Senhor então a unia

a Si, mas era, como aconteceu a São Paulo em sua conversão², fazendo-a cega e muda e tirando-lhe o sentimento, a compreensão e a vista daquela mercê de que estava gozando. Com efeito, o grande deleite que então experimenta a alma, é de se ver perto de Deus, mas nessa união ela nada entende, porque as potências se perdem todas.

Aqui é de outra maneira. Quer já nosso bom Deus tirar-lhe as escamas dos olhos e dar-lhe a ver e entender parte da mercê que lhe faz, conquanto de modo estranho. Introduzida naquela morada, por visão intelectual, mediante certa maneira de representação da verdade, mostra-se a ela a Santíssima Trindade — Deus em três Pessoas — com um incidimento que primeiro lhe atinge o espírito, como nuvem de grandíssima claridade. Vê a distinção que existe entre as Divinas Pessoas, e, por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com grandíssima verdade serem todas três uma substância, e um poder, e um saber, e um só Deus. Desta maneira, o que pela fé cremos, ali o entende a alma, a modo de dizer, por ter visto, conquanto não o haja contemplado com os olhos do corpo nem com os da alma, pois não é visão imaginária. Aqui se lhe comunicam todas três Pessoas, e lhe falam, e lhe dão a compreender aquelas palavras do Senhor no Evangelho, quando disse que viria Ele com o Pai e o Espírito Santo a morarem na alma que o ama e guarda os seus mandamentos.³

Oh! valha-me Deus! Quão diferente coisa é ouvir estas palavras e crê-las, ou entender por esta via sobrenatural quão verdadeiras são! E cada dia se admira mais esta alma, porque lhe parece que as Pessoas Divinas nunca mais se apartaram dela; antes, notoriamente vê, que, do modo sobredito, as tem em seu interior, no mais, mais íntimo, num abismo muito fun-

2) Cf. At 9, 8.

3) Jo 14, 23. Si quis diligit me, sermonem meum servabit, et Pater meus diliget eum, et ad eum veniemus et mansionem apud eum faciemus.

do; e não sabe dizer como é, porque não tem letras, mas sente em si esta divina companhia.

Imaginareis que, sendo assim, não andaré em seus sentidos, senão tão embebida que não possa aplicar-se a nada. Pois eu vos digo que o pode, e muito mais que antes, em tudo o que é serviço de Deus, e, em terminando as occupaões, se queda com aquela agradável companhia. Se esta alma não faltar a Deus, Ele jamais lhe faltará, a meu parecer, dando-lhe sempre a conhecer claramente a sua presença. E tem ela grande confiança de que não a deixará Deus, pois, tendo-lhe feito tal mercê, não permitirá que a perca; e, é justo pensar assim. Contudo, não deixa de andar com mais cuidado que nunca, a fim de em nada desagradar ao Senhor.

O trazer em si esta presença, entenda-se: não é de modo tão completo, isto é, tão claramente como se lhe manifesta da primeira vez e de algumas outras em que apraz a Deus fazer-lhe este regalo; porque de outro modo, ser-lhe-ia impossível cuidar de qualquer coisa, e até mesmo viver como os demais homens. Contudo, embora não seja com luz tão clara, sempre vê que se acha na companhia do Senhor. E', digamos assim, como alguém que estivesse num aposento muito claro com outros companheiros, e de repente fechassem as janelas deixando-o na escuridão; por falta de luz não poderia vê-los, e até voltar a claridade não os enxergaria, mas nem por isso deixaria de ter certeza de estarem ali. Será razoável perguntar: em voltando a luz, pode também a alma, quando quer, tornar a ver as Pessoas Divinas? Isto absolutamente não está em suas mãos: depende de dignar-se Nosso Senhor abrir-lhe a janela do entendimento. Já muita misericórdia lhe faz em nunca se apartar dela e permitir que o entenda com tanta evidência.

Parece querer aqui a Divina Majestade dispor a alma para mais, por meio desta admirável companhia; pois, está claro, será grande auxílio para que ela em tudo se adiante na perfeição e perca o temor que sen-

tia algumas vezes ao receber as outras mercês, conforme ficou dito. E, de fato, em tudo se achava ter progredido aquela pessoa. Parecia-lhe que o essencial de seu espírito jamais se apartava daquele aposento, por mais trabalhos e negócios que houvesse. E assim, de algum modo, tinha a impressão de andar dividida; e, estando em grandes trabalhos, que pouco depois de lhe fazer Deus esta mercê lhe sobrevieram, queixava-se de sua própria alma, à semelhança de Marta quando se queixou de Maria ⁴, e dizia-lhe por vezes: como estava ela sempre gozando daquela quietação a seu prazer, deixando-a em tantos trabalhos e ocupações, sem lhe fazer companhia?

Isto vos parecerá desatino, filhas, mas verdadeiramente assim acontece e, embora se entenda bem que a alma está toda junta, não é fantasia o que afirmo, antes é muito comum. Por isso dizia eu que em nosso interior experimentamos certas operações pelas quais se entende haver certamente alguma diferença, e bem sensível, entre a alma e o espírito, por mais que sejam uma só coisa. Algumas vezes agem de modo tão diverso, segundo o deleite que lhes confere o Senhor, que se conhece haver entre eles uma divisão muito sutil. Também me parece que a alma não é o mesmo que as potências: há alguma distinção. São tais os mistérios que existem, e tão delicados, no interior, que seria atrevimento meu ousar declará-los. No Céu o veremos se o Senhor nos fizer mercê, por sua misericórdia, de nos levar ao seu Reino, onde havemos de entender estes segredos.

4) Cf. Lc 10, 40.

CAPÍTULO II

Prosegue no mesmo assunto. Diz a diferença que existe entre união espiritual e matrimônio espiritual. Explica-o por meio de delicadas comparações.

Vamos tratar agora do divino e espiritual matrimônio, conquanto esta grande mercê não atinja, creio eu, a sua plenitude e perfeição enquanto estamos nesta vida, pois, se a alma ainda se apartasse de Deus, perderia tão imenso bem. Quando faz Deus pela primeira vez esta mercê, apraz a Sua Majestade mostrar-se por visão imaginária de sua Humanidade Sacratíssima, para que o entenda bem a alma e não fique na ignorância de que lhe é outorgado tão soberano dom. A outras pessoas será por outra forma; a esta de quem falamos, em acabando de comungar, se representou o Senhor, em figura de grande resplendor, beleza e majestade, como depois da Ressurreição. Disse-lhe que já era tempo de que os interesses divinos tomasse ela por seus, e Ele teria cuidado dos dela; e acrescentou outras palavras mais fáceis de gozar que de repetir. ¹

Parecerá não haver aqui novidade, pois de outras vezes já se lhe havia representado o Senhor pela mesma maneira. E, entretanto, foi tão diferente, que a deixou bem desatinada e cheia de temor; de uma parte, pela grande força desta visão; de outra, pelas palavras referidas, e também porque no interior de sua alma, onde se lhe representou, jamais tivera outras visões, a não ser a passada. Entendei bem: há grandíssima diferença entre todas as graças precedentes e as desta morada, e tão enorme distância entre o desponsório e o matrimônio espiritual, como entre os meramente desposados e os que já se não podem apartar.

Segundo já vos tenho dito, uso destas comparações por não achar outras melhores, mas entendei

1) Relação XXXV. (V. Apêndice IV. Tomo V).

bem que nem há lembrança de corpo; é como se a alma estivesse fora dele e fosse unicamente espírito. No matrimônio espiritual ainda mais, porque se realiza esta secreta união no centro mais íntimo da alma, onde, penso, está o mesmo Deus, que não tem necessidade de porta para aí entrar. Digo que não é preciso porta, porque em tudo quanto ficou referido mais atrás, parece que os sentidos e potências servem de intermediários; mesmo nas aparições da Humanidade do Senhor, ainda deve ser assim, creio eu. Mas o que se passa na união do matrimônio espiritual é muito diferente: aparece o Senhor no mesmo centro da alma, em visão não imaginária mas intelectual, ainda mais delicada que as outras; assim como apareceu aos Apóstolos, fechadas as portas, e lhes disse: "Pax vobis!"² E' um segredo tão grande e uma tão subida mercê o que ali comunica Deus à alma em um instante, e tal o grandíssimo deleite experimentado, que não sei usar de comparação: dir-se-ia quer o Senhor manifestar-lhe naquele momento a glória do Céu, por mais alta maneira que em nenhuma outra visão ou gosto espiritual. Não se pode dizer senão que, tanto quanto se pode entender, fica a alma, ou antes o seu espírito feito uma só coisa com Deus; pois, sendo também espírito, Sua Majestade quis mostrar o seu amor para conosco em dar a entender a algumas pessoas até onde chega esse mesmo amor, a fim de louvarmos sua grandeza. por se ter dignado unir-se a uma criatura a tal ponto que não se quer apartar mais dela, assim como os esposos, que já se não podem apartar.

O desposório espiritual é diferente; até aí podem separar-se, e na união também, como acontece muitas vezes; pois, ainda que unir seja tomar duas coisas e juntá-las de modo a fazerem só uma, contudo podem apartar-se depois e subsistir cada uma de per si. De fato, ordinariamente essas outras mercês do Senhor passam depressa, deixando a alma sem aquela companhia, isto é, sem ter consciência dela. Nesta última

2) Jo 20, 21. A paz seja convosco!

mercê, não, porque sempre se queda a alma com seu Deus naquele centro. Comparemos a união a duas velas de cera perfeitamente juntas que dão uma só luz; ou ao pavio, à luz e à cera que formam um único círio; contudo, é possível apartar uma vela da outra, de modo a ficarem duas, ou também separar da cera o pavio. Aqui, porém, é como água do céu que jorrandando sobre um rio ou fonte, incorpora-se a ele totalmente, a ponto de não se poder já dividir ou apartar, nem saber qual a água do rio e qual a do céu; ou como um pequenino arroio que se lança no mar, de onde não há mais meio de retirá-lo; ou como uma grande luz que, entrando num aposento por duas janelas, embora entre dividida, se torna uma só luz.

E' isto, porventura, o que diz São Paulo: "O que se arrima e chega a Deus, faz-se um espírito com Ele"³, referindo-se a este soberano matrimônio, no qual se pressupõe já ter chegado Sua Majestade a alma a Si por meio da união espiritual. Também diz ele: "Mihi vivere Christus est, mori lucrum".⁴ O mesmo, parece-me, pode dizer a alma aqui, pois é então que morre a mariposinha de que falamos, e com grandíssimo gozo porque já sua vida é Cristo.

Melhor se entende isto, com o andar do tempo, pelos efeitos, porque se vê claramente ser Deus quem dá vida à alma por umas secretas aspirações, muitíssimas vezes tão vivas, que de nenhum modo pode haver dúvida. Sente-as muito bem a alma, embora não as saiba exprimir, e é tanto este sentimento, que faz brotar em certas horas umas palavras de ternura que, parece, não pode deixar de dizer: "O' vida de minha vida, e sustento que me sustentas! E outras exclamações semelhantes. E' que daqueles peitos divinos⁵ onde dirse-ia está sempre Deus sustentando a alma, brotam uns veios de leite que a toda a guarnição do castelo deixam confortada. Parece querer o Senhor fa-

3) 1 Cor 6, 17. Qui adhaeret Domino, unus spiritus est.

4) Filip 1, 21. Para mim o viver é Cristo, e o morrer, lucro.

5) Cf. Isaías 66, 11.

zer toda a gente dele tomar parte de algum modo no muito que está fruindo a alma; e determina que daquele rio caudaloso onde se lançou aquela fontezinha tão pequena, corra algumas vezes um regato para sustento dos que materialmente hão de servir a estes dois desposados. E assim como uma pessoa que está descuidada sentiria a água se a mergulhassem nela de repente, e não poderia deixar de senti-la, do mesmo modo, e ainda com mais certeza, se entendem estas operações a que me refiro. Com efeito, não poderia jorrar perto de nós um grande jato de água sem provir de algum manancial; assim também, repito, claramente conhece a alma ter dentro de si quem lhe arroja as setas que a traspassam; quem se tornou a vida de sua vida e o sol de onde procede essa fulgurante luz que do interior lhe dardeja sobre as potências. Quanto a ela, segundo vos disse, não se aparta daquele centro nem perde a paz, porque Aquele mesmo que a deu aos Apóstolos quando estavam reunidos⁶, é poderoso para lha comunicar.

Tem-me vindo ao pensamento que esta saudação do Senhor devia ser muito mais poderosa do que se pode entender pelo que soa ao ouvido. O mesmo penso de quando o Senhor disse à gloriosa Madalena que se fosse em paz.⁷ Com efeito, a palavra do Senhor, que age em nós como obras, de tal maneira devia atuar naquelas almas já tão bem dispostas, que, apartando delas tudo quanto, de certo modo, era ainda corpóreo, as deixasse como puros espíritos, aptas para se juntarem nesta união celestial com o Espírito incriado; pois é muito certo que, se nos esvaziarmos de todas as criaturas e nos desapegarmos delas por amor de Deus, o mesmo Senhor nos encherá de Si. E' por isso que, orando uma vez Jesus Cristo Nosso Senhor por seus Apóstolos — não sei onde, — pediu que eles fossem uma só coisa com o Pai e com Ele, como Jesus Cristo Nosso Senhor está no Pai, e o Pai

6) Jo 20, 19.

7) Lc 7, 50.

nele.⁸ Não sei que maior amor pode haver que este! E nesta súplica entramos todos nós, pois disse Sua Majestade: "*Não rogo só por eles, senão por todos aqueles que também hão de crer em mim*".⁹ E ainda: "*Eu estou neles*".¹⁰

Oh! valha-me Deus! que palavras tão verdadeiras! E quão bem as entende a alma, que, nesta oração, as vê por si! E como as entenderíamos todas nós se não lhes puséssemos obstáculo por nossas culpas, pois as palavras de Jesus Cristo nosso Rei e Senhor não podem faltar! Nós, porém, faltamos de nossa parte com a necessária disposição, que é o apartamento de tudo quanto pode embaraçar esta luz, e por isso não nos vemos neste espelho que contemplamos, no qual está esculpida a nossa imagem.

Tornemos ao que íamos dizendo. Em metendo o Senhor a alma nesta morada sua, que é aquele centro mais profundo da mesma alma, — assim como dizem que o céu empíreo onde Nosso Senhor está não se move como os demais¹¹, — assim também desde a entrada parecem cessar nela, de modo a lhe poderem causar prejuízo ou tirar a paz, os movimentos ordinários das potências e da imaginação. Não quero dizer, como talvez penseis, que apenas chega a alma a receber de Deus esta mercê, está segura de sua salvação e livre de tornar a cair. Não digo tal; e sempre que em qualquer lugar me referir a este gênero de segurança em que a alma parece estar, fique bem entendido: é enquanto a Divina Majestade assim a tiver de sua mão, e ela não ofender a Deus. Pelo menos sei com certeza que, embora se veja nesse feliz estado, e nele permaneça há vários anos, não se tem por segura; pelo contrário, anda com muito mais temor que antes, e com extremo cuidado de guardar-se de qualquer pequena ofensa de Deus. Tem tão grandes desejos de servi-lo como se dirá adiante, e sente

8) Jo 17, 21.

9) Jo 17, 20.

10) Ibid 17, 23.

11) Assim pensavam no tempo de Santa Teresa.

ordinariamente pena e confusão ao ver quão pouco faz e a quanto está obrigada, o que é não pequena cruz, senão grande penitência. Quanto às austeridades corporais, quanto maiores, mais deleite lhe causam. Os verdadeiros rigores para ela são as ocasiões em que Deus lhe tira a saúde e forças e possibilidade de fazer penitência. Embora em outra parte já me tenha referido ao grande sentimento que isso lhe causa, aqui é muito maior, e tudo lhe deve vir de onde tem plantadas as suas raízes. Assim como a árvore junto à corrente das águas tem mais frescor e dá mais frutos, — serão de maravilhar os anseios desta alma, se o seu verdadeiro espírito está feito um com a água celestial de que falamos?

Tornando ao que vos dizia, não quero afirmar que as potências, sentidos e paixões estejam sempre nessa paz: a alma sim, está. Nas moradas inferiores, porém, não deixa de haver tempos de guerra, trabalhos e aflições; mas são de maneira que não a fazem arredar de sua quietação e de seu posto: assim acontece ordinariamente. Este centro de nossa alma, ou este espírito, é coisa tão dificultosa de exprimir, e até mesmo de crer, que receio, Irmãs, dar-vos alguma tentação de não acreditardes em minhas palavras, por não me saber eu explicar. Com efeito, dizer que há trabalhos e penas e que a alma está em paz, é uma verdade que não se impõe facilmente. Quero apresentar-vos uma ou duas comparações para melhor me dar a entender. Praza a Deus o consiga; mas ainda no caso de ninguém me crer, sei que é verdadeira a minha afirmação.

Está o Rei no seu palácio, e há muitas guerras no seu reino e muitas ocorrências penosas, mas nem por isso deixa ele de se manter em seu posto. Assim é aqui: ainda quando se agitam nas outras moradas os reptis peçonhentos, e surgem complicações e barafundas, causando ao ouvido borbórinho, nada entra nesta última, nem dela arranca a alma. Os rumores que ouve, embora lhe dêem alguma pena, não é de

ra e glória de Deus. Para este fim, de muito boa vontade exporia a vida.

Nem por isso imagineis, filhas, que se descuide totalmente de comer e dormir, — o que constitui para ela não pequeno tormento, — e de cumprir todas as obrigações pertencentes a seu estado. Refiro-me apenas ao que experimenta no interior; pois sobre obras exteriores pouco há que dizer, e antes é justamente a sua pena o ver que nada consegue com as suas minguadas forças. Tudo o que pode e entende ser do serviço de Nosso Senhor, não o deixaria de fazer por coisa alguma da terra.

O segundo efeito é um desejo grande de padecer, que, entretanto, não lhe causa inquietação, como costumava; porque uma alma chegada a este ponto tem ânsias tão extremas de que nela se cumpra a vontade de Deus, que acha bom tudo quanto Sua Majestade faz: se lhe quiser enviar padecimentos, sejam benvindos; se o não quiser, não fica desolada como antes.

Têm também estas almas grandíssimo gozo interior quando são perseguidas, com muito maior paz do que já ficou dito e sem alguma inimizade contra os que lhes fazem ou desejam fazer mal; antes, pelo contrário, lhes cobram particular amor. Se vêem a seus perseguidores em algum trabalho, ternamente sentem, e de muito boa vontade o tomariam para si a fim de os livrar; sempre, de coração, os encomendam a Deus, e gostariam de privar-se em parte das mercês divinas para que Sua Majestade as comunicasse a eles, a fim de não ofenderem mais a Nosso Senhor.

Eis, porém, o que me espanta mais que tudo. Já tendes visto os trabalhos e aflições em que andavam, pelas ânsias de morrer a fim de gozarem de Nosso Senhor. Agora, tão grande desejo têm de o servir e de contribuir para a sua glória e de aproveitar a alguma alma, se assim lhes fosse dado, que não só não desejam morrer, mas quiseram viver muitíssimos anos, padecendo gravíssimos trabalhos, se houvesse esperança de, por seu meio, ser o Senhor louvado, ainda

modo a inquietá-la e tirar-lhe a paz; porque tão vencidas estão já as paixões, que não ousam ali entrar, sabendo que sairão mais rendidas. Temos dor em todo o corpo; mas se a cabeça está sã, nem por nos doer o corpo nos doerá a cabeça. Estou rindo destas comparações, porque não me satisfazem, mas não me ocorrem outras. Pensai como quizerdes; mas é verdade o que vos disse.

CAPÍTULO III

Trata dos grandes efeitos causados pela dita oração. Cumpre considerá-los atenta e cuidadosamente, porque é admirável a diferença entre estes e os que são produzidos pelas graças anteriores.

Como ficou dito, morreu a nossa mariposinha, com grandíssima alegria de ter achado repouso; nela já vive Cristo. Vejamos qual é agora o seu viver, ou que diferença há de quando era ela quem vivia; porque pelos efeitos veremos se é verdadeiro o que afirmei. Tanto quanto me é dado entender, são os que vou referir.

O primeiro é esquecimento de si, a ponto de parecer que já não tem existência própria, como ficou dito. Toda ela está de tal maneira, que não se conhece, nem se lembra se lhe há de caber Céu, nem vida, nem honra, porque totalmente se emprega em promover a glória de Deus. Bem se deixa ver como as palavras que ouviu de Sua Majestade: — “Zela a minha honra, que eu zelarei a tua”¹ — nela atuaram eficazmente, como obras. E é assim que de tudo quanto pode suceder não tem cuidado; está num olvido estranho. Parece, repito, que já não tem ser, nem o quisera ter em nada, exceto quando entende que de algum modo pode contribuir para aumentar um pouquinho a hon-

1) Ver Relação XXXV. (V. Apêndice IV).

na mínima circunstância. E se com certeza soubessem que, em saindo do corpo a alma, logo iriam gozar de Deus, não se moveriam a querê-lo; nem pensam na glória que têm os Santos, nem por enquanto desejam ver-se nela. A glória que unicamente cobizam é poder ajudar de algum modo o Crucificado, sobretudo quando vêem que é tão ofendido e tão poucos há que deveras zelem a honra de Deus, desapegados de tudo o mais.

Verdade é que, algumas vezes, de tudo se esquecem e voltam com ternura aos anseios de gozar de Deus e sair deste desterro, especialmente à vista de quão pouco o servem; mas logo tornam às disposições primeiras, e, considerando que de modo contínuo o possuem, contentam-se com isto e oferecem a Sua Majestade a aceitação da vida, como a oferenda mais custosa que lhes poderiam fazer. Nenhum temor sentem da morte: é como se fosse para elas um suave arroubamento. O próprio Senhor que lhes dava aqueles desejos com tormento tão excessivo, lhes dá agora estes outros. Seja para sempre bendito e louvado!

Enfim, os anelos dessas almas já não são de regalos nem de gostos, pois têm consigo ao mesmo Senhor, que nelas vive agora. Claro está que a existência de Sua Majestade na terra não foi senão um contínuo tormento, e assim faz Ele que seja também a nossa ao menos pelos desejos, pois no resto leva em conta a nossa fraqueza, conquanto nos comunique muito de sua força divina quando vê que é necessário. Vivem em grande desapego de todas as coisas, desejando estar sempre ou sós ou ocupadas no proveito espiritual de alguma alma. Não há securas nem trabalhos interiores, senão uma contínua lembrança de Nosso Senhor, com tal ternura que desejariam nunca interromper seus louvores. Quando há algum descuido, o mesmo Senhor as desperta do modo acima dito; e vê-se clarissimamente que procede aquele impulso — ou não sei como chame — do interior da alma, segundo ficou dito a respeito dos ímpetos. Aqui

é extrema a suavidade, e não procede do pensamento nem da memória, nem é de modo que pareça prestar a alma o seu concurso. Isto é tão ordinário e tão frequente que se pode observar com bastante atenção. Assim como um fogo lança a labareda para cima, e não para baixo, por mais aceso que o imaginemos, assim bem se entende que este movimento interior procede do centro da alma e desperta as potências.

Por certo, ainda quando não houvesse outro proveito neste caminho da oração, a não ser entendermos o particular cuidado com que Deus se comunica a nós e nos solicita com seu amor para que estejamos com Ele — pois não parece outra coisa, — tenho por bem empregados todos os trabalhos possíveis, a troco de gozarmos desses toques de seu amor, tão suaves e penetrantes. Isto já tereis experimentado, Irmãs, porque penso: quando se chega a ter oração de união, anda o Senhor com este cuidado, se da nossa parte não nos descuidamos de guardar seus mandamentos. Quando assim vos acontecer, recordai-vos: é desta morada interior onde está Deus em nós, que vêm esses toques, e louvai-o muito, porque, não há dúvida, é seu aquele recado ou bilhete escrito com tanto amor, e quer que só vós entendais aquela letra e o que por ela vos pede. E nunca deixeis de responder a Sua Majestade, ainda que estejais ocupadas exteriormente ou em conversação com algumas pessoas; pois acontecerá muitas vezes querer Nosso Senhor fazer-vos em público esta secreta mercê. Qual deva ser a resposta interior, é muito fácil: fazei um ato de amor, como vos disse, ou perguntai a exemplo de São Paulo: “Senhor, que quereis que eu faça?”² De muitas maneiras vos ensinará então vosso Mestre como haveis de agradar-lhe; e é tempo aceitável, pois Ele parece dar a entender que nos ouve, e quase sempre dispõe a alma por meio desse toque tão delicado para ser capaz de fazer com ânimo resoluto o que lhe é agradável.

A diferença que há aqui nesta morada é, pois,

2) At Ap 9, 6.

esta: quase nunca há securas nem perturbações interiores, como havia de tempos a tempos em todas as outras. A alma está em quietação quase contínua. Não receia que tão subida mercê possa provir de engano diabólico, e tem certeza constante que vem de Deus, porque, segundo ficou dito, aqui não têm entrada os sentidos e potências. Descobriu-se Sua Majestade à alma e meteu-a consigo onde, a meu parecer, não ousarão entrar os demônios, nem tal permitirá o Senhor; e todas as mercês que lhe faz, são sem nenhum concurso dela, a não ser a entrega radical que de si já fez a Deus.

E' com tanta quietação e tão sem ruído tudo quanto o Senhor aqui ensina e comunica à alma, que me faz pensar na fábrica do templo de Salomão³, em que não se devia ouvir estrondo algum; assim neste templo de Deus, nesta morada sua, só Ele e a alma se gozam, com grandíssimo silêncio. Não tem mais o entendimento que remexer-se ou buscar presa; o Senhor que o criou, o quer sossegar aqui, e apenas por uma frestinha admite-o a espreitar o que se passa. Com efeito, ainda que por vezes não lho seja permitido e o perca de vista, é pouquíssimo o intervalo, pois, a meu parecer aqui as potências não agem mas não se perdem, e estão como espantadas.

Também o estou eu por ver que, em chegando a este ponto, todos os arroubamentos lhe são tirados, — isto é, no que se refere a ficar privada dos sentidos, — a não ser uma vez por outra, e, ainda então, sem aqueles transportes e voos de espírito que tinha. Sobrevém-lhe isto muito raramente, e quase sempre não é em público, como antes lhe acontecia muito de ordinário. Não a tiram mais de si as grandes ocasiões próprias a excitar-lhe a devoção, tais como o ver uma tocante imagem ou ouvir um sermão ou música. Outrora, quase não se podia conter: andava a pobre mariposinha tão ansiosa, que tudo a assustava e fazia voar. Agora, ou é que achou seu repouso; ou porque tais

3) Cf. III Reis VI, 7.

lindezas viu nesta morada que nada mais a espanta; ou porque, gozando de tão divina companhia, já não se acha naquela soledade que costumava sentir. Enfim, Irmãs, ignoro qual seja a causa, mas em começando o Senhor a mostrar o que há nesta morada e metendo ali a alma, sente-se libertada daquela grande fraqueza que tantos vexames lhe causava e da qual jamais se pudera livrar. Será, talvez, que o Senhor já a fortaleceu e dilatou, comunicando-lhe maior capacidade; ou também porque tenha querido manifestar em público as graças que secretamente fazia a estas almas, e isto por certos fins conhecidos de Sua Majestade, pois superam seus juízos tudo quanto aqui podemos imaginar.

Estes efeitos, com todos os demais que dissemos serem bons nos graus precedentes de oração, os opera Deus quando chega a alma a Si, dando-lhe juntamente o ósculo que lhe pedia a Esposa, — pois aqui, a meu ver, se lhe cumpre esta petição. Aqui se dão em abundância as águas a esta corça ferida. Aqui se deleita no tabernáculo de Deus. 'Aqui, à semelhança da pombinha enviada por Noé a examinar se era finda a tempestade, colhe o ramo de oliveira', em sinal de ter achado terra firme por entre as ondas e procelas deste mundo. O' Jesus! quem soubera as muitas passagens da Escritura que dão a entender esta paz da alma! Deus meu, pois vedes quanto ela nos importa, infundi aos cristãos desejos de buscá-la, e àqueles a quem já a concedestes, não lha tireis, por vossa misericórdia; porque, enfim, até que lhes deis a verdadeira paz e os leveis ao reino onde não terá fim, sempre se há de viver com temor. Digo a verdadeira, não que esta o não seja, mas porque poderia tornar a haver guerra como no princípio, se nos apartássemos de Deus.

Mas que sentirão essas almas ao ver que poderiam vir a perder tão grande bem? Esta lembrança as faz andar mais cautelosas, procurando tirar for-

4) Apoc 21, 3. Ecce tabernaculum Dei cum hominibus.

5) Cf. Gên 8, 8, 9.

ças da fraqueza, a fim de não deixarem perder, por culpa sua, nenhuma ocasião de mais agradar a Deus que se lhes possa oferecer. Quanto mais favorecidas de Sua Majestade, com mais receio e temor vivem de si. E, como nessas grandezas divinas mais entenderam suas misérias e por mais graves conhecem os seus pecados, muitas vezes nem ousam levantar os olhos, como o publicano⁶; e outras vezes consomem-se em desejos de se lhes acabar a vida, a fim de se verem seguras. Mas logo tornam, pelo amor que têm a Deus, a querer viver para servi-lo, como fica dito, e fiam de sua misericórdia tudo que lhes diz respeito. Em certos tempos, à vista de tantas mercês, andam mais aniquiladas, pelo temor de que lhes aconteça como a uma embarcação que, por demasiada carga, vai ao fundo.

Asseguro-vos, Irmãs, que não lhes falta cruz; mas nada consegue inquietá-las nem lhes fazer perder a paz. Passam depressa as provações, como certos aguaceiros ou tempestades, e logo torna a bonança, pois a presença do Senhor, que sempre trazem consigo, lhes faz esquecer tudo. Seja Ele para sempre bendito e louvado de todas as suas criaturas. Amém.

CAPÍTULO IV

Termina dizendo qual é, segundo lhe parece, o fim que tem Nosso Senhor em vista ao fazer à alma tão grandes mercês, e como é necessário andarem sempre juntas Marta e Maria. E' muito proveitoso.

Não haveis de pensar, Irmãs, que estas almas experimentem sempre com a mesma intensidade os efeitos sobreditos; não! e, por isso, quando me lembro, digo que assim é *ordinariamente*. De fato, algumas vezes as deixa Nosso Senhor entregues ao seu natural, e então dir-se-ia que se coligam contra elas todos

6) Lc 18, 13.

os reptis venenosos dos arredores e moradas do castelo, para tirar desforra do tempo em que as não puderam molestar.

Verdade é que dura pouco: um dia quando muito, ou pouco mais. Nesse grande motim, que geralmente procede de alguma ocasião extrínseca, vê-se quanto a alma ganha na boa companhia em que vive; porquanto lhe comunica o Senhor perfeita inteireza de ânimo para em nada se apartar do divino serviço e das boas determinações anteriores, as quais até parecem crescer, de modo que ela nem pelo mínimo primeiro movimento vacila em suas disposições. Poucas vezes acontece, repito; mas quer Nosso Senhor que ela não perca a lembrança de quem é por si mesma a fim de que, por um lado, sempre esteja humilde, e, por outro, entendendo mais quanto deve a Sua Majestade e quão grandes são as mercês recebidas, se empregue em louvá-lo.

Também não vos passe pelo pensamento que estas almas, por terem tão fortes desejos e resoluções de não cometer uma imperfeição por coisa alguma da terra, deixem de cair em muitas e até mesmo em pecados, embora não com advertência, pois disto as deve preservar o Senhor com particular auxilio. Quando falo em pecados, refiro-me aos veniais; dos mortais, tanto quanto podem entender, estão livres; mas não se têm por seguras: receiam ter cometido alguns sem compreenderem, e isto deve ser para elas não pequeno tormento. Outro suplicio é a vista das almas que se perdem; e, embora até certo ponto tenham grande esperança de não entrar nesse número, quando se recordam de alguns que, segundo se lê na Escritura, pareciam favorecidos do Senhor, como um Salomão¹, que tanto privou com Sua Majestade, não podem, repito, deixar de atemorizar-se. E aquela entre vós que se vir com maior segurança, essa ande mais temerosa, porque: “Bem-aventurado o varão que teme o Senhor”, diz David.² Sua Majestade nos am-

1) Cf. 3 Reis 11.

2) Sl 111, 1.

pare sempre: suplicar-lhe constantemente que nos assista para jamais o ofendermos, é a maior segurança que podemos ter. Seja Ele para sempre louvado. Amém.

Bom será, Irmãs, dizer-vos com que fim concede o Senhor tantas mercês neste mundo. Se prestastes atenção, já o tereis compreendido pelos efeitos que as acompanham; contudo, quero tornar a dizê-lo aqui, para não vir alguma de vós a pensar que é só com o intuito de regalar essas almas, pois seria grande erro. Com efeito, não nos pode Sua Majestade fazer maior graça do que dar-nos vida semelhante à de seu Filho tão amado; e assim tenho por certo que nos concede estas mercês para fortalecer nossa fraqueza, como já vos disse aqui alguma vez, a fim de o podermos imitar no muito padecer.

Sempre temos visto que os mais chegados a Cristo Nosso Senhor foram os que maiores trabalhos passaram. Consideremos quanto sofreu sua gloriosa Mãe, e assim também os gloriosos Apóstolos. Como foi, disse-me, que teve São Paulo força para aguentar tão grandíssimas tribulações? Por ele podemos ver quais os efeitos da contemplação divina e das visões, quando verdadeiramente procedem de Nosso Senhor. e não da imaginação ou dos enganos do demônio. Porventura escondeu-se com elas, para gozar daqueles regalos, sem mais se ocupar em outra coisa? Já sabeis que não teve dia de descanso, ao que podemos entender; e tão pouco o devia ter de noite, pois velava então para granjear o sustento.' Gosto muito daquela passagem em que São Pedro, tendo fugido do cárcere, viu aparecer-lhe no caminho Nosso Senhor, que lhe disse: "Vou a Roma para ser de novo crucificado". Nunca rezamos o ofício da festa em que se lê isto, sem que eu experimente particular consolo. E como ficou São Pedro depois desta mercê do Senhor? Que fez ele? Foi logo ao encontro da morte. Quando as-

3) 1 Tess 2, 9.

4) No Breviário antigo carmelitano, que então usava Santa Teresa, referia-se esta piedosa crença no dia 29 de Junho, festa de São Pedro.

sim acontece, não é pouca misericórdia do Senhor haver algoz que martirize.

O' Irmãs minhas, como deve estar olvidada de seu descanso e indiferente a toda honra e alheia a qualquer desejo de ser tida em boa conta, a alma onde assiste o Senhor tão particularmente! Sim, porque se ela está muito com Ele, como é razão, pouco se deve lembrar de si. Só pensa em como há de mais contentar o Senhor e em que circunstâncias e por que meios mostrará o amor que lhe tem. Para aqui chegar é que serve a oração, filhas minhas; e o fim deste matrimônio espiritual é que dele nasçam obras, sempre obras.

Esta é a verdadeira prova de ser graça e mercê feita por Deus, como já vos disse. Com efeito, pouco me aproveita estar muito recolhida, na solidão, fazendo atos e afetos a Nosso Senhor, propondo e prometendo executar maravilhas em seu serviço, se, ao sair dali, em se apresentando ocasião, faço tudo ao revés. Digo mal, pois todo tempo que se passa com Deus é de muito proveito; e, embora sejamos fracos em cumprir depois as nossas determinações, alguma vez dará Sua Majestade graça para realizá-las, e até mesmo a contragosto nosso. Com efeito, acontece frequentemente que o Senhor, vendo muito covarde uma alma, lhe envia um grandíssimo trabalho, que ela bem não quisera receber, e fá-la sair vitoriosa; e, daí em diante, essa alma, tendo experimentado o auxílio da graça, vai perdendo o medo e afronta maiores perigos por Ele. Meu pensamento foi que o proveito é pouco em comparação do muito mais que se ganha quando as obras estão de acordo com os afetos e as palavras. Quem não conseguir fazer tudo de uma vez, faça-o gradualmente. Aos pouquinhos vá dobrando sua vontade, se quer tirar fruto da oração. Nos recantos de vossos conventos não faltarão bastantes ocasiões em que vos possais exercitar.

Vede bem que isto tem muito mais importância do que vo-lo sei dizer, por mais que o encareça. Ponde os olhos no Crucificado, e tudo vos parecerá pou-

co. Se nos mostrou Sua Majestade seu amor com obras e tormentos tão estupendos, como quereis vós contentá-lo só com palavras? Sabeis como seremos verdadeiramente espirituais? Fazendo-nos escravas de Deus, marcadas com o ferro da sua Cruz; dando-lhe toda a nossa liberdade, para que a todo o mundo nos possa vender por escravos, como Ele o foi, pois com isto não nos faz nenhum agravo, nem é pequena mercê. Se a isto não vos determinardes, não espereis progredir muito, porque todo este edifício, como já vos disse, tem por fundamento a humildade, e se esta não for muito verdadeira, para vosso próprio bem não quererá o Senhor levantá-lo muito alto, a fim de não virdes a dar com tudo em terra. Portanto, Irmãs, para cavardes sólidos alicerces, procure cada uma ser a menor, a escrava da casa. Buscai meios e modos de causar prazer e prestar serviço a todas, pois o que neste caso fizerdes, mais redundará no vosso proveito que no delas, e assentareis pedras tão firmes, que não vos virá a cair o castelo.

Torno a dizer: para isto é mister que não ponhais vosso fundamento só em rezar e contemplar; porque se não buscardes as virtudes e não vos exercitardes nelas, ficareis sempre anãs. E ainda praza a Deus que o vosso mal seja só não crescer, pois, como já sabeis: quem não cresce, míngua. Sim, porque tenho por impossível que o amor, onde verdadeiramente existe, se resigne a ficar estacionário.

Parecer-vos-á que me refiro aos principiantes, e que depois, com o andar do tempo, já podem descansar. Já vos disse e repito: o sossego interior de que gozam estas almas, é a troca de muito menos sossego no exterior, e, aliás, elas mesmas não o querem ter. Para que são — disse-me — aquelas inspirações de que vos falei, ou, por melhor dizer, aquelas aspirações e mensagens expeditas pela alma, do centro interior em que reside, a toda a gente que guarnece a parte superior do castelo e às moradas que rodeiam a última, onde ela está? Será para que se deitem a

dormir? Não, não, não! Desse seu íntimo, mais guerra faz, aos sentidos e potências e a tudo quanto é corporal a fim de não se entregarem à ociosidade, do que em outros tempos quando andava padecendo com eles; porque então não entendia o lucro tão grande encerrado nos trabalhos, e agora já vê terem sido estes, porventura, os meios pelos quais a trouxe Deus a tão alto estado. A companhia que em si traz, lhe dá forças muito maiores do que nunca. Com efeito, se aqui na terra, como diz David, com os santos seremos santos⁵, é fora de dúvida: estando a alma feita uma só coisa com o Forte por excelência, pela união tão soberana de espírito com espírito, há de participar da fortaleza divina; e assim vemos como têm sido heróicos os Santos, nos padecimentos e na morte.

E' muito certo que, do vigor que naquela união contrai, acode com reforço a toda a guarnição do castelo; e ainda o mesmo corpo muitas vezes parece não lhe servir mais de obstáculo, esforçado como está com as energias que sobre a humana fraqueza redundam do vinho que bebe a alma nessa adega onde a introduziu seu Esposo para não mais a deixar sair; assim como o manjar, embora recebido só no estômago, robustece a cabeça e todos os membros. E, assim, muito má sorte cabe ao corpo nesta vida; pois, por mais que trabalhe, muito maior é a força interior com que lhe faz guerra a alma, a quem tudo parece nada. Deve ter sido esta a origem das grandes penitências que fizeram muitos Santos, em especial a gloriosa Madalena, criada sempre em tanto regalo; e aquela fome que nosso Padre Elias teve da honra⁶ de seu Deus; e o zelo de ganhar almas que tiveram São Domingos e São Francisco, para que o Senhor fosse louvado. E asseguro-vos que não devem ter sofrido pouco, esquecidos, como estavam, de si mesmos.

Isto quero eu, minhas Irmãs, que procuremos alcançar; e, não para nosso gozo mas para termos es-

5) Sl 17, 26. Cum sancto, sanctus eris.

6) Cf. 3 Reis 19, 10.

sas forças no divino serviço, o desejemos e nos ocupemos em oração. Não queiramos seguir caminho não trilhado, que nos perderemos no melhor da festa.⁷ E bem novo seria, se imaginássemos alcançar estas mercês de Deus por estrada diferente da que Ele e todos os seus Santos seguiram. Nem nos passe tal idéia pelo pensamento. Crede-me: sempre hão de andar juntas Marta e Maria para hospedar o Senhor, e trazê-lo a todo instante consigo, e não lhe dar mau tratamento faltando-lhe com a comida. Como lhe dera a refeição Maria, sempre assentada a seus pés, se sua irmã não a ajudasse? O manjar para o Senhor é que, por todos os modos ao nosso alcance, ganhemos almas que se salvem e eternamente o louvem.

Dir-me-eis duas coisas: uma é que, segundo o mesmo Senhor afirmou, Maria escolheu a melhor parte. E' que já tinha feito o ofício de Marta, quando regalou o Senhor, lavando-lhe os pés e enxugando-lhos com seus cabelos.⁸ E pensais que terá sido pouca mortificação, a uma senhora de sua qualidade, ir pelas ruas afora — talvez sòzinha, porque seu fervor não comportava reflexão, — e entrar onde nunca tinha pisado, e sofrer em seguida as murmurações dos fariseus e outros muitíssimos vexames que deve ter encontrado? O fato de uma mulher como ela fazer tal mudança, quanto não terá dado que falar ao povo, sendo gente tão má, como sabemos? Bastava a amizade que tinha ao Senhor, tão aborrecido por todos eles, para apregoarem a sua vida passada, dizendo que pretendia agora ser tida por santa; pois, claro está que logo mudaria de vestido e de tudo o mais. Se ainda agora se fala assim de pessoas menos conhecidas, que seria então? Eu vos digo, Irmãs, que se recebeu a melhor parte, foi depois de muitos trabalhos e tribulações. Ainda que não fora senão o ver tão odiado a seu Mestre, já seria intolerável trabalho. E que dizer dos muitos tormentos que passou depois, na morte

7) No original: Al mejor tiempo.

8) Lc 7, 37, 38.

do Senhor? Tenho para mim que a razão de não ter recebido o martírio, foi porque já o tinha passado ao ver morrer seu Mestre. E os anos que ainda viveu devem ter sido de terrível suplicio, por estar ausente dele. Por aqui se verá que não viveu sempre com os regalos da contemplação aos pés do Senhor.

A outra objeção é que não podeis nem tendes meios para ganhar almas a Deus: de boa vontade o faríeis, mas, não cabendo a vós o ensinar e pregar a exemplo dos Apóstolos, não sabeis como agir. A isto já tenho respondido por escrito mais de uma vez, e, talvez, mesmo neste Castelo.* Como, porém, creio, é dúvida que vos assoma ao pensamento por entre os grandes desejos que vos dá o Senhor, não deixarei de repeti-lo aqui. Já vos disse em outra parte: algumas vezes nos inspira o demônio desejos magnânimos, para que deixemos de lado as ocasiões atuais de servir a Nosso Senhor em obras realizáveis e fiquemos contentes por haver desejado outras impossíveis de executar. Muito fareis com a vossa oração; mas já não falo nisto. Só vos digo uma coisa: não queirais fazer bem a todo o mundo, contentai-vos de o fazer às que estão em vossa companhia; e, deste modo, será tanto maior a obra, quanto mais rigorosa é a obrigação. Julgais pequeno o lucro se praticardes em tanto extremo a humildade, a mortificação, a diligência em servir às outras, uma grande caridade para com as vossas Irmãs e tal amor de Deus que com esse fogo abraseis a todas, e com as demais virtudes sempre lhes sirvais de estímulo? Não é pequeno, senão grandíssimo, e muito agradável serviço ao Senhor; e vendo Sua Majestade que fazeis as obras ao vosso alcance, entenderá que muito mais faríeis se pudésseis, e assim vos dará o prêmio como se lhe tivésseis ganho muitas almas.

Direis que isto não é converter, porque todas aqui são boas. Que tendes com isso? Quanto melhores forem, tanto mais agradáveis serão ao Senhor os seus

9) Cf. Caminho de Perfeição, cap. I e III e Conceitos do Amor de Deus, cap. II e VII.

louvores, e tanto mais aproveitarão aos próximos as suas orações. Enfim, Irmãs minhas, concluo com este pensamento: não façamos torres sem alicerces, pois o Senhor não tanto olha a grandeza das obras, como o amor com que são feitas. Se executarmos o que está a nosso alcance, fará Sua Majestade que vamos podendo cada dia mais e mais. Não nos cansemos logo. No breve tempo desta vida — que talvez dure menos do que pensa cada uma de vós, — ofereçamos interior e exteriormente ao Senhor o sacrifício que estiver em nossas mãos. E Sua Majestade o juntará com a oblação que de Si mesmo fez ao Pai na Cruz por nós, a fim de lhe dar valia, de acordo com o que houvermos merecido pelo nosso amor, embora pequenas sejam as obras.

Praza a Sua Majestade, Irmãs e filhas minhas, nos vejamos todas no seu reino, onde sempre o louvemos e a mim me dê graça para fazer um pouco do que vos digo. Isto lhe suplico pelos méritos de seu Filho, que vive e reina para sempre, sem fim. Amém. Asseguro-vos que escrevo com bastante confusão, e assim vos rogo, pelo mesmo Senhor, não vos esqueçais desta pobre miserável em vossas orações.

J. H. S.

Quando comecei a escrever isto que vai aqui, foi com muita contradição, como disse no principio; mas agora, depois de acabado, sinto grande contentamento e dou por bem empregado o trabalho, o qual, confesso, foi bem pouco. Considerando o muito encerramento e poucas ocasiões de distração que tendes, minhas Irmãs, em vossos mosteiros, com falta de terreno sufficiente em alguns deles, parece-me que achareis consolo em deleitar-vos neste castelo interior, onde sem licença das superiores podeis entrar e passear a qualquer hora.

Verdade é que nem em todas as moradas lograreis entrar por vossas forças — embora imagineis que as tendes grandes, — se o próprio Senhor do castelo não vos introduzir. Por isto, tomai meu aviso: se achardes de sua parte qualquer resistência, não insistais, porque o desgostareis, de maneira que nunca vos deixará entrar nelas. E' muito amigo de humildade. Se vos tiverdes por indignas de merecer o ingresso ainda nas terceiras moradas, mais depressa lhe movereis a vontade para vos admitir às quintas; e de tal modo podeis servi-lo, continuando a frequentá-las muitas vezes, que vos introduza na mesma morada que para Si reservou. Depois de aí admitidas, não a deixeis mais, a não ser a chamado da Priora, cuja vontade quer tanto este grande Senhor que cumprais, como a sua própria. E ainda que vos demoreis fora muito tempo por seu mandado, sempre quando tornardes achareis aberta a porta. Uma vez acostumadas a gozar deste castelo, em todas as coisas achareis descanso, ainda nas mais penosas, pela esperança de lá tornardes, o que ninguém vos pode impedir.

Conquanto não se trate aqui senão de sete moradas, em cada uma destas há muitas outras — por baixo, no alto, dos lados, com lindos jardins e fontes e outras belezas tão deleitosas, que desejareis desfazer-vos em louvores do grande Deus que o criou à sua imagem e semelhança.

Se na ordem que segui para vos dar notícia deste Senhor, achardes algum bem, crede verdadeiramente que foi dito por Sua Majestade para vos causar consolação; quanto ao mal que houver, é todo meu.

Pelo imenso desejo de vos ajudar de algum modo a servir a este meu Deus e Senhor, rogo-vos que, em meu nome, cada vez que isto lerdes, louveis muito a Sua Majestade e lhe peçaes o aumento de sua Igreja, e luz para os luteranos. Para mim supplicai-lhe que me perdoe meus pecados e me tire do Purgatório, onde talvez estarei, pela misericórdia de Deus, quando vos derem a ler isto, se, depois de examinado por letrados, for julgado capaz de ser lido. Se houver algum erro, será por falta de ciência de minha parte. Em tudo me sujeito ao que professa a Santa Igreja Católica Romana, em cuja fé vivo, e protesto, e prometo viver e morrer. Seja Deus Nosso Senhor para sempre louvado e bendito. Amém, amém.

Acabou-se de escrever isto no mosteiro de São José de Ávila, na vigilia de Santo André [29 de Novembro] do ano de 1577, para glória de Deus, que vive e reina para sempre sem fim. Amém.

FIM DAS MORADAS

Apêndice I.

RELAÇÃO XXIV¹

Estando eu uma vez em oração, mostrou-me o Senhor, por extraordinário modo, em visão intelectual, o estado de uma alma na graça de Deus. Vi nela espiritualmente a Santíssima Trindade, de cuja companhia lhe vinha um poder que a tornava senhora de toda a terra. Foi-me dada a compreensão destas palavras dos Cantares: “Veniat dilectus meus in hortum suum, et comedat (fructum pomorum suorum).”²

Mostrou-se-me também o estado de uma alma em pecado mortal: destituída de todo poder, semelhante a uma pessoa totalmente atada e presa, tapados os olhos, incapaz de ver, andar e ouvir, mesmo que o quisesse, e em grande escuridão. Tanta lástima senti das almas que estão assim, que me parece leve qualquer trabalho para livrar ainda uma única. Pensei que a entender isto como eu o vi, seria impossível alguém deliberar-se a perder tanto bem e sujeitar-se a tanto mal.

Apêndice II.

RELAÇÃO LI

Tendo-me acontecido tratar, certo dia, com uma pessoa que muito havia deixado por Deus, pus-me a pensar que eu nunca deixara nada por Ele nem lhe prestara serviço algum, apesar de ^{eu} estar tão obri-

1) As relações de Santa Teresa, em número de sessenta e uma, estão publicadas na íntegra no tomo V.

2) Venha o meu Amado a seu pomar e coma o fruto de suas árvores (Cânt. 5, 1).

gada; e, considerando as numerosas mercês concedidas à minha alma, comecei a afligir-me muito. Disse-me então o Senhor: “Bem sabes os desposórios que há entre mim e ti; em consequência deles, tudo quanto é meu é teu, e, assim, entrego-te todos os meus trabalhos e dores para que em tuas petições possas oferecerê-los a meu Pai como teus próprios”. Embora eu já tivesse ouvido dizer que somos participantes dos merecimentos de Cristo, desde então o compreendi de outra maneira. Pareceu-me ter ficado com grande senhorio, porque a amizade com que esta mercê me foi feita não se pode exprimir. Senti que o Padre havia por bem admitir tal entrega, e, desde que recebi esta graça, olho de modo muito diverso o que padeceu o Senhor; tenho-o por coisa própria, minha, o que me dá grande alento.

Apêndice III.

RELAÇÃO XV

Passei todo o dia de ontem em grande soledade interior. A não ser na hora em que comunguei, nenhum efeito produziu sobre mim a Páscoa da Ressurreição. A noite, enquanto estávamos todas juntas no recreio, cantaram uns versinhos, encarecendo quanto é duro viver longe de Deus. Como eu já estava com aquela mágoa, fez tal operação em meu espírito o canto, que as mãos se me começaram a entorpecer, e, sem poder resistir, minha alma, assim como sai de si pelos arroubamentos de gozo, do mesmo modo se suspendeu pela grandíssima dor e ficou alheia a tudo. Até o dia de hoje não havia eu compreendido este mistério, e mesmo me parecia não ter, de uns tempos para cá, tão fortes ímpetos como costumava. Agora vejo que a causa é a referida; não sei se pode ser. E' que antes a mágoa não chegava a ponto de me fazer sair de mim, e, como era tão intolerável e eu estava em meus sentidos, constrangia-me a dar gran-

des gritos sem que eu o pudesse escusar. Agora, como cresceu tanto, chegou a estes termos de traspasamento e entendo melhor a transfixão de Nossa Senhora, que até agora, repito, não me fora dado entender. Ficou-me tão quebrantado o corpo, que ainda hoje estou escrevendo com bastante custo; pois tenho as mãos doloridas e como desconjuntadas. Quando Vossa Mercê vier ver-me, dir-me-á se pode haver esse arroubamento de dor, e se é real o que sinto, ou estou enganada.

NOTA: Foi no mosteiro de Salamanca, em 1571, que Santa Teresa recebeu este glorioso traspasamento, ao ouvir cantar Irmã Isabel de Jesus, ainda noviça, estas sentidas coplas, das quais damos o original e a tradução:

Véante mis ojos,
Dulce Jesús bueno.
Véante mis ojos,
Muérame yo luego.

Vejam-te meus olhos,
Doce e bom Senhor.
Vejam-te meus olhos,
E morra eu de amor.

Vea quien quisere
Rosas y jazmines,
Que si yo te viere
Veré mil jardines.

Olhe quem quiser,
Rosas e jasmims:
Que eu, com a tua vista,
Verei mil jardins.

Flor de serafines,
Jesús Nazareno,
Véante mis ojos,
Muérame yo luego.

Flor de serafins,
Jesus Nazareno,
Vejam-te meus olhos,
E morra eu sereno.

Véome cautivo
Sin tal compañía
Muerte es la que vivo
Sin vos, vida mia.

Sem tal companhia
Vejo-me cativo
Sem ti, vida minha,
E' morte o que eu vivo.

?Quando vendrá el dia
Que alcéis mi destierro?
Véante mis ojos
Muérame yo luego.

Este meu desterro,
Quando terá fim?
Vejam-te meus olhos
E morra eu, enfim.

No quiero contento,
Mi Jesús ausente,
Que todo es tormento
A quien esto siente.

Prazeres não quero
Meu Jesus ausente:
Que tudo é suplício
A quem tanto o sente.

Solo me sustente
Tu amor y deseo;
Véante mis ojos,
Dulce Jesús bueno.

O amor e o desejo
Me dêem força e luz.
Vejam-te meus olhos,
Doce e bom Jesus.

Véante mis ojos,
Dulce Jesús bueno,
Véante mis ojos,
Muérame yo luego.

Vejam-te meus olhos,
Doce e bom Senhor;
Vejam-te meus olhos,
E morra eu de amor.

A p ê n d i c e IV.

RELAÇÃO XXXV

Na oitava de São Martinho, estando eu no segundo ano do meu priorado no Mosteiro da Encarnação ¹, ao aproximar-me para comungar, vi o Padre Frei João da Cruz, que me ia administrar o Santíssimo Sacramento, partir a sagrada Hóstia e dar metade dela a outra Irmã. Pensei que não era por falta de partículas, e sim por me querer mortificar, em razão de lhe ter eu dito que gostava de hóstias grandes. Bem sei, aliás, que isto não tem importância, pois está o Senhor todo inteiro até no menor fragmento. Disse-me Sua Majestade: “Não temas, filha, que alguém te possa jamais apartar de mim”. Quis com estas palavras dar-me a compreender que efetivamente não importava. ² Logo se representou a mim, como de outras vezes, por visão imaginária, muito interiormente, e, dando-me a mão direita, disse: “Olha este cravo: é sinal de que serás desde hoje minha esposa. Até agora não o tinhas mereci-

1) Em Novembro de 1572.

2) Isto é: não tinha importância a fracção da Hóstia, enquanto à sua Presença real.

do; daqui em diante zelarás a minha honra, não só por ser eu teu Criador, teu Rei e teu Deus, senão como verdadeira esposa minha. Já minha honra é tua, e a tua minha". Foram tais os efeitos desta graça, que fiquei fora de mim. Sentia-me, depois dela, como desatinada, e dizia ao Senhor que ou alargasse minha baixeza ou não me tratasse com tanto favor, pois realmente não me parecia poder meu natural resistir a tais extremos. Estive assim, muito embevecida, durante o dia todo. Tenho experimentado grande proveito, de então para cá, e maior confusão e pesar ao ver como nada faço pelo Senhor em reconhecimento de tão inefáveis mercês.

ÍNDICE

O Castelo Interior	7
--------------------	---

PRIMEIRAS MORADAS

Capítulo I — Em que trata da formosura e dignidade de nossas almas. Faz uma comparação, para explicá-la, e diz quanto é proveitoso entender esta verdade, e ter conhecimento das mercês que recebemos de Deus. A porta deste castelo é a oração	9
---	---

Capítulo II — Trata de quanto é feia a alma que está em pecado mortal e de como aprouve a Deus dá-lo a entender em parte a uma pessoa. De passagem fala também sobre o próprio conhecimento. E' de proveito, porque encerra alguns pontos dignos de nota. Diz como se hão de entender estas moradas	14
---	----

SEGUNDAS MORADAS

Capítulo único — Trata do muito que importa a perseverança para chegar às últimas moradas, e da grande guerra que dá o demônio. Quanto convém, para atingir ao termo, não errar o caminho no princípio. Aconselha um meio de cuja eficácia tem experiência	25
--	----

TERCEIRAS MORADAS

Capítulo I — Trata da pouca segurança que pode haver enquanto se vive neste desterro, mesmo para as almas que chegaram a subido estado e como convém andar com temor. Há alguns pontos proveitosos	33
--	----

Capítulo II — Prossegue o mesmo assunto. Trata das securas na oração e de certas coisas que, segundo lhe parece, podem suceder. Como é mister nos provarmos a nós mesmos, e como prova o Senhor os que estão nestas moradas	39
---	----

QUARTAS MORADÁS

Capítulo I — Trata da diferença que há entre os contentamentos e ternuras da oração e os gostos. Diz quanto se sentiu feliz ao entender que a imaginação e o enten-	
---	--

dimento são duas coisas diversas. E' de proveito para quem se distrai muito na oração 47

Capítulo II — Continua a falar no mesmo assunto. Por uma comparação explica o que são os gostos e diz como chegamos a alcançar sem os ter procurado 54

Capítulo III — Em que explica a oração de recolhimento, a qual costuma dar o Senhor antes da sobredita, que é a dos gostos divinos. Diz os efeitos de uma e de outra 59

QUINTAS MARADAS

Capítulo I — Começa a declarar como na oração se une com Deus a alma. Diz como se conhece não ser engano 68

Capítulo II — Prossegue a mesma matéria. Por meio de uma comparação delicada explica a oração de união e os efeitos que deixa na alma. E' muito de notar 74

Capítulo III — Continua o mesmo assunto. Fala de outro modo de união que pode alcançar a alma com o favor de Deus, e quanto importa para isto o amor ao próximo. E' de grande proveito 82

Capítulo IV — Prossegue o mesmo assunto, declarando mais em particular este gênero de oração. Diz quanto importa andar de sobreaviso, porque o demônio põe tudo em jogo para fazer a alma voltar atrás no caminho começado 88

SEXTAS MORADAS

Capítulo I — Em começando o Senhor a fazer maiores mercês, surgem maiores trabalhos. Menciona alguns e diz como neles devem proceder as almas que estão já nesta morada. E' bom para as que padecem penas interiores 94

Capítulo II — Trata de alguns modos pelos quais desperta Nosso Senhor a alma. Parece que nada há que temer nestes favores, embora muito grandes e elevados 102

Capítulo III — Tratando da mesma matéria, diz os modos pelos quais fala Deus à alma, quando assim é servido. Avisa como se há de haver ela nestas circunstâncias, não se guiando pelo próprio parecer. Dá alguns sinais para se conhecer quando há ou não engano. E' muito proveitoso este capítulo 106

Capítulo IV — Trata de quando na oração suspende o Senhor a alma em arroubamento, êxtase, ou nomes que lhe parecem designar a mesma coisa. Como é mister grande ânimo para receber altas mercês de Sua Majestade 114

Capítulo V — Prosseguindo, diz como levanta Deus a alma por uma operação diferente da que ficou dita. E' o que se chama voo do espírito. Explica várias causas pelas quais é necessário ter ânimo. Procura declarar em parte esta mercê que faz o Senhor de modo muito saboroso. E' de bastante proveito 122

Capítulo VI — Em que diz como a oração explicada no capítulo precedente produz um efeito pelo qual se entende ser graça verdadeira, e não engano. Trata de outra mercê que faz o Senhor à alma com o fim de a mover a seus louvores 128

Capítulo VII — Trata da intensidade da pena que por seus pecados sentem as almas às quais Deus concede as mercês sobreditas. Diz quão grande erro é não se exercitarem, por muito espirituais que sejam, em trazer presente a Humanidade de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e sua Sacratíssima Vida e Paixão, assim como a sua gloriosa Mãe e os Santos. E' de muito proveito 134

Capítulo VIII — Trata de como se comunica Deus à alma por visão intelectual. Dá alguns avisos e diz os efeitos causados por esta visão quando é verdadeira. Aconselha guardar segredo sobre estas mercês 143

Capítulo IX — Trata de como se comunica o Senhor à alma por visão imaginária. Recomenda muito que se guardem de desejar tal caminho. Dá razões para isto. E' de muito proveito 149

Capítulo X — Fala de outras mercês que faz Deus à alma por maneira diferente das sobreditas, e diz o grande proveito que operam 157

Capítulo XI — Trata de uns desejos tão grandes e impetuosos que dá Deus à alma de o ir gozar, que a põem em perigo de perder a vida. Proveito que redundá desta mercê do Senhor 160

SÉTIMAS MORADAS

Capítulo I — Trata das mercês grandes que faz Deus às almas quando chegam a entrar nas sétimas moradas. Diz como, a seu parecer, há alguma diferença entre a alma e o espírito, conquanto sejam a mesma coisa. Há pontos notáveis 167

Capítulo II — Prossegue no mesmo assunto. Diz a diferença que existe entre união espiritual e matrimônio espiritual. Explica-o por meio de delicadas comparações. 173

Capítulo III — Trata dos grandes efeitos causados pela oração sobredita. Cumpre considerá-los atenta e cuidadosamente, porque é admirável a diferença entre estes e os que são produzidos pelas graças anteriores 179

Capítulo IV — Termina, dizendo qual é, segundo lhe parece, o fim que tem Nosso Senhor em vista ao fazer à alma tão grandes mercês, e como é necessário andarem sempre juntas Marta e Maria. E' muito proveitoso 185

Apêndices 197

Palavra telegráfica deste volume broch. **Abca**
Palavra telegráfica deste volume encad. **Adgi**